MAPAS

DO REINO DE

PORTUGAL

E SUAS CONQUISTAS

CATÁLOGO DO ATLAS FACTÍCIO DE

DIOGO BARBOSA MACHADO

Coleção Rodolfo Garcia
Volume 40

MAPAS
DO REINO DE
PORTUGAL
E SUAS CONQUISTAS

CATÁLOGO DO ATLAS FACTÍCIO DE
DIOGO BARBOSA MACHADO

Organização e redação
Marina de Lima Rabelo

Identificação e catalogação
Dulcila Maria Castello Branco Gomes
Jandira da Silva de Jesus
Luiza da Conceição Cordeiro de Mello
Rejane Araújo Benning
Vanda Ferreira Santana

Revisão técnica
Maria Cristina Leal Feitosa Coelho
Maria Dulce de Faria

Estagiários
André Luiz Gomes Coutinho
Ciro Pettersen Marconi

Rio de Janeiro

2016

Coordenadoria de Editoração
Av. Rio Branco, 219, 5º andar – 20040-008 – Rio de Janeiro, RJ
editoracao@bn.gov.br | www.bn.br

Editor
Marcus Venicio Ribeiro

Coordenação Editorial
Raquel Fabio | Valéria Pinto

Preparação de Originais
Rosanne Pousada | Valéria Pinto

Revisão
Adriana Alves | Valéria Pinto

Tratamento de Imagens
Eliane Alves

Estagiários
Danielle Fróes | Rafael Andrade

Reprodução Fotográfica
Otávio Oliveira

Projeto Gráfico e Diagramação
Conceito Comunicação Integrada

FBN / Divisão de Cartografia
Cristina Soares Mathias | Carolina Marques Paula | Ivo Fernandes Lattuca Júnior | Maria Cristina Leal Feitosa Coelho | Uilton dos Santos Oliveira | Maria Dulce de Faria | Vanda Ferreira Santana. Assistentes operacionais: Célia Regina Miranda Alves Gomes | Praxidis Silva das Dores

Capa: CARPINETTI, João Silvério. *Provincia da Estremadura*. Lxa. [Lisboa: s.n.], 1762. 1 mapa, col., gravado em metal, 24 x 17 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:1.300.000].

Segunda e terceira capas: PORTUGALLIAE quae olim Lusitania novissima et exactissima descriptio = Carte generalle de Portugal reveve corigéé et nowellement augmentéé. A Paris: chez Jollain, 1704. 1 mapa, col., gravado em metal, 36,5 x 47,3 cm em f. 40 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:1.234.566].

Quarta capa: STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]. [Lisboa: s.n., 1662]. 7 gravuras em 2 f., água-forte, 55 x 41 cm.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M254

Mapas do reino de Portugal e suas conquistas : catálogo do atlas factício de Diogo Barbosa Machado / organização e redação: Marina de Lima Rabelo. - Rio de Janeiro : FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

232 p. : mapas (alguns col.) ; 40 cm. - (Coleção Rodolfo Garcia ; v.40)

Bibliografia: p. 228-229.

Contém dados biográficos.

Inclui índice.

ISBN-9788533307698

1. Atlas portugueses - Obras anteriores a 1800. 2. Descobertas geográficas portuguesas - Mapas - Obras anteriores a 1800 - Catálogos. 3. Portugal - Mapas - Obras anteriores a 1800 - Catálogos. I. Barbosa, Diogo Machado, 1682-1772. II. Rabelo, Marina de Lima, 1978- . III. Biblioteca Nacional. Coordenadoria de Editoração. IV. Título. V. Título: Catálogo do atlas factício de Diogo Barbosa Machado. VI. Série.

CDD- 912.469

Catalogação na fonte elaborada pelo Setor de Representação Descritiva da Fundação Biblioteca Nacional

MER DU NORD
Embouchure de la Riviere des Amazones
CAPITAINERIE DE PARA
CAPITAINERIE DE MARAGNAN
C DE SIARA
CAP DE RIO GRANDE
C DE PARAYBA
C DE TAMARACA
CAP DE FERNAMBUC
Nation des Tapuyes
AMAZONES
BRESIL
nomme ci-devant
TERRE DE SAINTE CROIX
C DE SEREGIPPE
CAPITAIN. DE LA BAYE
CAPITAINERIE DE RIO DOS ILHEOS
CAPITAIN. DE PORTO SEGURO
C DE SPIRITU SANTO
CAP DE RIO JANEYRO
Nation des Tupiques
les Abrolhos
CHACO
GUAYRA
PARAGUAY

Monumento à realeza

MARCUS VENICIO RIBEIRO
Coordenador-Geral do Centro de Pesquisa e Editoração da Fundação Biblioteca Nacional

"O bibliófilo ama os livros como porção dileta de seu ser, e olha-os como a mais doce consolação de seus dias; [...] É como o pai solícito, porque, bebendo nos livros a ciência que ilumina, e tirando deles o manancial com que enriquece a sua pátria e o seu século de novos tesouros literários, não se descuida todavia de guardar intacto o precioso capital, que deve servir à posteridade agradecida."

Motivos não faltaram ao barão de Ramiz Galvão – o notável diretor da Biblioteca Nacional no período de 1872 a 1884 e autor desse comovente elogio aos colecionadores de livros e documentos – para iniciar com um estudo sobre a Coleção Barbosa Machado a publicação dos *Anais da Biblioteca Nacional*, o mais antigo periódico da Casa, não por acaso por ele criado em 1876.

Não é a quantidade de documentos, por sinal nada desprezível (4.301 obras em 5.764 volumes, divididos em 34 classes), e sim a importância da "narrativa" (na perspectiva do historiador) e da memória (na ótica do bibliotecário) então constituídas, que faz da livraria organizada durante mais de cinco décadas um dos conjuntos bibliográficos mais preciosos da Biblioteca Nacional. Ainda em vida, seu titular a doou a d. José I, para ajudar a reconstruir a Real Biblioteca, que havia sido destruída pelo terremoto ocorrido em Lisboa em 1755.

Diogo Barbosa Machado nasceu na capital portuguesa em 1682. Em 1708, ingressou na Faculdade de Direito de Coimbra, mas por motivo de doença não concluiu os estudos. Membro desde a juventude da Congregação do Oratório, foi ordenado presbítero e, em 1728, nomeado abade da paroquial igreja de Santo Adrião de Sever, na freguesia de Sobretâmega, bispado do Porto. Logo deixou o cargo e retornou a Lisboa, onde, com recursos da pensão obtida, dedicou-se a formar sua biblioteca e a preparar, como membro que era da Academia Real de História Portuguesa, criada em 1721 por d. João V, duas obras monumentais: a *Bibliotheca lusitana*, "uma das mais gigantescas empresas, que naquela época se puderam planear",[1] e as *Memórias para a história de Portugal que compreendem o governo del rey D. Sebastião*.

[1] GALVÃO, Ramiz. Diogo Barbosa Machado. *Annais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,* Rio de Janeiro, v. 1, p. 16, 1876.

Em tempos de consolidação dos modernos Estados europeus e de fortalecimento dos vínculos de dependência entre os reis e suas cortes, a constituição de memórias, seja por iniciativa particular, seja por iniciativa pública, e as ações destinadas a preservar os testemunhos do passado, como valorizar a língua e a história nacionais, tinham inequívoco significado estratégico.

Já na primeira metade do século XV, o Estado português havia criado o seu Real Arquivo, também conhecido como Arquivo da Torre do Tombo. E nesse mesmo século, segundo observa um autor,[2] os antigos livros de linhagens vinham sendo substituídos pelas crônicas de monarcas e infantes, de que são exemplos as obras de Fernão Lopes, cronista-mor do Reino, que narram as virtudes de d. Pedro (1357-1367), d. Fernando (1367-1383) e d. João (1385-1433).

No século XVII, eruditos antiquários, esses obsessivos coletores de livros, periódicos, manuscritos e outros documentos, já povoavam a cena cultural com suas admiráveis coleções. Em Portugal, o grande nome era Manoel Severim de Faria (1583-1655), "o mais célebre antiquário de seu tempo", segundo a mesma *Bibliotheca lusitana*, além de ter escrito livros, catálogos, genealogias e inspirar nossa primeira *História do Brasil*, obra escrita a seu pedido pelo frei brasileiro Vicente do Salvador.

No XVIII, quando foi reconhecida a importância probatória dos documentos, Barbosa Machado tornou-se talvez a principal referência na bibliofilia em Portugal. Sua magnífica coleção, descrita por ele próprio num catálogo simples, assentava, ao juízo de Ramiz Galvão, "os fundamentos da bibliografia portuguesa". Listava "quase todas as edições originais de poetas e historiadores portugueses e castelhanos, quase todos os autores ascéticos que escreveram nestas duas línguas", como também as obras mais notáveis do amplo leque de conhecimentos humanos mencionados no índice.[3]

Um dos destaques são as *coleções factícias*, extensas compilações de documentos de uma mesma espécie – folhetos, estampas, mapas –, sobre um mesmo assunto e em forma de livro, a que não faltavam folhas de rosto criadas pelo próprio titular. Ordenados cronologicamente, formavam preciosas séries documentais, singulares discursos, com muitos narradores (pois diversa é a autoria), mas cuja lógica de compilação e organização era criada pelo colecionador. As maiores séries, guardadas na Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, são as de folhetos: cerca de 150 volumes sobre assuntos como genetlíacos dos reis, rainhas e príncipes, epitalâmios dos monarcas, elogios, aplausos oratórios e poéticos pela saúde dos reis, elogios fúnebres, notícias militares de reis, notícias das possessões na Índia, América e África, sermões (de aclamação, nascimentos, desposórios e exéquias...), vilancicos etc.

Memória e ideais de cultura de reis, da aristocracia secular e eclesiástica, dos homens de ciências e de letras, entre os quais o próprio Barbosa Machado: todos dignificados no panteão dos "varões ilustres", todos eles insignes forjadores das glórias da Monarquia. Seu passado eminente e heroico deveria ser exaltado e preservado como *exemplo* para os governantes e para as gerações futuras.

Tais concepções, vigentes ainda no século XVIII, subordinavam-se a preceitos éticos, políticos e teológicos subjacentes à noção clássica de história: a *história mestra da vida*, que ensina e valoriza os bons exemplos, que orienta os

[2] ANDRADE, Luiz C. de. *A narrativa da vontade de Deus*: a *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2014.

[3] GALVÃO, op. cit., p. 16 e 30.

governantes, que elogia e censura.[4] A história tal como a entenderam Homero, Aristóteles, Cícero, e que seria consagrada pelo padre Rafael Bluteau em seu *Vocabulário português e latino...*, publicado em 1712:

> [...] narração de cousas memoráveis, que têm acontecido em algum lugar, em certo tempo, e com certas pessoas, ou nações. [...] A história é [...] a testemunha do tempo, a luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida, e a mensageira da Antiguidade.

Outras séries organizadas por Barbosa Machado são as de *retratos* (da elite monárquica, por certo, segundo a lógica hierarquizante das sociedades estamentais), e as de *armas*, ambas armazenadas na Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional. E ainda, em quantidade compreensivelmente menor, mas não menos significativa, a coleção de *mapas*, *vistas* e *plantas* (138 registros em 134 folhas de um único volume), custodiada pela Divisão de Cartografia e que agora, com a publicação deste catálogo ilustrado, chega ao conhecimento público.

* * *

[4] Cf. HANSEN, João Adolfo. Colonial e barroco. In: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *América*: descoberta ou invenção: 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992; PÉCORA, A. *Teatro do sacramento*: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Edusp; Campinas: Edunicamp, 1994; SINKEVISQUE, Eduardo. *Retórica e política*: a prosa histórica dos séculos XVII e XVIII: introdução a um debate sobre gênero. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – USP, São Paulo, 2000; CALDEIRA, Ana P. S. C. *Colecionar, escrever a história*: a história de Portugal e de suas possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007; ANDRADE, op. cit.

Antes mesmo de criarem a escrita, os homens fizeram desenhos, croquis, mapas para representar o conhecimento espacial, como também se puseram a ordenar o tempo. Não há memória, nem história, que possa abrir mão dessas duas coordenadas, *espaço* e *tempo*. Elas são condições do discurso histórico e de uma geografia que, cada vez mais, enlaça seus objetos e procedimentos metodológicos com os da história.

Sabe-se que é o comércio, as disputas territoriais e as guerras o que mais influi para o desenvolvimento da cartografia. Nos séculos XV e XVI em especial, a expansão marítima e comercial iria conferir novas dimensões à representação do mundo, fazendo crescer a necessidade de mapas e o seu papel estratégico na política de defesa dos novos Estados nacionais. Esses fatos cartográficos se revelam já no modo como a coleção foi organizada por Barbosa Machado: da metrópole para as regiões colonizadas da América Portuguesa, da África e da Ásia. E também pela frequência de registros de fronteira, fortes, relevo, povoamento, sinais estes indicativos de seu inequívoco significado geopolítico.

Patrimônio exclusivo da Biblioteca Nacional, o atlas barboseano talvez seja o único desse tipo feito na época em Portugal. Abrange peças dos séculos XVI a meados do XVIII, muitas delas belíssimas (uma característica da ciência e arte cartográficas), elaboradas por renomados desenhistas e gravadores europeus. Sobre o Brasil, há o famoso atlas manuscrito de João Albernaz II, membro de conhecida família portuguesa de cartógrafos; um mapa, também manuscrito, de Antônio Sanches; e um conjunto de mapas e vistas desenhados por Andrea Antônio Orazi e gravados por Hubert Vincent.

Mapas do Reino de Portugal e suas conquistas coroa, pelo menos em parte, as sucessivas iniciativas desta Casa, desde os tempos de Ramiz Galvão e de

José Zeferino de Menezes Brum, destinadas a organizar e catalogar a livraria do abade. Foram anos de esforço, inimaginável para os leigos, de catalogação peça por peça, em que se identificou a origem dos mapas, seus autores, as obras das quais eles foram extraídos, datas de confecção e publicação. Só a descrição de um único mapa envolve o levantamento de dezenas de informações, como a verificação de marca d'água (que pode indicar a época em que foi confeccionado), de dados matemáticos, como escalas gráficas, troncos de léguas, rosa dos ventos, meridianos de origem, coordenadas geográficas, e ainda das técnicas de desenho e de gravação, da coloração, do suporte empregado, dimensões, textos, área geográfica abrangida etc.

Um imenso trabalho de pesquisa histórica e documental, diligência técnica e muita paciência, cujo resultado, a não ser quanto ao móvel inspirador, nada fica a dever aos célebres estudos de cartografia histórica no Brasil efetuados por profissionais como Jaime Cortesão, Isa Adonias e Max Justo Guedes; e que se soma aos de uma plêiade nova de especialistas hoje atuantes em diversas universidades e instituições de memória brasileiras.

Erasmo, em *De ratione studii* (1511),[5] ecoando Aristóteles e São Tomás de Aquino, fez a seguinte postulação: "a melhor memória funda-se em três coisas da máxima importância: estudo, ordem e cuidado" – qualidades que não faltaram ao eminente erudito lusitano, nem à capacitada equipe da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional, responsável por oferecer a todos os interessados, cerca de 250 anos depois de sua confecção, este memorável atlas, real tesouro legado por um homem que amava os livros.

[5] Apud LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi, volume 1*: memória-história. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1984.

Introdução

MARIA DULCE DE FARIA
Chefe da Divisão de Cartografia
da Fundação Biblioteca Nacional

Esta publicação oferece aos estudiosos da cartografia nos países lusófonos e ao público leitor em geral o atlas factício *Mappas do reino de Portugal e suas conquistas, com as vistas de suas principaes cidades. Collegidos por Diogo Barboza Machado, abbade da Paroquial Igreja de S. Adrião de Sever, e academico real*, de fundamental importância para o desenvolvimento de pesquisas nessa área.

Diogo Barbosa Machado, escritor e bibliófilo dedicado a assuntos portugueses, compôs esta coleção cartográfica factícia, reunindo em um único volume encadernado mapas, plantas, vistas e gravuras retirados de publicações impressas e documentos manuscritos. Criou também uma página de rosto para o atlas factício, contendo o título, seus dados pessoais e seu brasão.

A coleção pertencia ao acervo particular do abade de Santo Adrião de Sever e, após sua morte, foi doada à Real Biblioteca, juntamente com todo o seu acervo, para ajudar a reconstruir a antiga livraria de D. José, que fora destruída pelo terremoto ocorrido em Lisboa em 1755. Entre 1810 e 1812, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, a Real Biblioteca veio para o Rio de Janeiro – e com ela a mencionada coleção cartográfica, ficando tudo armazenado no Convento do Carmo. Mais tarde, com o nome de Biblioteca Pública da Corte do Rio de Janeiro, o acervo foi transferido para a rua do Passeio, onde hoje está situada a Faculdade de Música da UFRJ. Em 1910, já com o nome de Biblioteca Nacional, toda a coleção foi removida para a nova sede construída na avenida Rio Branco, 219. O atlas e o restante da documentação cartográfica ficaram no segundo andar do novo prédio, junto com o acervo iconográfico. Em 1998, com a criação da Divisão de Cartografia, todo o acervo de mapas e afins foi transferido para o terceiro andar, passando a ocupar o lado direito da sala onde funciona a Divisão de Manuscritos.

Mappas do reino de Portugal e suas conquistas arrola documentos sobre Portugal, áreas colonizadas e/ou conquistadas entre os séculos XVI e XVIII. E é mencionado na *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, relevante obra de referência editada em Portugal.

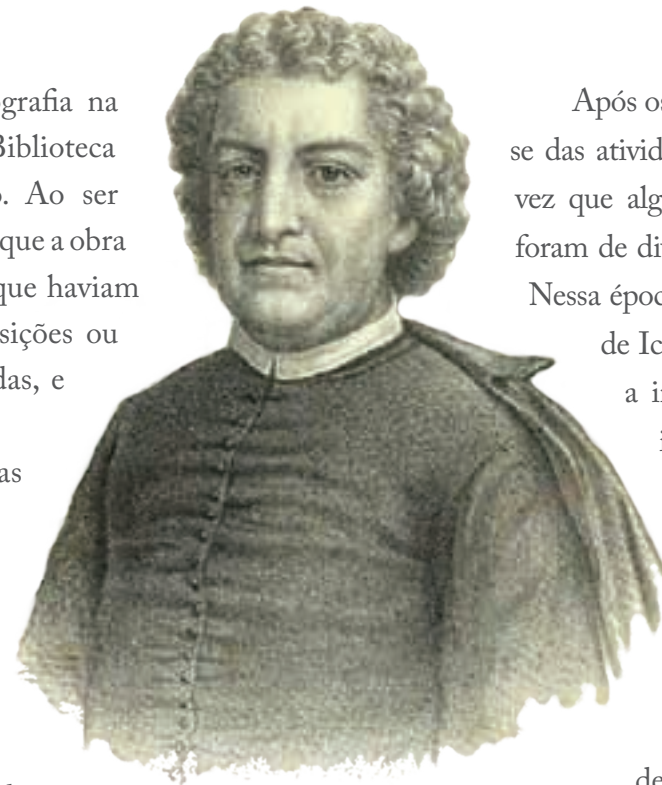
Em 1967, na Exposição Barbosa Machado, foram postos à mostra livros, gravuras e alguns mapas desmembrados do atlas. Nessa época, foi publicado um catálogo, no qual, segundo observou Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, antiga chefe do setor de Iconografia da Biblioteca, foram publicados alguns mapas manuscritos do atlas factício já estudados, descritos e reproduzidos na obra *Portugaliae monumenta cartographica*. Os demais documentos do atlas factício seriam analisados e deveriam ser divulgados nos *Anais da Biblioteca Nacional*, o que não chegou a ocorrer.

Cecília Duprat de Britto Pereira, chefe da Iconografia na década de 1980, no seu relatório de 1986 à Diretoria da Biblioteca Nacional, recomendou que o atlas fosse microfilmado. Ao ser preparado para a microfilmagem,[1] verificou-se, no entanto, que a obra estava incompleta devido ao fato de que algumas cartas que haviam sido retiradas da encadernação para figurarem em exposições ou serem reproduzidas para publicação não foram reinseridas, e por isso não foram microfilmadas.

Em 1997, o volume encadernado e as folhas soltas foram inventariados e desmembrados para serem uns higienizados, outros restaurados. Tempos depois, a equipe[2] do Centro de Conservação e Encadernação apresentou, em congresso da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais (Abracor) em São Paulo, o trabalho "Conservação de documentos planos: Coleção Diogo Barbosa Machado, mapas do reino de Portugal". Nesse trabalho, foi feita uma descrição do estado do atlas:

> A obra possuía meia encadernação com cantos em couro e papel marmorizado, perda de lombadas, ruptura na costura, descoloração e guardas confeccionadas em papel industrial, extremamente fragilizadas; folha de rosto e miolo impressos em papel trapo, apresentando deteriorações por insetos, intervenções anteriores, perda de suporte (SPINELLI JR., 2000).

[1] O volume microfilmado já havia sofrido intervenções, pois a encadernação não era original.

[2] A equipe era formada por Jayme Spinelli Jr., Jucemir R. dos Santos, Katia Inês Berwanger e Rosimeri Rocha da Silva.

Após os cuidados de preservação, a Divisão de Cartografia incumbiu-se das atividades de análise, pesquisa e catalogação. Trabalho árduo, uma vez que alguns dos documentos que compõem o atlas, subtraídos que foram de diversas obras, tiveram diferentes edições, gravadores e editores. Nessa época, Mônica Carneiro Alves, inventariando o acervo da Divisão de Iconografia, encontrou uma pasta que continha seis mapas com a inscrição "Barbosa Machado". Constatamos que essas cartas integravam originalmente a obra *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, da qual uma parte figura no atlas factício. Como esses mapas traziam também a inscrição "Barbosa Machado", decidimos considerá-los como pertencentes à coleção formada pelo abade de Santo Adrião de Sever.

Coube-nos a revisão técnica e a supervisão dos trabalhos da Divisão de Cartografia, cuja equipe tem se dedicado, desde 1998, à pesquisa, análise, identificação e catalogação minuciosa da coleção. Ressaltamos o trabalho das bibliotecárias Dulcila Maria Castello Branco Gomes, Vanda Ferreira Santana, Jandira da Silva de Jesus, Luiza da Conceição Cordeiro de Mello e Rejane Araujo Benning. A organização do catálogo e a redação coube à historiadora Marina de Lima Rabelo; a bibliotecária Maria Cristina Leal Feitosa Coelho colaborou, com dedicada eficiência, na revisão de todo o trabalho de catalogação. Participaram de diferentes etapas do desenvolvimento, apresentando valiosa colaboração, os bolsistas André Luiz Gomes Coutinho e Ciro Pettersen Marconi, alunos do curso de História da Uerj. O catálogo contém ainda índices onomástico e temático, além de dados biográficos dos autores e editores.

Passados quase cinquenta anos da Exposição Coleção Diogo Barbosa Machado, o atlas cartográfico factício chega à última etapa com a publicação desta obra.

A coleção

Vibra chamando, e aqui convoca
O inteiro exército fadado
Cuja extensão os polos toca
Do mundo dado!

Aquele exército que é feito
Do quanto em Portugal é o mundo
E enche este mundo vasto e estreito
De ser profundo.

Quinto Império. Fernando Pessoa

O mundo se abre quando colocamos os olhos sobre a coleção de mapas de Diogo Barbosa Machado. O atlas *Mappas do reino de Portugal e suas conquistas*, coligido, com meticulosa e singular ciência, por esse abade português extrapola os limites do território peninsular, avança sobre continentes, desponta em cidades distantes. Portugal, como testemunha esta coleção, parte em longas e sucessivas viagens de conquista, cumprindo o ser destino histórico.

O trecho do poema de Fernando Pessoa ilustra a amplidão desses domínios nos tempos em que monarcas e súditos exaltavam a supremacia territorial de Portugal. Nem o colecionador nem o poeta punham em dúvida que o império colonial português abarcava todo o Universo. O "mundo dado" passava pelas ilhas atlânticas, pela África, pela América e pela Ásia; e é esta a vasta extensão de terra que está representada na cartografia do colecionador Barbosa Machado.

Toda a coleção de Diogo Barbosa Machado encerra sua trajetória em terras coloniais e há duzentos anos está depositada na Biblioteca Nacional. Percorrer os caminhos por ela trilhados é levantar o passado de Portugal, reconstituir suas fronteiras, reconhecer fatos de sua história e a trajetória de seus monarcas. Paira sobre os documentos que a compõem a memória das viagens que a alargaram. Além do conjunto de mapas, há imagens de grandiosidade e força do império português que dão um caráter de memória nacional a essa coleção, a maior parte dela consistindo de volumes de recortes de retratos e opúsculos, todos eles compilados pelo bibliófilo.

O amplo e diverso conjunto documental reunido durante sua vida, entre livros raros, rica iconografia, textos manuscritos e um volume de documentos cartográficos, está hoje distribuído em seções especializadas da Biblioteca Nacional. Como é próprio a todos os colecionadores, Barbosa Machado tinha uma lógica peculiar de organização. O que mais impressiona em muitas dessas obras factícias é o fato de esse personagem ter "recortado e colado", literalmente, estampas de diversas autorias – os autores são de diferentes nacionalidades – para elaboração de uma "nova" obra, com título e autoria atribuída a ele mesmo na página de rosto de cada um dos volumes, em cujas capas, aliás, figurava seu ex-libris ou seu brasão pessoal. Vale notar o cuidado que o colecionador teve ao compor sua coleção, pois não se encontra, em todos os volumes, inclusive no atlas, uma só imagem mal recortada ou mal colada. Em alguns casos, chega a ser difícil perceber se a obra está colada ou foi gravada na folha de base. Sabe-se, no entanto, que esse tipo de compilação foi realizado por outros colecionadores durante o século XVIII, como é o caso da obra que integra o acervo da Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional *Le grand théâtre de l'Univers*, constituída de 7.318 estampas.

Esse catálogo da coleção de mapas formada por Barbosa Machado arrisca seguir os caminhos traçados pelo colecionador para montar, por meio de vestígios, o quebra-cabeça do mundo português moderno. Por sua importância particular no conjunto documental da Biblioteca Nacional, a coleção foi objeto de várias tentativas de organização e catalogação, como confirmam os depoimentos históricos de Santos Marrocos, que supervisionou a transferência para o Brasil do segundo lote do acervo da Real Biblioteca e foi aqui um de seus primeiros "arranjadores"; Ramiz Galvão, o notável dirigente da Biblioteca Nacional entre 1870 e 1882; e José Zephyrino de Menezes Blum, que chefiou a antiga Seção de Estampas. Esses três ilustres personagens alertaram para os extravios e as intervenções que a coleção Barbosa Machado sofrera em sua forma original, mesmo antes da sua chegada ao Brasil. Acredita-se, por exemplo, que parte do conjunto de estampas foi recomposta durante o processo de sua organização no Brasil, no século XIX, pelos próprios funcionários da Biblioteca. Este fato decerto concorreu para a dispersão de parte dessa documentação, sendo provável também que as tentativas de recomposição da coleção tenham alterado a sua forma original.

A formação da coleção de Barbosa Machado teve início, provavelmente, em meados do século XVIII e se estendeu até o ano de 1770, quando o acervo foi doado à Real Biblioteca. O atlas, em particular, sofreu intervenções, não sendo possível assegurar que não lhe foi acrescida ou retirada alguma peça após a morte do colecionador ou durante as operações de reencadernação.

A sequência em que as cartas geográficas se apresentam no microfilme menos ainda nos ajudaria nesse propósito, pois a reprodução foi feita a partir de uma nova encadernação.

Nos últimos anos a equipe da Divisão de Cartografia se esforçou para tentar recuperar a organização original do material compilado por Barbosa Machado. Ao catalogarem peça por peça do atlas, os funcionários envolvidos na preparação

MAPPAS
DO REINO
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS
COLLEGIDOS
POR
DIOGO BARBOSA MACHADO,
Abbade da Paroquial Igreja de S. Adriaõ de Sever, e
Academico Real.

deste catálogo procuraram levantar a origem de cada uma, identificar os prováveis autores, as obras de que fizeram parte e a data de sua produção e publicação. Somente assim se poderia compreender a maneira pela qual Barbosa Machado a organizou. Observou-se, por exemplo, que o colecionador não se preocupava em identificar suas fontes documentais e, em alguns casos, fazia questão de suprimir a autoria da obra. Havia, decerto, uma valorização do documento por parte deste membro fundador da Academia Real de História Portuguesa (instituição interessada em restituir a glória ao povo lusitano), ao constituir uma coleção pessoal e única, de alto sentido histórico e memorialístico; mas sem conferir ao documento, como era usual nos séculos XVII e XVIII, a importância que ele e a pesquisa documental só iriam adquirir no século XIX.

Os critérios pessoais utilizados pelo colecionador para ordenar cada folheto, mapa ou imagem de toda a sua coleção se fundamentaram primeiro na afinidade temática e, em seguida, na cronologia. Barbosa Machado identificava um assunto específico para cada obra factícia e então listava os documentos que a iriam compor, segundo sua disposição histórico-temporal. Um livro factício cujo tema versava, por exemplo, sobre os retratos da realeza portuguesa tinha seus documentos dispostos conforme a sucessão dinástica. Para o atlas, Barbosa Machado provavelmente reuniu os documentos tendo por parâmetro o critério geográfico. Podemos supor que ele relacionou, no início, os mapas referentes a Portugal e, na sequência, os mapas das terras conquistadas: ilhas atlânticas, América, África e Ásia, respectivamente. Não registrou, no entanto, em nenhum momento, a data de gravação ou publicação do material como base para sua ordenação.

As folhas do atlas abrangem uma imensidão de temas e ideias que excedem o caráter inicial que Barbosa Machado teria desejado imprimir à sua coleção de mapas. As peças que a constituem parecem ligar-se, desde o princípio, por um parentesco secreto; sua dispersão nada mais seria que o efeito acidental

de desencontros no tempo e no espaço. O destino delas era ser reagrupadas, dispostas no conjunto – um livro, um atlas – a que deveriam pertencer desde a origem. Na compilação documental de Barbosa Machado, é possível encontrar projetos de edificações que nunca existiram e cidades fortificadas que deixaram de existir. Constituídos, em sua maioria, de mapas impressos em metal e de alguns exemplares manuscritos bastante raros, esses documentos compreendem, em sua variedade, vistas de cidades, plantas de fortalezas, alguns atlas e gravuras relacionadas ao assunto da cartografia. Ora esses documentos se destacam pela referência estratégica e histórica, ora pela beleza do traçado cartográfico.

Essa singular organização não favorece, entretanto, a indicação exata do número de peças que formam a coleção. Há casos de imagens coladas em uma mesma folha e outras que constituem um atlas. Contabilizam-se, assim, 138 registros catalográficos num total de 134 folhas armazenadas em três gavetas de uma mapoteca da Divisão de Cartografia.

Em vista de aplicar a esse catálogo um critério de disposição tão próximo quanto possível do que fora adotado por Barbosa Machado, a ordem dada às obras obedece a uma lógica temática, por vezes retificada a partir da análise do seu microfilme, uma vez que o material correspondente foi desmembrado para ser higienizado e/ou restaurado. Dessa forma, os documentos estão dispostos em cinco grandes conjuntos que representam as regiões geográficas abarcadas pela coleção.

O primeiro conjunto de mapas se restringe ao reino português peninsular, seguido pela documentação sobre as cidades portuguesas continentais. Nessas duas séries, produzidas entre os séculos XVI e XVIII, ressalta a preocupação com o conhecimento detalhado do território, predominando a representação do relevo, vegetação e povoamento. Hoje as plantas das cidades continentais também sobressaem por revelar o modo como ocorreu a expansão intramuros e extramuros das cidades. O mapeamento dessas fortalezas representa a constituição da fronteira

fortemente armada entre Portugal e Espanha, motivo de várias contendas entre os dois países, que, mesmo tendo sido ligados por uma só coroa no tempo da União Ibérica, se enfrentaram diversas vezes por questões territoriais.

O terceiro grupo de cartas geográficas trata das ilhas de Açores e Madeira e é composto por dez documentos manuscritos e dois gravados. Entre os manuscritos, apenas um teve autoria e datação confirmadas: a primeira planta da cidade do Funchal. O estilo do traçado e a concepção geral dos outros nove manuscritos sugerem que alguns desses teriam sido elaborados pelos mesmos autores.

As representações sobre o Brasil compõem a quarta série documental, referente aos mapas e vistas panorâmicas que representam terras da América do Sul. Impressionam, pela beleza dos traços manuscritos, o *Atlas do Brasil*, ca. 1666, em cujas 16 folhas o autor João Teixeira Albernaz II fornece rica descrição da costa brasileira, e o mapa *Brazil*, cuja autoria Max Justo Guedes atribuiu ao cartógrafo Antônio Sanches. O litoral brasileiro está também representado pelos mapas e vistas desenhados por Andrea Antonio Orazi e gravados por Hubert Vincent, no livro *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, de João José de Santa Teresa. No último conjunto, foram reunidos os mapas da África e Ásia, nos quais são representadas as principais cidades coloniais portuguesas nesses continentes. São mapas, vistas e plantas gravados em metal e apenas uma planta manuscrita, *Castelo Velho da Mina.* As ilhas de Santa Helena e Ascensão foram inseridas nessa série devido às suas proximidades ao continente africano, apesar de serem ilhas do Atlântico.

Portugal continental

A primeira série de documentos cartográficos reunidos por Diogo Barbosa Machado atende, na maior parte dos casos, ao critério geográfico[1].

São 37 mapas confeccionados entre os séculos XVI em sua maioria, o século XVIII. A língua francesa domina a escrita desses documentos, apesar de haver outros em latim, português e espanhol. Em todas as cartas, a técnica utilizada foi a gravura em metal. Poucas são aquareladas, e quando há cores é, na maioria das vezes, para destacar as linhas de fronteira com a Espanha e entre as regiões do reino português.

Nenhum desses mapas abarca toda a Península Ibérica, tampouco apresenta maior detalhamento do território espanhol. Essa característica faz pensar no valor político que este conjunto documental projetou ao exaltar a posição portuguesa frente à ameaça espanhola após o fim do período de união das duas Coroas. Há vários exemplares de mapas que se destacam pela valorização do desenho das terras de fronteira com a Espanha, assinalando caminhos, pontes e fortificações na extensão da região limítrofe. Muitos deles trazem textos que descrevem a geografia, enumeram topônimos de rios, cabos e vilas de Portugal e dissertam sobre o domínio português nos quatro continentes.

Três cartas desse conjunto utilizam como modelo o mapa de Portugal continental de Fernando Álvares Seco, o primeiro que se conhece sobre o reino português, publicado em Roma em 1561. As cartas podem ser identificadas porque o norte do território português está orientado para a direita da folha. Essa representação valoriza a geografia a oeste, detalhando principalmente o litoral e a hidrografia, não obstante a pouca precisão das descrições cartográficas. Durante os séculos XVI e XVII, essas cartas foram remodeladas, gravadas e editadas pelos renomados Gaspard Bouttats, Gerard Jollain e pela família Blaeu.

Algumas dessas cartas representam exclusivamente cada uma das seis províncias em que Portugal se dividia: Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura, Alentejo e Algarve. Essa divisão foi alterada em 1976, mas os nomes tradicionais das províncias continuam a ser usados. Nesta série, cada região é representada com três documentos de pequena dimensão dispostos em uma folha, podendo, por vezes, ocupar o verso. Diogo Barbosa Machado raramente colava desenhos ou gravuras no verso das folhas onde já havia alguma imagem, por isso é provável que ele tenha adotado esse procedimento pouco usual apenas para agrupar estampas de localizações geográficas iguais, ainda que com autorias distintas. Nenhuma região sobressai, porque há praticamente a mesma quantidade de documentos para cada uma delas, exceto a província do Alentejo, que é contemplada com uma imagem a mais, intitulada *Descripsão da provincia de Alemtejo*, de Bartolomeu de Sousa.

A concepção gráfica dessa pequena série de mapas das províncias portuguesas é muito semelhante, o que nos leva a pensar que os grupos de títulos com o mesmo autor tenham sido retirados de uma única obra. À exceção do trabalho de Bartolomeu de Sousa, revezam-se na autoria dessas imagens os gravadores Laurent, Grandpré e Carpinetti. Todas as imagens de Grandpré das províncias de Portugal foram editadas em 1730, as de Carpinetti em sua maioria são datadas de 1762 e as de Laurent não apresentam datas, mas é provável que tenham sido confeccionadas na segunda metade do século XVIII.

[1] Os mapas desta série referem-se ao território português na Europa e sua disposição neste catálogo acompanha a sequência estabelecida quando foram microfilmados, não correspondendo exatamente à sua localização física no acervo da Biblioteca Nacional.

1

NOLIN, Jean Baptiste. *Le Royaume de Portugal*: divisé en cinq grandes provinces et subdivisé en plusieurs territoires avec le royaume des Algarves, le Stramadoura Espagnol et partie d'Andalousie... A Paris: chez I. B. Nolin, 1724. 1 mapa, col., gravado em metal, 64 x 46 cm em f. 75 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:1.100.000].

ARC.016,07,002

Relevo representado de forma pictórica.
Escala gráfica: "Quarante milles d'Italien" [=7 cm].
Escala gráfica: "Douze lieües communes d'Espagne" [=7 cm].
Escala gráfica: "Saize lieües communes de France" [=7 cm].
Aquarelado nos limites entre as províncias e na fronteira com a Espanha.
Ressalta as principais cidades portuguesas. Apresenta interessante descrição do Reino de Portugal, que inclui, por exemplo, o clima, o povo português, a adoração pela religião católica romana e as mulheres habitantes da região.

2

DUVAL, P. (Pierre). *Royaume de Portugal*. A Paris: chez l'autheur..., 1676. 1 mapa, gravado em metal, 54,5 x 42 cm em f. 60,2 x 46 cm. Escala [ca. 1:9.800.000].

ARC.016,09,013

Gravado por N. Michu.
Mostra as linhas divisórias entre as diferentes regiões portuguesas.
Fornece a relação das ilhas e colônias da Coroa portuguesa.
Escala gráfica: 20 "Eschelle lieues de France, chacune de trois mille pas geom." [=9,3 cm] e 10 "Lieues de l'Espagne" [=4,4 cm].
Cartuchos ornamentados.
Brasão de Portugal no cartucho de título.
Relevo representado de forma pictórica.

3

FER, Nicolas de. *Les frontieres d'Espagne et de Portugal*: ou se trouve le royaume de Portugal divisé en ses cinq grandes provinces d'Entre Douro et Minho, de Bejra, d'Estramadura portugaise, et d'entre Tage et Guadiana ditte Alentajo, et de Tralos Montes, le royaume d Algarve au roy de Portugal: partie des royaumes de Grenade, d Andalousie, de Castille, de Leon, et de Galice, et l'Estramadura espagnole, au roy d'Espagne le detroit de Gibaltar et les environs de Cadiz. A Paris: chez l'auteur, 1705. 1 mapa, col., gravado em metal, 57,5 x 43 cm em f. 76 x 54 cm. Escala [ca. 1:1.500.000].

ARC.016,07,003

Gravado por P. Starckman.
Destaca rios, cidades e vilas.
Relevo representado de forma pictórica.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Possui as coordenadas geográficas dos seguintes locais: Cabo de São Vicente, Lisboa, Estreito de Gibraltar, Tânger (Marrocos), Ceuta e Madri.
Escala gráfica: "vingt lieües d'Espagne" [=7,8 cm].
Escala gráfica: "vingt cinq lieües de France" [=7,8 cm].
Aquarelado nos limites entre as províncias e na fronteira com a Espanha.
Representa as fronteiras de Espanha e Portugal após o período de domínio espanhol.

4

BESSON, Jean. *Royaume de Portugal et partie d'Espagne*: dressé sur des memoires envoyez de Lisbonne et de Madrid. A Paris: chez l'auteur, 1704. 1 mapa em 2 f., gravado em metal, 52,5 x 73 cm em f. 54,5 x 77 cm. Escala [ca. 1:793.649].

ARC.016,07,004-005

Dedicatória ao marquês de Torcy, Jean-Baptiste Colbert.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "20 lieües communes d'Espagne" [=14 cm].
Escala gráfica: "18 lieües communes de Portugal" [=14 cm].
Escala gráfica: "25 lieües communes de France" [=14 cm].
Relevo representado de forma pictórica.
O mapa está dividido em duas seções e é bem detalhado quanto às regiões portuguesas. No canto esquerdo do mapa, há larga descrição de cada território do Reino de Portugal, que continua na seção seguinte. A segunda seção enumera os principais rios, cabos e portos desse reino.

Parte do item 4 (BESSON, Jean. *Royaume de Portugal et partie d'Espagne:* dressé sur des memoires envoyez de Lisbonne et de Madrid). Segunda seção.

5

NOUVELLE carte du Portugal: dre[s]see sur les [...] remarques des plus habiles Geographes D l'Spagne et de Portugal = Nova Portugalliae Tabula: juxta Rec[e]ntiores Hispaniae et Portugalliae Geographos delineata. Amstelaedami: excudit Franciscus Halma, [entre 1700 e 1710]. 1 mapa, col., gravado em metal, 52 x 67 cm em f. 54 x 70 cm. Escala [ca. 1:1.543.208].

ARC.016,07,006

Destaca cidades, vilas, rios e caminhos.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "Milliaria hispanica communia 17,5 in uno gradu" [=7,2 cm].
Escala gráfica: "Milliaria germanica communia 15 in uno gradu" [=7,2 cm].
Escala gráfica: "Millaria gallica communia quorum 20 in uno gradu" [=7,2 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Aquarelado nos cartuchos e nas demarcações de fronteiras entre os reinos de Portugal e Algarve e regiões da Espanha.
Alguns topônimos estão assinalados em latim.
Cartuchos de título e escala bastante ricos em iconografia, com anjos, dragões e deuses da mitologia clássica.

6

BOUTTATS, Gaspard. *Portugallia et Algarbia quae olim Lusitania.* [Viena: s.n., 16--]. 1 mapa, gravado em metal, 33,5 x 41,7 cm em f. 40,5 x 54,7 cm. Escala [ca. 1:1.194.741].

ARC.016,07,007

Relevo representado de forma pictórica.
Destaca cidades e rios.
Contém duas rosas dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "12 miliarum Hispanicorum" [=6,2 cm].
Escala gráfica: "10 miliarum Germanicorum" [=6 cm].
Faz parte de uma série documental baseada em desenhos de Fernando Álvares Seco que representam o território de Portugal com o norte orientado para a direita do mapa. Difere das demais reproduções de Seco por conter poucos topônimos. Foi gravado pelo artista de Viena Gaspar Bouttats, que publicou obras conhecidas entre os anos de 1673 e 1718.

7

BLAEU, Willem Janszoon. *Portugallia et Algarbia quae olim Lusitania*. Amsterdami: Apud Guiljelmum et Joannem Blaeuw, [1640]. 1 mapa, gravado em metal, 38,5 x 50 cm em f. 40,5 x 55 cm. Escala [ca. 1:1.175.777].

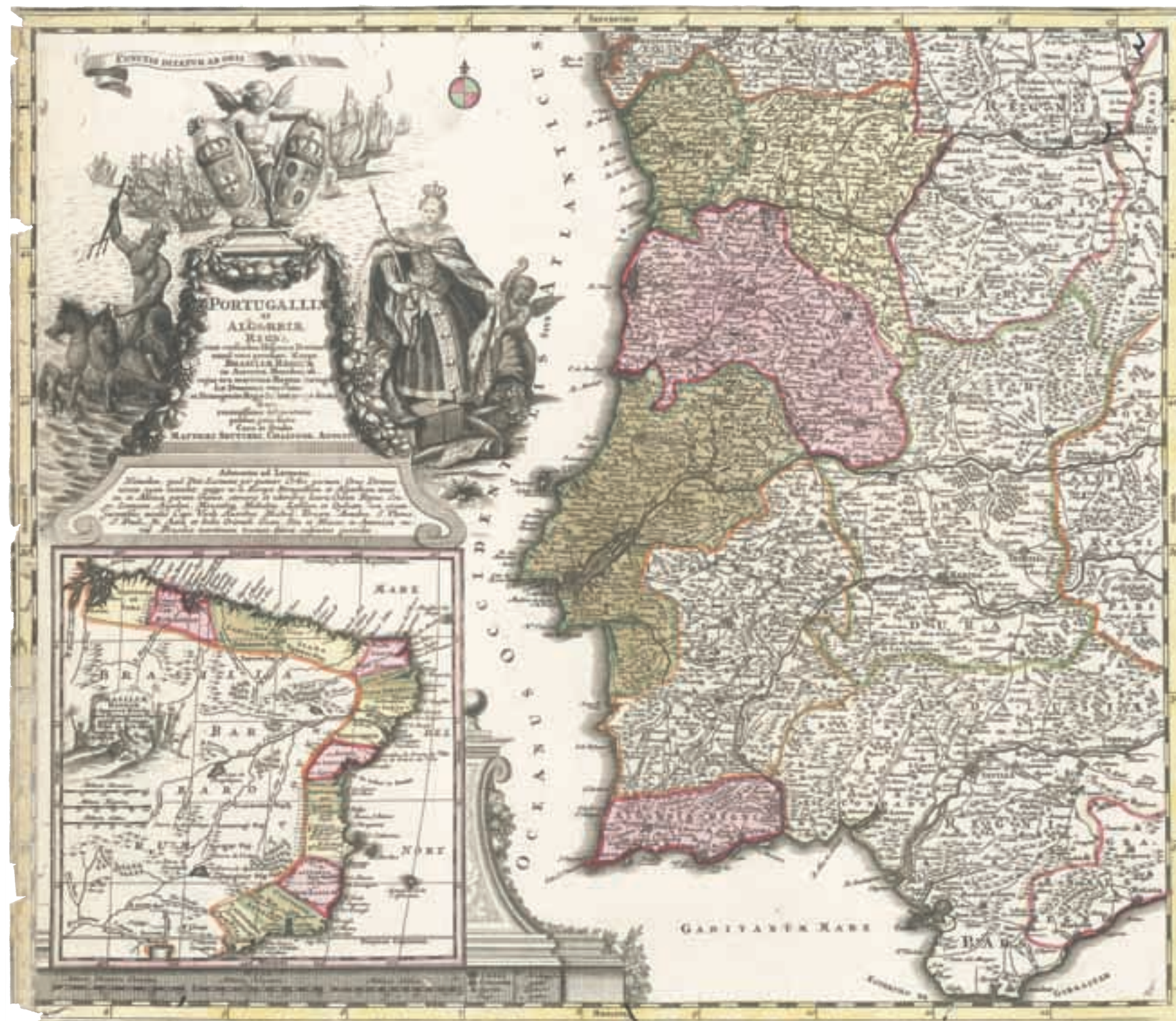
ARC.016,07,008

De: *Theatre du mondv ou Novvel atlas*: mis en lumiere / par Gvillavme [et] Iean Blaev. A Amsterdam: chez Iean [et] Corneille Blaev, [1640]. v. 2, p. 2.
Destaca cidades e rios.
Contém brasões de Portugal e Algarve.
Ilustrado com embarcações e figura mitológica.
Cartucho de título ilustrado com imagens de astrônomos árabes.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: “12 miiliarum Hispanicorum” [=6,4 cm].
Escala gráfica: “10 miliarum Germanicorum” [=6,3 cm].
Adaptação do original de Fernando Álvares Seco, o mapa representa o território de Portugal com o norte voltado para a direita do mesmo. Houve várias reproduções deste mapa, mas pouco se sabe sobre seu autor. Segundo o Instituto Geográfico Português, este é o único mapa deste geógrafo. No verso, há um extenso texto em francês intitulado “Description des Royaumes de Portugal et d’Algarbe”, com a assinatura “I”, que analisa as regiões portuguesas, a qualidade de suas terras e a capital, Lisboa.

8

SEUTTER, Matthaeus. *Portugalliae et Algarbiae Regna*: cum confinibus Hispaniae provinc. simul vero peculiari mappa Brasiliae regnum in America Meridionali, cujus ora maritima regem Portugalliae dominum veneratur et primogenito regio infanti prope dicata floret. August. [Augsburgo]: Matthaei Seutteri, [ca. 1735]. 1 mapa, col., gravado em metal, 49 x 57 cm em f. 54,5 x 63 cm. Escala [ca. 1:1.500.000].

ARC.016,07,009

Relevo representado de forma pictórica.
Destaca rios, cidades e vilas.
Contém rosa dos ventos, com flor de lis.
Escala gráfica: "13 Milliaria germanica communia" [=6,3 cm].
Escala gráfica: "16 Milliaria hispanica" [=6,3 cm].
Escala gráfica: "22 Milliaria gallica" [=6,3 cm].
Encarte: "Brasiliae Regnum in America Meridio quod Primogenito Portugalliae Principi et Titul. et dotes largitur ampliss". Escala [ca. 1:14.000.000]. Escala gráfica: "80 Milliaria Germanica" [=4 cm]. Escala gráfica: "100 Milliaria Hispanica" [=4,2 cm]. Escala gráfica: "125 Milliaria Gallica" [=4 cm].
Mapa do século XVIII (há referências que o datam de 1730 e 1735), cujo autor foi um dos maiores cartógrafos da atual Alemanha. Contém rica iconografia, bem como traços em aquarela dividindo o território português. Possui um encarte representando o Brasil, com o título "Brasiliae Regna", dividido administrativamente em 13 capitanias e território dos indígenas, nomeados em latim como "barbarorum", ou seja, "selvagens". Inclui cartucho ornado com dois brasões, anjos, embarcações e a imagem de Netuno. Abaixo do cartucho, há uma cartela explicativa sobre o domínio português nos quatro continentes: Europa, África, Ásia e América.

9

DUVAL, P. (Pierre). *Le Royaume de Portugal*: divisé en ses six grands gouvernemens avecque ses confins. A Paris: chez l'autheur et chez N. Langlois, [16--]. 1 mapa, col., gravado em metal, 51 x 36,3 cm em f. 54,7 x 40 cm. Escala [ca. 1:1.388.886].

ARC.016,07,010

Contém linhas divisórias das diferentes regiões, destacando cidades portuguesas e espanholas.
Modificação de grafia no título.
Escala gráfica: "12 lieues de France, chacune de 2500 pas geometriques" [=4 cm].
Escala gráfica: "9 lieues de Portugal" [=4 cm].
Aquarelado nos limites entre as províncias e na fronteira com a Espanha.
Cartucho de título ornamentado.
Contém brasão de Portugal.
Relevo representado de forma pictórica.
Assinatura de gravador não identificada.
Detalha as cidades portuguesas, mas não as espanholas. Seu autor, Pierre Duval, se destaca como grande cartógrafo francês, tendo publicado, sobretudo, mapas de pequenos formatos e com caráter pedagógico. A Biblioteca Nacional de Portugal possui mapa semelhante do mesmo autor, publicado em 1676.

10

SANSON, Nicolas. *Les estats de la couronne de Portugal en Espagne*. A Paris: chez l'auteur, 1679. 1 mapa, gravado em metal, 42 x 43,5 cm em f. 47 x 55,2 cm. Escala [ca. 1:1.600.000].

ARC.016,07,011

Gravado por Jan Somer.
Mostra o Reino de Portugal e suas fronteiras com a Espanha.
Destaca rios, cidades e vilas.
Relevo representado de forma pictórica.
Cartucho de título ornamentado.

11

PORTUGALLIAE quae olim Lusitania novissima et exactissima descriptio = Carte generalle de Portugal reveve corigéé et nowellement augmentéé. A Paris: chez Jollain, 1704. 1 mapa, col., gravado em metal, 36,5 x 47,3 cm em f. 40 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:1.234.566].

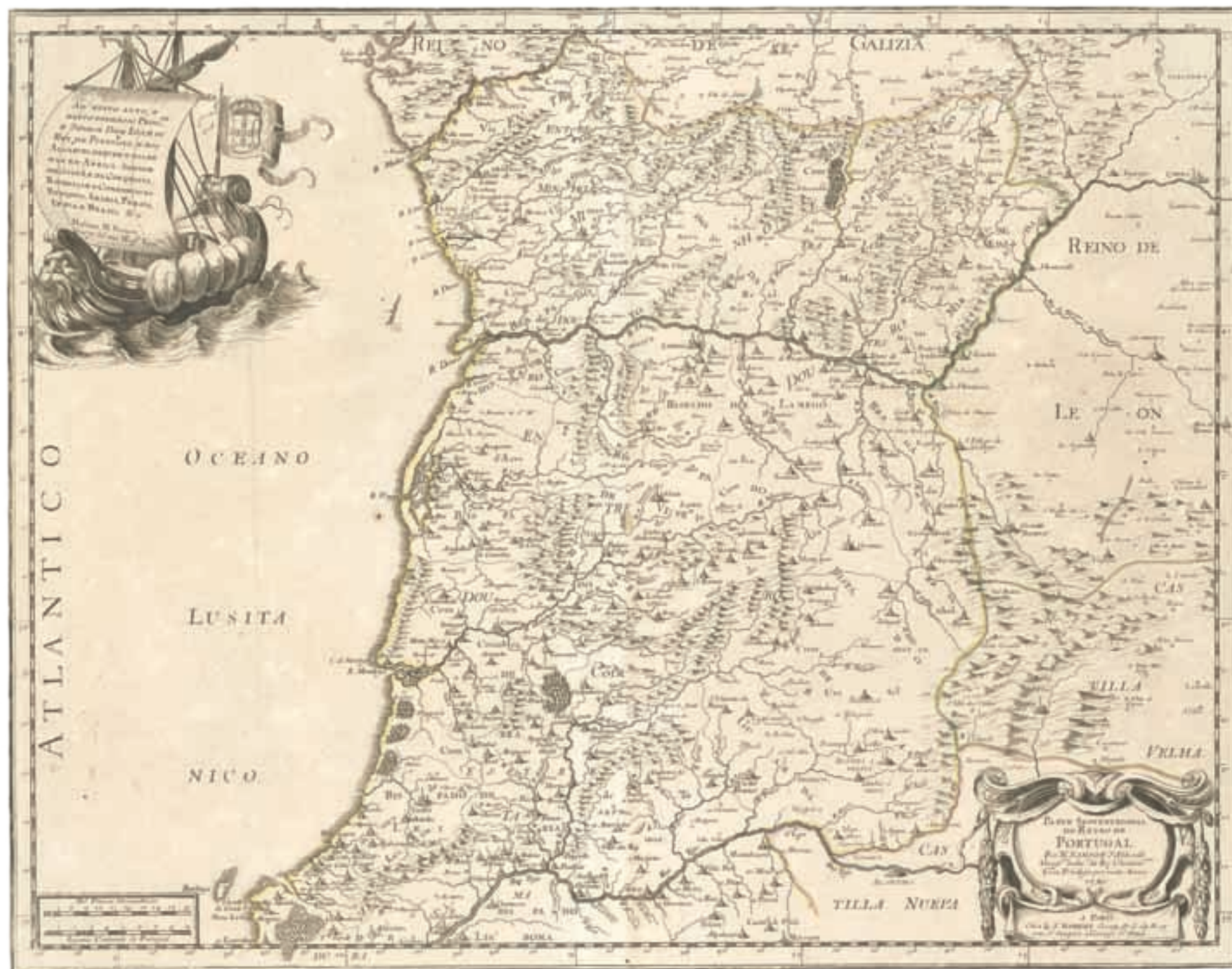
ARC.016,07,012

Modificação de grafia no título.
Editado por Gerard Jollain.
Cartucho de título ornamentado com astrônomos árabes.
Mostra as linhas divisórias das regiões,
destacando cidades, rios e serras.
Inclui brasões.
Ilustrado com embarcações e figura mitológica.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "12 milliarium hispanicorum" [=6,1 cm].
Escala gráfica: "10 milliarium germanicorum" [=6 cm].
Aquarelado nos limites entre as províncias
e na fronteira com a Espanha.
Mapa baseado no documento de autoria de Fernando Álvares Seco *Portugallia et Algarbia quae olim Lusitania*, em que o território de Portugal é representado com o norte orientado para a direita da folha.

12

GRANDPRÉ, C. *Reyno de Portugal*. Lisboa: Granpré fecit et ex, 1729. 1 mapa, col., gravado em metal, 23,5 x 15,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:2.500.000].

ARC.016,07,013

Aquarelado somente nos limites territoriais e no contorno do cartucho de título.
Escala gráfica: 20 [léguas] [=4,7 cm].
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Relevo representado de forma pictórica.
Cartucho de título decorado ao alto por esfera armilar e, na base, pelas armas de Portugal. Apresenta, também, o brasão de Portugal, encimado pela coroa real.

13

SANSON, Nicolas. *Parte septentrional do Reyno de Portugal.* A Paris: Chés le Sr. Robert, 1730. 1 mapa, col., gravado em metal, 42 x 54,5 cm em f. 55 x 77,6 cm.
Escala [ca. 1:835.421].

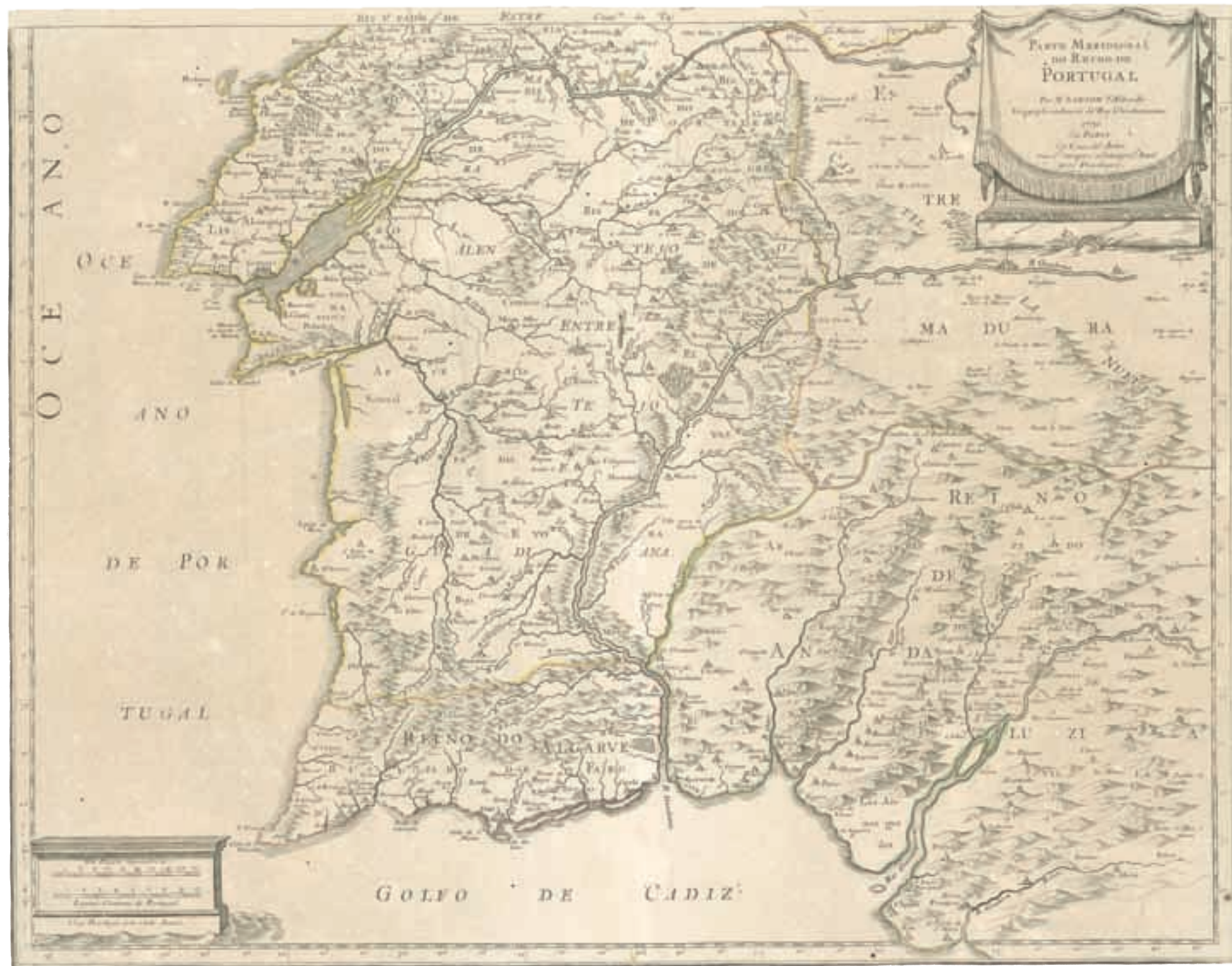
ARC.016,07,014

Gravado por Gilles Robert de Vaugondy.
Cartucho de título ornamentado.
Mostra a linha divisória entre o Reino de Portugal e a Espanha.
Destaca cidades, vilas e rios.
Aquarelado nos limites territoriais e na fronteira com a Espanha.
Ilustrado com uma embarcação.
Dedicatória feita a D. João IV, que governou Portugal de 1604 a 1656.
Escala gráfica: “30 mil passos geométricos” [=6,3 cm].
Escala gráfica: “9 leguas commus de Portugal” [=6,3 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
O mapa *Parte meridional do Reyno de Portugal* é o item seguinte neste catálogo.

14

SANSON, Nicolas. *Parte meridional do Reyno de Portugal*. Em Paris: Em Casa del Autor, 1730. 1 mapa, col., gravado em metal, 41,5 x 53,5 cm em f. 55 x 77,5 cm. Escala [ca. 1:835.421].

ARC.016,07,015

Provavelmente gravado por Gilles Robert de Vaugondy, por comparação com a carta *Parte septentrional do Reyno de Portugal*.
Cartucho de título ornamentado.
Mostra a linha divisória entre os reinos de Portugal e Espanha.
Destaca rios, cidades e vilas.
Escala gráfica: “30 Mil passos geométricos” [=6,3 cm].
Escala gráfica: “9 Leguas commus de Portugal” [=6,3 cm].
Aquarelado nos limites territoriais e na fronteira com a Espanha.
Marca-d’água: rosário com cruz.
Relevo representado de forma pictórica.
O mapa *Parte septentrional do Reyno de Portugal* é o item anterior neste catálogo.

15

ROBERT DE VAUGONDY, Didier. *Carte du Royaume de Portugal*: dressée d'après les cartes du pays. A Paris: Chés l'auteur, 1762. 1 mapa em 2 f., col., gravado em metal, 42 x 54 cm em f. 55,5 x 78 cm. Escala [ca. 1:823.044].

ARC.016,07,016-017

Levamento feito por Nicolas Sanson.
Gravado por Arrivet.
Corrigido por Robert de Vaugondy.
Destaca rios, cidades, vilas e caminhos.
Escala gráfica: "40 Mille pas géometriques
de 60 au dégré" [=9 cm].
Escala gráfica: "12 Lieues de Portugal de 18 au dégré" [=9 cm].
Relevo representado de forma pictórica.
Aquarelado nos limites entre as províncias e
na fronteira com a Espanha.
Cartucho de título ornamentado.
A primeira seção exibe a parte norte, acima do rio Tejo, e a segunda, a parte sul.

Parte do item 15 (ROBERT DE VAUGONDY, Didier. *Carte du Royaume de Portugal*: dressée d'après les cartes du pays). Segunda seção.

16

BOREL, Joseph Augustinho. *Carta geographica do Reyno de Portugal subdividido em muitas províncias*. Lisboa: Em casa de João Maria Mazza; e na casa de Ger.mo Moreira, 1764. 1 mapa, col., gravado em metal, 71,5 x 53,5 cm em f. 74,5 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:1.089.323].

ARC.016,07,018

Abaixo do título: "dedicada a magestade fidelissima e sempre augusta del rey de Portugal e dos Algarves Dom Joseph primeiro nosso senhor".
Há também a data de 1762 na moldura do cartucho.
Mostra as linhas divisórias de diferentes regiões, destacando cidades portuguesas e espanholas, vilas, rios e serras.
Escala gráfica: "Grandes leguas de España de 17 1/2 hacen un grado" [=10,3 cm].
Escala gráfica: "Grandes leguas de Francia ô de Marina de 20 al grado" [=10,3 cm].
Escala gráfica: "Millas communes de Italia que 60 hacen un grado" [=10,3 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Aquarelado nos limites entre as províncias e na fronteira com a Espanha.
Marca-d'água: 1695.
Dedicado ao rei "D. Joseph I" (D. José I reinou Portugal de 1750 a 1777). Mapa muito semelhante e com o mesmo título está digitalizado pela Biblioteca Nacional de Portugal, datado de 1763, porém apresenta como autor Julião Guillot.

17

GENDRÓN, Pedro. *Portugal*: dividido en sus provincias compuesto sobre las memorias mas modernas y rectificadas por las observationes astronomicas de los señores de la academia Rl. de las Ciencias de Paris. [Madri?: P. Gendron?], 1754. 1 mapa, col., gravado em metal, 65 x 49 cm em f. 71,9 x 55 cm. Escala [ca. 1:1.096.490].

ARC.016,07,019

Dedicado "al M. I. S. D. Juan Pedro Ludovici, de la casa de S. M. Fidellisima, Cavallero professo de la Orden de Christo, y contador maior de la misma orden".
Destaca rios, cidades, vilas e caminhos.
Escala gráfica: "45 Millas Comunes de Italia" [=7,6 cm].
Escala gráfica: "15 Gdes. leguas de Francia, Comunes de España" [=7,6 cm].
Escala gráfica: "13 Grandes leguas de España" [=7,6 cm].
Escala gráfica: "18 Leguas comunes de Francia" [=7,3 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Aquarelado no contorno de Portugal e no limite deste reino com o de Algarve.
Cartucho de título ornamentado.
Marca-d'água: 1695.
À esquerda, contém descrição geográfica do Reino de Portugal e, à direita, lista sucessória dos reis de Portugal, enumerando desde D. Henrique de Borgonha a D. José Manuel I.

18

THEATRO de la guerra en Portugal. [S.l.: s.n., 1680?]. 1 mapa, gravado em metal, 44 x 90 cm em f. 52 x 92,3 cm. Escala [ca. 1:200.000].

ARC.016,09,014

Gravado por F. Chemilly.
Abrange o Alentejo e parte da Estremadura.
Rosa dos ventos com flor de lis.
Refere-se ao teatro da Guerra de Restauração do trono português.
Escala gráfica: tres léguas espanholas comuns [=8,5 cm].
Marca-d'água: brasão.
Cartucho de título ornamentado.

GRANDPRÉ, C. *Provincia de Entre Douro e Minho*. Lisboa: [s.n.], 1730.
1 mapa, col., gravado em metal, 24,5 x 17 cm em f. 55 x 41 cm.
Escala [ca. 1:630.000].

ARC.016,07,020a

Marca-d'água não identificada.
Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades, vilas, rios e serras.
Rosa dos ventos com flor de lis.
Aquarelado no contorno da província.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: 4 [léguas de 18 ao grau] [=3,95 cm].
Dados matemáticos atribuídos pela Biblioteca Nacional de Portugal.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados
Provincia de Entre Douro e Minho.

20

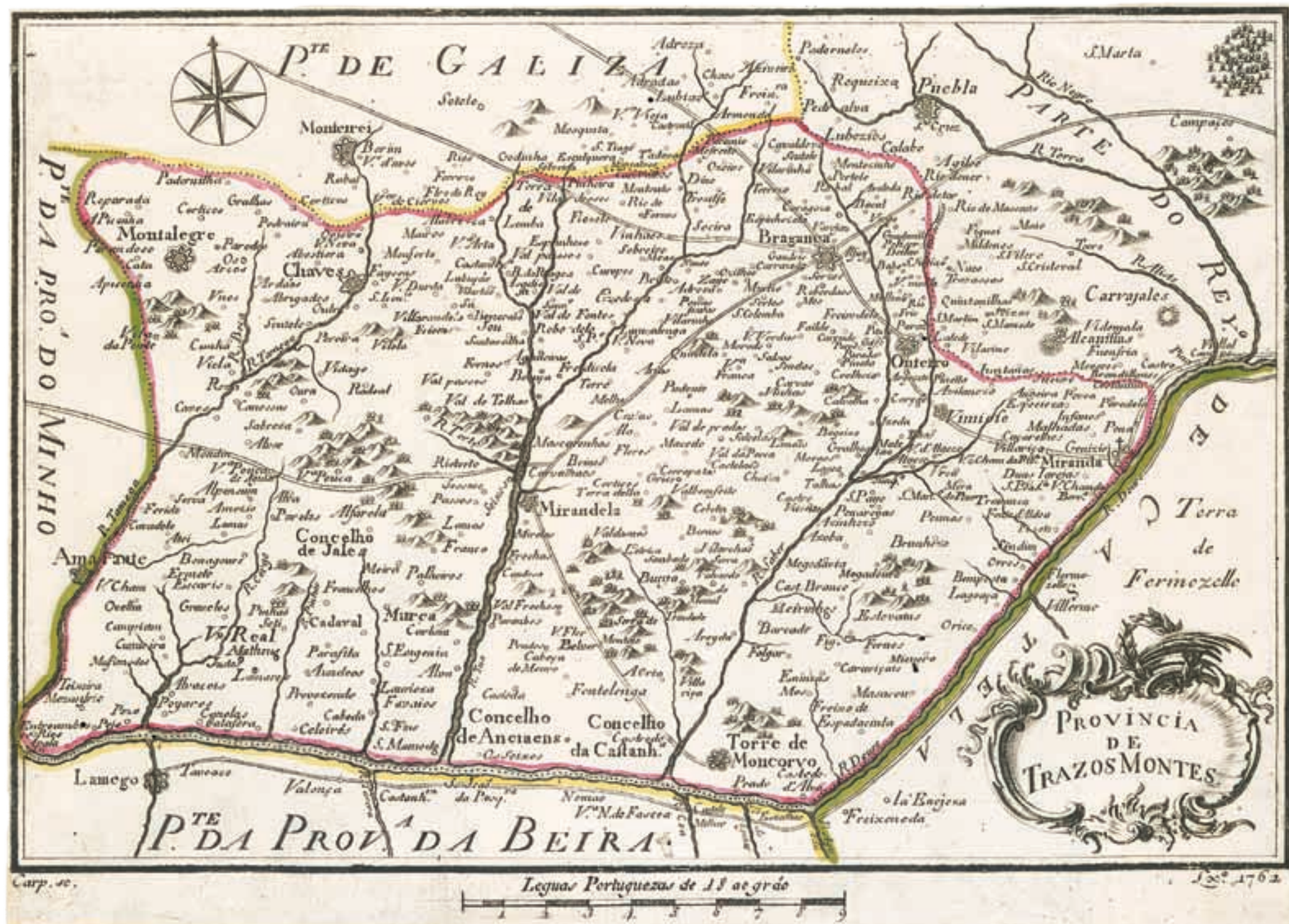
CARPINETTI, João Silvério. *Provincia de Entre Douro e Minho*. [Lisboa: s.n., entre 1759 e 1769]. 1 mapa, col., gravado em metal, 25,3 x 17 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:670.000].

ARC.016,07,020b

De: *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa...* / João Silvério Carpinetti. Lisboa: Imp. Francisco Manuel, [1759-1769].
Destaca cidades, vilas, rios e serras.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "9 Leguas Portuguezas de 18 ao grão" [=8,25 cm].
Dados matemáticos atribuídos pela Biblioteca Nacional de Portugal.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Cartucho de título ornamentado.
Aquarelado no contorno da província.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia de Entre Douro e Minho*.

21

LAURENT. *Provincia de Entre Douro e Minho*. [S.l.: s.n., 1760?]. 1 mapa, col., gravado em metal, 24,5 x 17 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:670.000].

Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades, vilas, rios e serras.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica sem referência da medida [=2,9 cm].
Dados matemáticos e data atribuídos pela Biblioteca Nacional de Portugal.
Aquarelado no contorno da província.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia de Entre Douro e Minho*.

22

CARPINETTI, João Silvério. *Provincia de Traz os Montes*. Lxa. [Lisboa: s.n.], 1762. 1 mapa, col., gravado em metal, 17,5 x 24,2 cm em f. 55 x 44,5 cm. Escala [ca. 1:770.000].

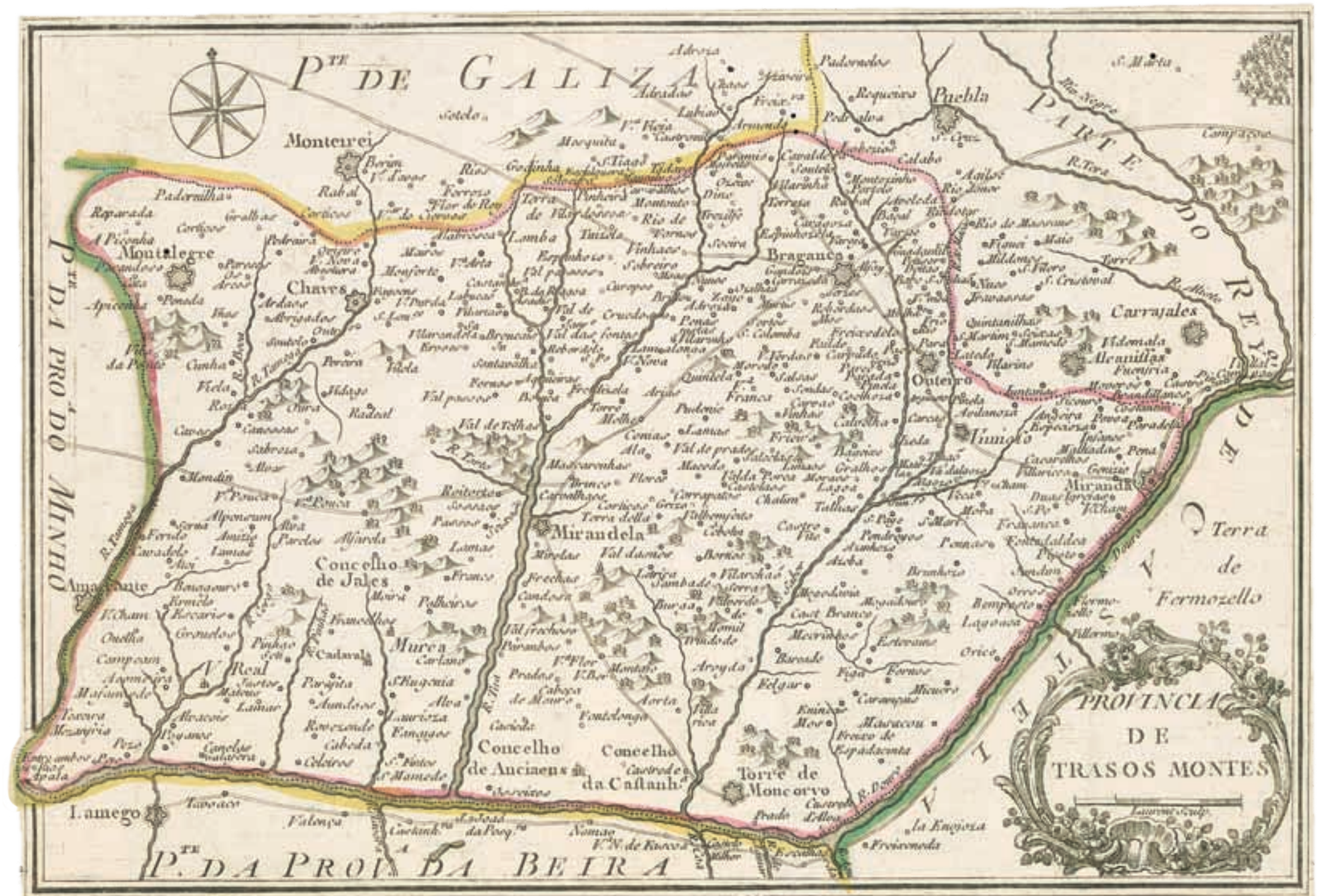
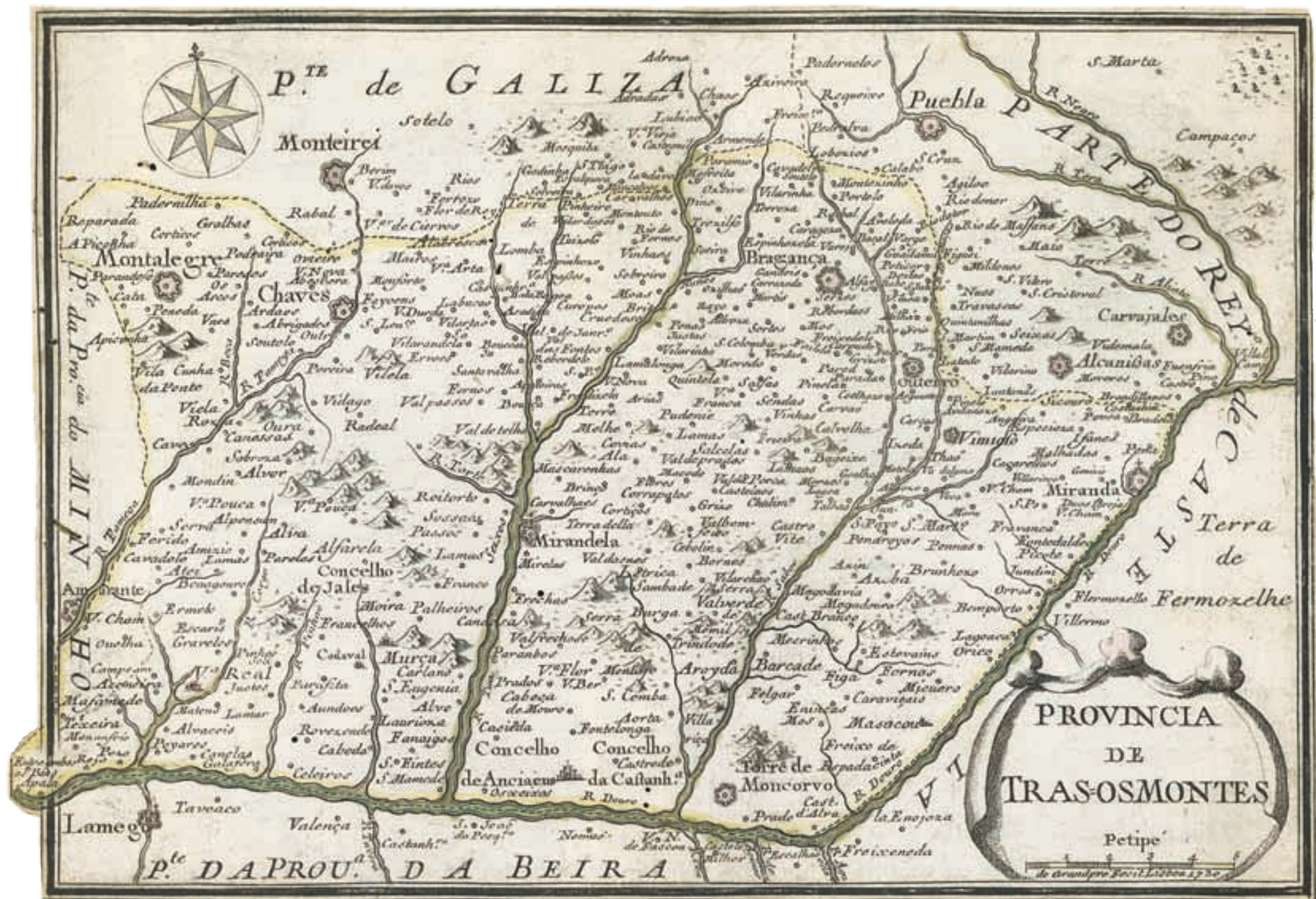
ARC.016,07,021a

De: *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa...* / João Silvério Carpinetti. Lisboa: Imp. Francisco Manuel, [1759-1769].
Cartucho de título ornamentado.
Aquarelado no contorno da província.
Destaca rios, vilas, cidades e caminhos.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: "9 Leguas Portuguesas de 18 ao grão" [=7,2 cm].
Colado na mesma folha com outros dois mapas, intitulados *Provincia de Tras os Montes*.

23

LAURENT. *Provincia de Tras os Montes*. [S.l.: s.n., 1760?]. 1 mapa, col., gravado em metal, 16,5 x 24 cm em f. 55 x 44,5 cm. Escala [ca. 1:770.000].

ARC.016,07,021b

Cartucho de título ornamentado.
Aquarelado no contorno da província.
Destaca rios, vilas, cidades e caminhos.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica sem referência da medida [=2,9 cm].
Dados matemáticos e data atribuídos segundo as obras coladas na mesma folha.
Colado na mesma folha com outros dois mapas, intitulados *Provincia de Traz os Montes* e *Provincia de Tras os Montes*.

24

GRANDPRÉ, C. *Provincia de Tras os Montes*. Lisboa: [s.n.], 1730. 1 mapa, col., gravado em metal, 17 x 24,3 cm em f. 55 x 44,5 cm. Escala [ca. 1:770.000].

ARC.016,07,021c

Cartucho de título ornamentado.
Aquarelado no contorno
da província.
Destaca rios, vilas e cidades.
Contém rosa dos ventos com
flor de lis.
Relevo representado de
forma pictórica.
Escala gráfica: 5 [léguas] [=4 cm].
Dados matemáticos atribuídos pela
Biblioteca Nacional de Portugal.
Colado na mesma folha com outros
dois mapas, intitulados *Provincia de Traz os Montes* e *Provincia de Tras os Montes*.

25

CARPINETTI, João Silvério. *Provincia da Beira*. [Lisboa: s.n., entre 1759 e 1769]. 1 mapa, col., gravado em metal, 18,5 x 23 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:950.000].

ARC.016,07,022a

De: *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa...* / João Silvério Carpinetti. Lisboa: Imp. Francisco Manuel, [1759-1769].
Cartucho de título ornamentado.
Aquarelado no contorno da província.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: "9 Legoas portuguezas de 18 ao grão" [=5,8 cm].
Exibe, pormenorizadamente, a hidrografia e os caminhos entre as principais cidades do país.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia da Beira*.

26

GRANDPRÉ, C. *Provincia da Beira*. Lisboa: Grandpréz fecit et Excud., 1730. 1 mapa, col., gravado em metal, 18 x 24,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:950.000].

ARC.016,07,022b

Exibe, pormenorizadamente, a hidrografia e os caminhos entre as principais cidades da província da Beira, centro-norte de Portugal.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Cartucho de título ornamentado.
Aquarelado no contorno da província.
Escala gráfica: 5 [léguas] [=3,3 cm].
Dados matemáticos atribuídos segundo os mapas colados na mesma folha.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia da Beira*.

27

LAURENT. *Provincia da Beira*. Lutetia [Paris: s.n., 1760?]. 1 mapa, col., gravado em metal, 17 x 23,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:950.000].

ARC.016,07,022c

Exibe, pormenorizadamente, a hidrografia e os caminhos entre as principais cidades da província da Beira, centro-norte de Portugal. Cartucho de título ornamentado. Aquarelado no contorno da província. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Relevo e vegetação representados de forma pictórica. Escala gráfica sem identificação [=3,3 cm]. Dados matemáticos e data atribuídos pela Biblioteca Nacional de Portugal. Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia da Beira*.

28

CARPINETTI, João Silvério. *Provincia da Estremadura*. Lxa. [Lisboa: s.n.], 1762. 1 mapa, col., gravado em metal, 24 x 17 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:1.300.000].

ARC.016,07,023a

De: *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa...* / João Silvério Carpinetti. Lisboa: Imp. Francisco Manuel, [1759-1769].
Cartucho de título ornamentado.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "9 Leg. portuguezas de 18 ao gráo" [=4,3 cm].
Relevo representado de forma pictórica.
Destaca cidades, rios e caminhos.
Aquarelado no contorno da província.
Estremadura significa a porção extrema do rio Douro, mas este território foi muitas vezes redefinido, correspondendo hoje à foz do rio Tejo, antiga província do Alentejo.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia da Estremadura*.

29

GRANDPRÉ, C. *Provincia da Estremadura*. Lisb. [Lisboa: s.n.], 1730. 1 mapa, col., gravado em metal, 24,6 x 17,2 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:1.300.000].

ARC.016,07,023b

Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades, vilas, rios e lagoas.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Aquarelado no contorno da província, no rio Tejo, no cartucho e na rosa dos ventos.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: 10 [léguas] [=4,6 cm].
Dados matemáticos atribuídos segundo os mapas colados na mesma folha.
Estremadura significa a porção extrema do rio Douro, mas este território foi muitas vezes redefinido, correspondendo hoje à antiga província do Alentejo. O documento cartográfico dá grande destaque à foz do rio Tejo, além de evidenciar caminhos entre as principais vilas desta província.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia da Estremadura*.

30

LAURENT. *Provincia da Estremadura*. Lutetia [Paris: s.n., 1760?]. 1 mapa, col., gravado em metal, 17 x 24 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:1.300.000].

ARC.016,07,023c

Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades, vilas, rios,
lagoas e caminhos.
Aquarelado no contorno da província.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado de forma pictórica.
Escala gráfica sem identificação [=3,5 cm].
Dados matemáticos atribuídos segundo os mapas colados na mesma folha.
Data atribuída em comparação com as outras cartas de Laurent.
Estremadura significa a porção extrema do rio Douro, mas este território foi muitas vezes redefinido, correspondendo hoje à foz do rio Tejo, antiga província do Alentejo.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia da Estremadura*.

31

CARPINETTI, João Silvério. *Provincia do Alentejo*. Lxa. [Lisboa: s.n.], 1762. 1 mapa, col., gravado em metal, 23 x 17 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:1.100.000].

ARC.016,07,024a

De: *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa...* / João Silvério Carpinetti. Lisboa: Imp. Francisco Manuel, [1759-1769].
Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades, rios e caminhos.
Aquarelado no contorno da província.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: "9 Leg. Portuguezas de 18 ao gráo" [=4,8 cm].
Neste mapa, a província do Alentejo inclui Olivença, que em 1801 passou a pertencer à Espanha.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia do Alentejo*.

32

LAURENT. *Provincia do Alentejo*. [S.l.: s.n., 1760?]. 1 mapa, col., gravado em metal, 23,5 x 17,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:1.100.000].

ARC.016,07,024b

Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidade, rios e caminhos.
Aquarelado no contorno da província.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica sem identificação [=2,9 cm].
Dados matemáticos e data atribuídos segundo os mapas colados na mesma folha.
Escala atribuída segundo os mapas colados na mesma folha.
Possui representações pictóricas das fortificações que naquele momento foram importantes para assegurar a fronteira de Portugal com a Espanha, como é o caso de Elvas, Olivença, Estremoz, Campo Maior e Moura.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia do Alentejo*.

33

GRANDPRÉ, C. *Provincia do Alentejo*. Lisboa: de Grandpré fecit et ex., 1730.
1 mapa, col., gravado em metal, 25,5 x 17,7 cm em f. 55 x 41 cm.
Escala [ca. 1:1.100.000].

ARC.016,07,024c

Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades e rios.
Aquarelado no contorno da província.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: 6 [léguas] [=3 cm].
Dados matemáticos atribuídos segundo os mapas colados na mesma folha.
Há representações pictóricas das fortificações que naquele momento foram importantes para assegurar a fronteira de Portugal com a Espanha, como é o caso de Elvas, Olivença, Estremoz, Campo Maior e Moura.
Colado na mesma folha com outros dois mapas intitulados *Provincia do Alentejo*.

34

SOUSA, Bartolomeu de. *Descripsão da Provincia de Alemtejo*. [S.l.: s.n.], 1665. 1 mapa, gravado em metal, 60 x 43,5 cm. Escala [ca. 1:480.000].

Gravado por Felix da Costa e João Baptista abriu a letra.
Modificação de grafia na descrição bibliográfica.
Cartucho de escala ornamentado.
Cartucho ilustrado com brasão e dedicatória ao “Exc.mo Senhor D. Luis de Vasconcellos e Souza Conde de Castel Milhor...”.
Destaca cidades e rios.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: “9 Legoas de Espanha” [=11,5 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Mapa gravado no período em que Portugal firmava sua fronteira perante a Coroa espanhola, após a União Ibérica.
Mostra as batalhas ocorridas entre o Cano e Estremoz e Montes Claros (entre Estremoz e Borba), durante a Guerra da Restauração.

35

CARPINETTI, João Silvério. *Reyno do Algarve*. Lxa. [Lisboa: s.n.], 1762. 1 mapa, col., gravado em metal, 18,5 x 24 cm em f. 55 x 40,8 cm. Escala [ca. 1:680.000].

ARC.016,07,026a

De: *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa...* / João Silvério Carpinetti. Lisboa: Imp. Francisco Manuel, [1759-1769].
Cartucho de título ornamentado.
Destaca cidades, vilas, rios, cabos, serras e caminhos.
Aquarelado no contorno do Algarve e parte do Alentejo.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "9 Leg. Portuguezas de 18 ao grão" [=8,3 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Descreve as principais fortificações da região, como a Fortaleza de Alcoutim, que participou ativamente das batalhas contra a Espanha quando da Guerra da Restauração, e o Castelo de Castro Marim, que em 1641 começou a ser reformado para melhorar seu sistema defensivo e de onde partiu o desenvolvimento populacional da vila.
Colado na mesma folha com outros dois mapas, intitulados *Reyno do Algarve* e *Reino do Algarve*.

36

GRANDPRÉ, C. *Reyno do Algarve*. Lisboa: de Granpré fecit et Exc., 1730. 1 mapa, col., gravado em metal, 18 x 25 cm em f. 55 x 40,8 cm. Escala [ca. 1:680.000].

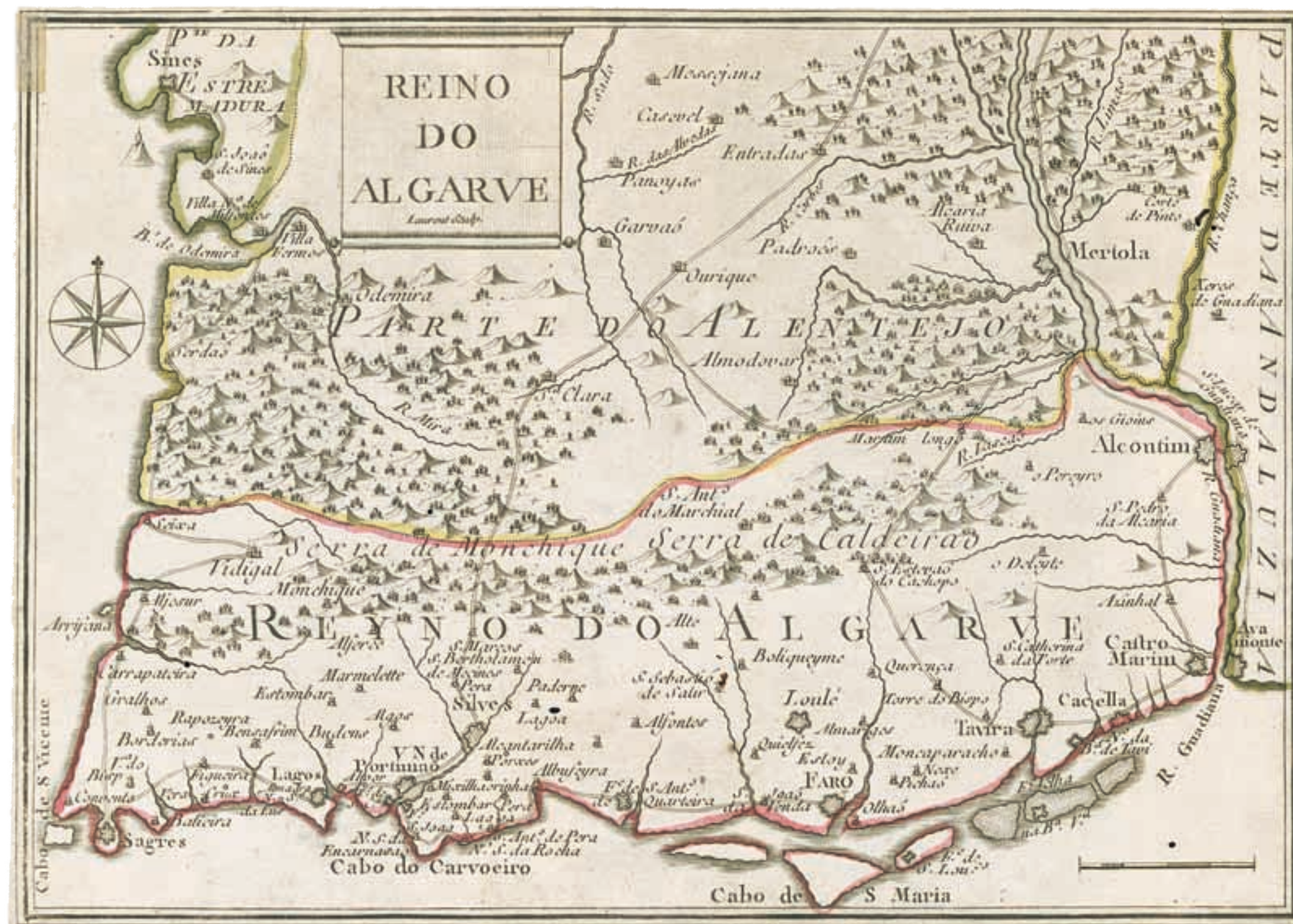
ARC.016,07,026b

Destaca cidades, vilas, rios, cabos e serras. Cartuchos de título e de escala ornamentados. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Aquarelado no contorno de Algarve, parte do Alentejo e nos cartuchos. Relevo e vegetação representados de forma pictórica. Escala gráfica sem referência da medida [=3,9 cm]. Dados matemáticos atribuídos segundo os mapas colados na mesma folha. Nesse período, a parte meridional de Portugal era denominada Reyno do Algarve, cujo nome perdurou até a proclamação da República em Portugal, em 1910. Põe em evidência as principais fortalezas desta região, que faz divisa com a Espanha. Colado na mesma folha com outros dois mapas, intitulados *Reyno do Algarve* e *Reino do Algarve*.

37

LAURENT. *Reino do Algarve*. [S.l.: s.n., 1760?]. 1 mapa, gravado em metal, 17,2 x 24,2 cm em f. 55 x 40,8 cm. Escala [ca. 1:680.000].

ARC.016, 07,026c

Destaca cidades, vilas, rios, cabos, serras e caminhos.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Aquarelado no contorno do Algarve e parte do Alentejo.
Escala gráfica sem referência da medida [=3,9 cm].
Dados matemáticos e data atribuídos pela Biblioteca Nacional de Portugal.
Colado na mesma folha com outros dois mapas, intitulados *Reyno do Algarve*.

Cidades portuguesas

As cidades portuguesas constituem a segunda série documental no ordenamento dado por Diogo Barbosa Machado. Esse conjunto é formado por várias imagens de 17 aglomerados urbanos, incluindo a capital Lisboa. Mais uma vez constata-se, pela seleção e organização feita pelo autor, a intenção de destacar e valorizar o espaço fronteiriço do reino português frente ao domínio espanhol, uma vez que o número de gravuras cujo tema são as cidades limítrofes é bem maior que o das demais localidades. Nem todas as cidades histórica e economicamente mais importantes foram lembradas, o que sugere que a intenção era defender o império, firmando a posse do território do reino por meio da representação de cidadelas ao longo da fronteira com a Espanha.

A sequência de imagens aqui apresentada coincide, na maioria das vezes, com a sequência, no microfilme, dos documentos da coleção. Dois importantes manuscritos, ambos datados de meados do século XVI, merecem ser destacados. O primeiro deles é a planta aquarelada *De Vila do Conde*, cidade localizada na foz e na margem direita do rio Ave, ao norte de Portugal. A planta, no entanto, não está completa: falta uma parte ao desenho, cuja continuidade está nitidamente interrompida. Há indicações de ruas e monumentos ainda existentes na cidade, como a Fonte das Donas e a Igreja de Santo Amaro. Esta planta foi considerada equivocadamente, na reconhecida obra *Portugaliae monumenta cartographica*, como parte de um conjunto de cartas intitulado *Atlas das ilhas dos Açores e Madeira*.

O segundo documento intitula-se *De Guimarães*, vila pertencente ao distrito de Braga, localizada entre os rios Ave e Vizela, também ao norte. Esse desenho cartográfico é o documento mais antigo da cidade até hoje conhecido. As plantas ganham destaque nessa coleção devido às projeções dos perfis topográficos que representam as coordenadas dos acidentes geográficos, constituindo uma espécie de dobradura de papel sobre a base do desenho. As projeções na planta de Guimarães, por exemplo, indicam as torres do Castelo de Guimarães e a fachada do Paço dos Duques de Bragança. Há semelhanças no traçado de sua rosa dos ventos e na forma da letra dessas duas plantas, o que faz supor que elas teriam sido desenhadas pelo mesmo engenheiro cartógrafo.

O poderio bélico das cidades arroladas é igualmente digno de nota, pois a maior parte das imagens identifica vilas acasteladas e fortificadas. A cartografia dos séculos XVII e XVIII ganhou impulso com os crescentes levantamentos feitos por engenheiros militares. Essas fortalezas podem ser caracterizadas, em sua maioria, como de estilo Vauban, edificações bélicas típicas do século XVII e XVIII, fruto de ampliações de construções antigas, já que abarcavam entre seus muros núcleos urbanos fundados em períodos anteriores. Vários desses fortes e castelos tiveram papel estratégico importante em ofensivas contra o exército espanhol durante a Guerra de Restauração, e sofreram com frequentes abalos e redução de estrutura. Exemplo disso são as representações das cidades de Campo Maior, Elvas e Vila Viçosa. Algumas fortalezas, por sua vez, foram parcialmente destruídas ou por terremotos ou pelo fogo, ou ainda pela exploração de salitre. É difícil por isso datar com exatidão o documento, levando em consideração apenas o formato da construção. Esse problema pode também estar associado ao fato de algumas imagens serem projetos de reformas e ampliações que, possivelmente, nunca chegaram a cabo. Algumas imagens, contudo, ajudam a comprovar a

evolução urbana de certas povoações, já que reproduzem o início do povoamento e da construção de edificações fora das vilas acasteladas.

Outro aspecto dos mapas referentes às cidades portuguesas é a representação de pontes, estradas e caminhos entre as diferentes estruturas das fortalezas, rios e outros centros urbanos. Apesar de simples, esses registros geográficos permitem identificar as redes viárias e comerciais até então estruturadas, tornando possível inferências sobre a função social dos espaços representados. Estes, como se sabe, exprimem valores subjetivos, como mitos e símbolos sociais, revelando, por meio das relações humanas que neles ocorrem, a identidade social do lugar.

Nesse conjunto documental há também uma planta intitulada *La Villa de Castel Blanco e Villa Fariña*, sobre a qual não se encontrou quase nenhuma informação. Como não foi encontrada qualquer outra referência à existência de um povoado ou projeto de fortaleza com o nome de Villa Fariña em território português ou espanhol, pode ter havido erro cartográfico. Pelo traçado do mapa, o povoado estaria localizado no território português junto ao rio Caia, entre as cidades de Elvas e Campo Maior. Por outro lado, abundam referências à Vila de Castelo Branco, que acompanha na mesma gravura aquela localidade desconhecida.

Barbosa Machado conferiu especial destaque à capital do reino. A maior parte dos mapas apresenta vistas da cidade de Lisboa bastante conhecidas e elaboradas por famosos gravadores europeus, como Georg Braun, Nicolas de Fer e a família Jollain. Alguns documentos projetam o Forte de São Julião e outros oferecem vista da parte do rio Tejo correspondente à região que abrange do cabo da Roca ao porto de Lisboa.

Figuram ainda no conjunto dois grupos relevantes de gravuras. O primeiro deles, ao qual se atribuiu o título de *Gravuras comemorativas do matrimônio da infanta Catarina de Bragança*, tem sete vistas recortadas e coladas em duas folhas. Esses desenhos panorâmicos da cidade de Lisboa, criados por Dirck Stoop e datados de 1662, são, portanto, anteriores ao terremoto que destruiu a cidade em novembro de 1755. Podemos identificar o Palácio Real e o Terreiro do Paço com a configuração que precedeu as reformas da Baixa Pombalina. Ademais, a dedicatória para dona Catarina de Bragança indica que esses desenhos se referem ao seu esposório com o rei da Inglaterra, Carlos II, no ano de 1662. Essas imagens são uma fonte documental de notável valor, pois subsistem poucas representações da cidade anteriores ao século XVIII. Esses desenhos também compõem a coleção factícia de estampas *Le grand théâtre de l'Univers*, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional.

Há também nesta seção uma preciosa série de seis gravuras intitulada *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno 1755*. Esta série, que tem página de rosto com moldura ornamentada, retrata as ruínas de edifícios da cidade de Lisboa após o terremoto.

38

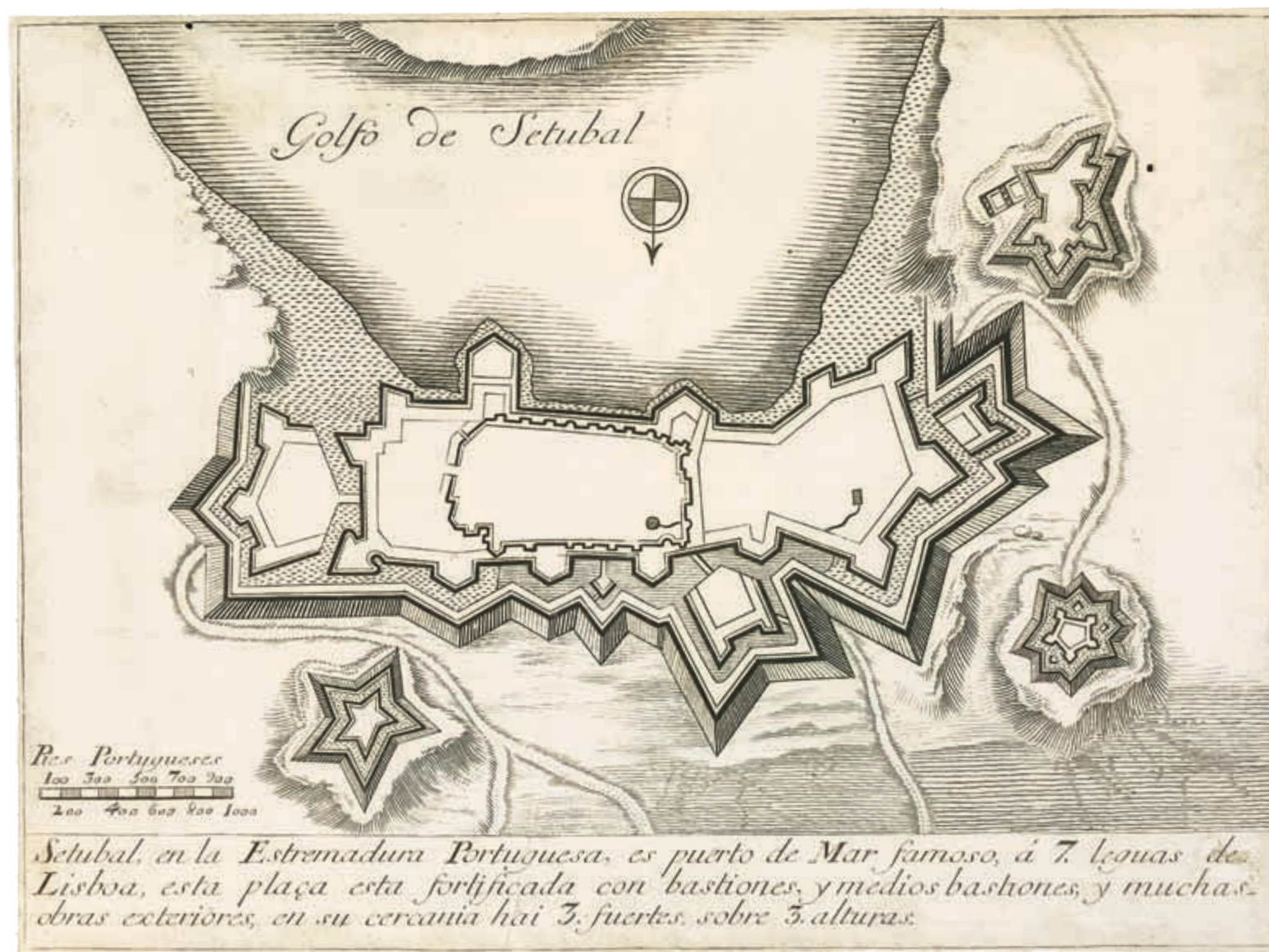
FER, Nicolas de. *Setuval ou Setubal*... [Paris: chez I. F. Bernard, 1725]. 1 planta, gravada em metal, 23 x 16,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,027a

De: *L'Atlas curieux ou le monde*... / Nicolas de Fer. v. 2, n. 76.
Gravado por Antoine Coquart.
Texto descritivo na margem inferior.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Planta da Fortaleza de São Filipe, também chamada de Castelo de Setúbal, construída pelo monarca espanhol Filipe II quando a região da Estremadura passou a fazer parte do território espanhol. Nesta imagem estão representados, além da fortaleza, outros três fortes menores, o vilarejo de Setúbal e o golfo que leva o mesmo nome. A vila de Setúbal, às margens do rio Sado, região central de Portugal, foi elevada ao estatuto de cidade em 1860. Há um texto em francês sobre a localização da cidade e sua defesa.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Setubal*...

Golfo de Setubal

Pies Portugueses
100 300 500 700 900
200 400 600 800 1000

Setubal, en la Estremadura Portuguesa, es puerto de Mar famoso, á 7. leguas de Lisboa, esta plaça esta fortificada con bastiones, y medios bastiones, y muchas obras exteriores, en su cercania hai 3. fuertes, sobre 3. alturas.

39

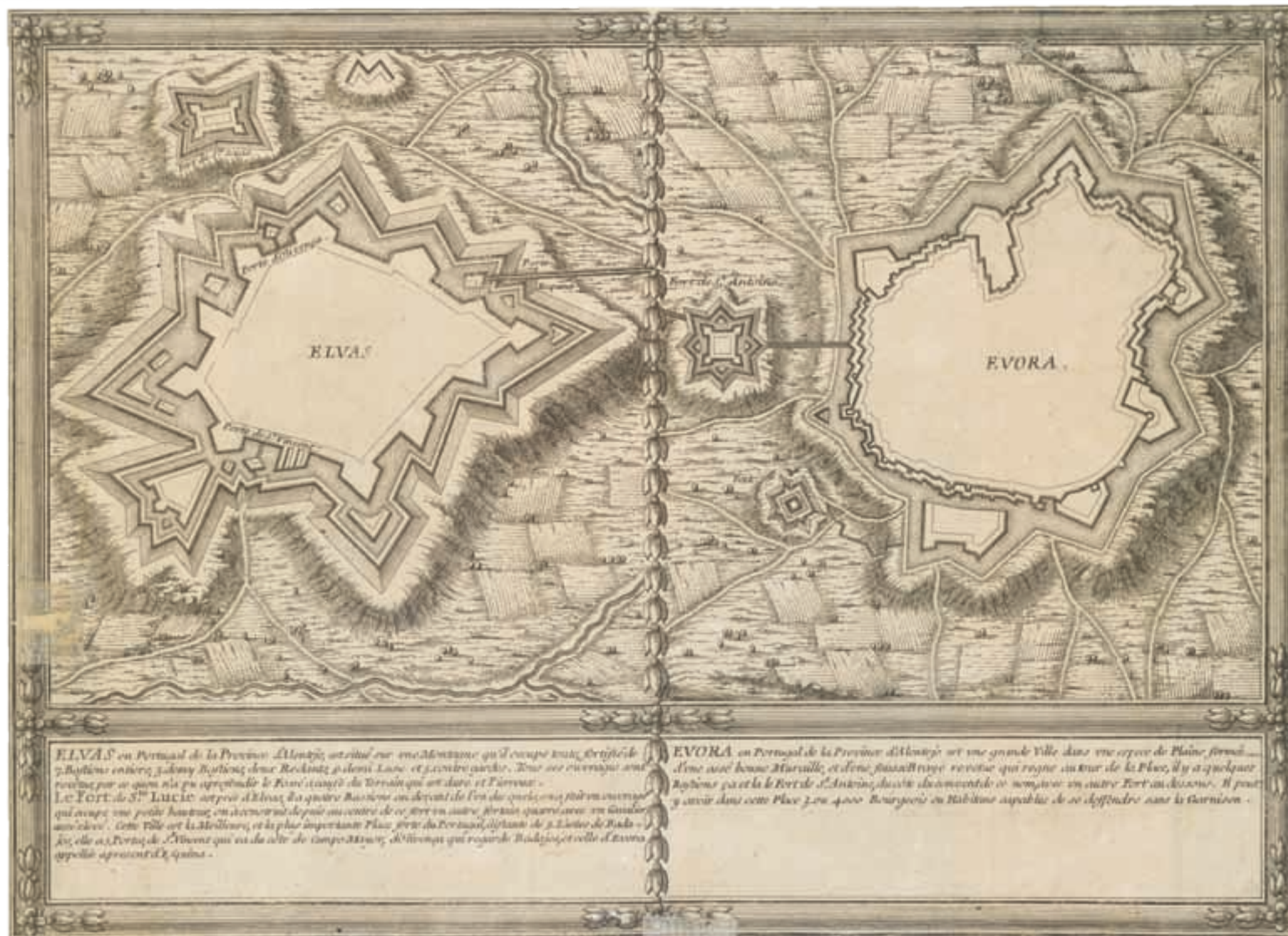
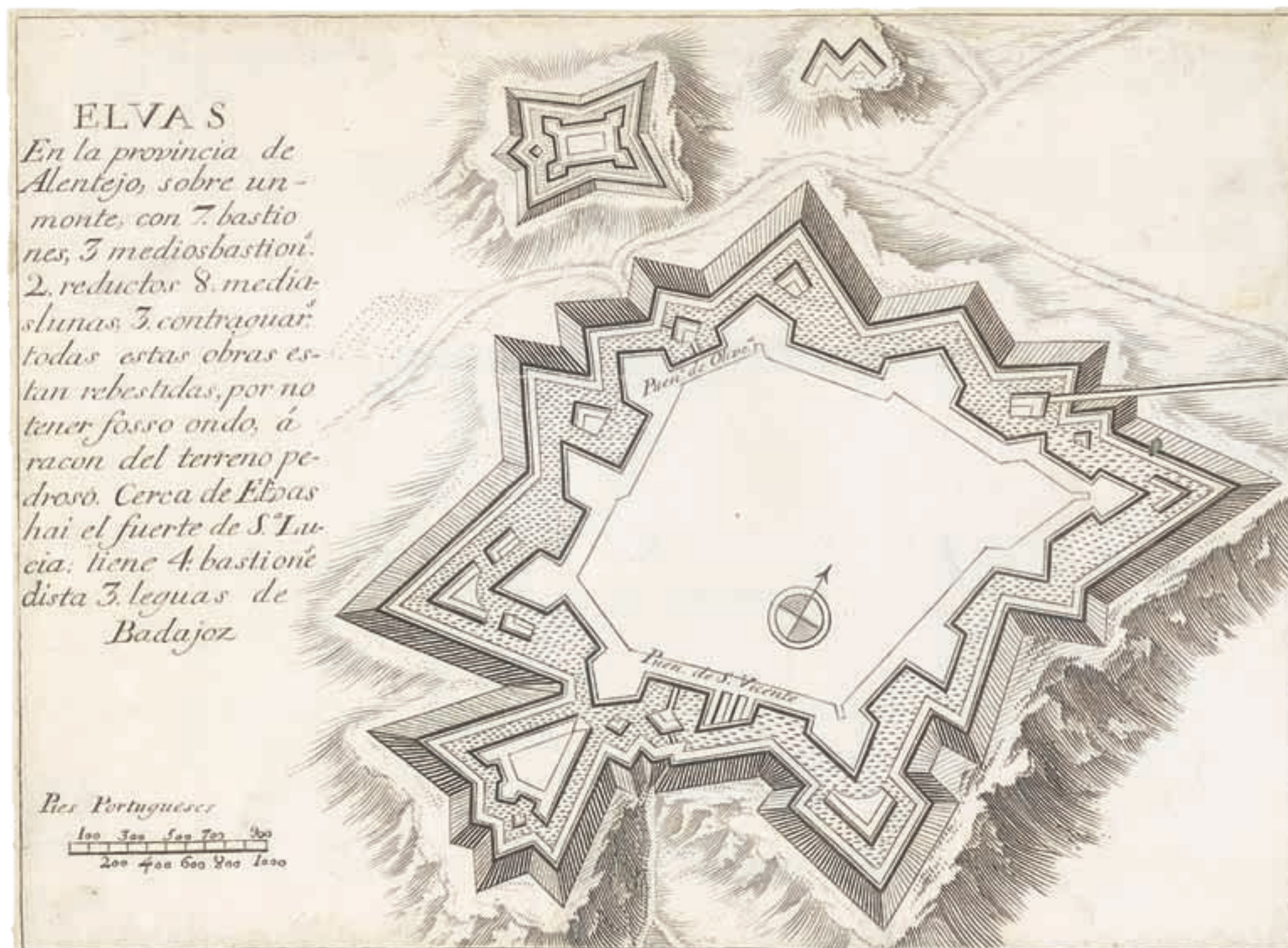
SETUBAL... [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:10.645].

ARC.016,07,027b

Contém rosa dos ventos.
Escala gráfica: “1000 Pies Portugueses” [=3,2 cm].
Relevo representado de forma pictórica.
Planta da Fortaleza de São Filipe, também chamada de Castelo de Setúbal, construída pelo monarca espanhol Filipe II quando a região da Estremadura passou a fazer parte ao território da Coroa espanhola. A vila de Setúbal, às margens do rio Sado, região central de Portugal, foi elevada ao estatuto de cidade em 1860. Há um texto em espanhol que faz referência à importância do porto de Setúbal naquela época.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Setuval ou Setubal...*

FER, Nicolas de. *Elvas [e] Evora*. [Paris: I. F. Bernard, 1725]. 2 plantas, gravadas em metal, 25,5 x 35 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,028a

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* / Nicolas de Fer. v. 2, n. 75.
Gravado por Antoine Coquart.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Planta da muralha da cidade de Elvas, gravada contígua ao desenho da planta de Évora. Junto a Elvas figuram também o Forte de Santa Luzia e o Forte da Graça. Elvas serviu de capital do reinado da União Ibérica e está localizada na fronteira de Portugal com a Espanha, próximo da cidade espanhola de Badajoz. Pela sua posição estratégica, sempre foi alvo das ofensivas dos espanhóis contra a Coroa portuguesa. Retrato disso seria a Batalha das Linhas de Elvas quando, em 1659, Portugal impôs seu poderio à Espanha. Relacionado ao desenho de Évora há ainda o Forte de Santo Antônio e sua ligação ao extinto Convento da Piedade, e um outro forte não identificado. É provável que esta outra fortificação seja o Forte de São Bartolomeu. Há um texto em francês sobre a localização das cidades e suas defesas.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Elvas* e *Evora*.

41

ELVAS. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,3 cm em f. 55 x 41 cm.
Escala [ca. 1:10.300].

ARC.016,07,028b

Contém rosa dos ventos.
Escala gráfica: “1.000 pies portugueses” [=3,1 cm].
Planta do Castelo de Elvas e adjacências, com a nomenclatura em espanhol, abarcando o Forte de Santa Luzia e o Forte da Graça.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Elvas [e] Evora* e *Evora*.

42

EVORA. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,4 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,028c

Planta do conjunto da muralha de Évora, com informações em espanhol, que representa ainda o Forte de Santo Antônio e outro forte não identificado. É provável que este último seja o Forte de São Bartolomeu. Faz referência a um aqueduto que faz comunicação entre o Forte de Santo Antônio e a praça.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Evora [e] Elvas* e *Elvas*.

EVORA

Es vna Ciudad de la Prov.ia de Alentejo en el Reyno de Portugal. Situada en vna altura y cercada de vna Muralla mui buena con su falsa Braga, que domina el contorno de la Plaza, tiene el Fuerte llamado de S. Antonio, de Figura quadrada con quatro Baluartes y quatro Revelins, por el se comunica un aqueducto ala Plaza: tambien se halla otro Fuerte mas pequeño.

Fuerte de S. Antonio

Fuerte

VILLA VICIOSA
En la Provincia de Alentejo, Fortificada de 3. bastiones. 2. mediosbastiones, y una Ciudadela. Fortificada de 4. bastiones. 2. mediosbastiones. y una estrella de 4. puntas.

43

VILLA Viciosa. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,2 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,029a

Planta de Vila Viçosa, município situado na zona centro-leste de Portugal, próximo à fronteira com a Espanha. A imagem principal deste desenho aparenta ser o Castelo da Vila de Viçosa, anteriormente composto de vários outros bastiões, construído a partir do século XIII. Durante a Guerra da Restauração, sofreu alteração de sua estrutura, abrigando atualmente o Museu da Caça e de Arqueologia. Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Villa Viçiosa ou Ville*.

44

FER, Nicolas de. *Villa Viçiosa ou Ville*. [Paris: I. F. Bernard, 1725]. 1 planta, gravada em metal, 12,5 x 17,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,029b

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* / Nicolas de Fer. v. 2, n. 77. Gravado por Antoine Coquart. Planta da Vila Viçosa e sua cidadela. Relevo e vegetação representados de forma pictórica. Planta da Vila de Viçosa, município situado na zona centro-leste de Portugal, próximo à fronteira com a Espanha. A imagem principal deste desenho aparenta ser o Castelo da Vila de Viçosa, anteriormente composto de vários outros bastiões, construído a partir do século XIII. Durante a Guerra de Restauração, sofreu alteração de sua estrutura, abrigando atualmente o Museu da Caça e de Arqueologia. Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Villa Viciosa*.

VILLA VIÇIOSA ou Ville.
Plaisante est fort Ancienne de la
Province d'Alentejo en Portugal
Fortifiée de 3. Bastions entiers
et de 2. demi Bastions avec 3. con-
tregardes. La Ville Neuve est
couverte d'une tranchée Flan-
quée de Redants. Son Château
est un quaré long flanqué de
4. Bastions ronds environné par
dehors d'une Etoille a huit poin-
tes et fortifiée de 2. demi Bas-
tions du côte de la Ville.

VILLA VIÇIOSA.

ARONCHES

1 Baluarte do Castello
2 Baluarte de Elvas
3 Baluarte de S. Miguel
4 Baluarte do Espirito Sancto
5 Baluarte de S. Tuzia
6 Meyo Baluarte de S. Agostinho
7 Porta do Rio
8 Porta do Crato
9 Revelin desenhado
10 Muros antigos q. servem de quarteis
11 Falças-bragas a ruinadas
12 Irmida de S. Tuzia
13 Pontem no Bal.te do Cast.o com parapeito
14 Moynhos
15 Obras demolidas pellos inimigos

R. de Alegrette
Cam. de Alburquerque
R. de Caya
Cam. de Campo Mayor
Caminho de Estremoz
Cam. de

Pes Port.
200 400 600 800 1000

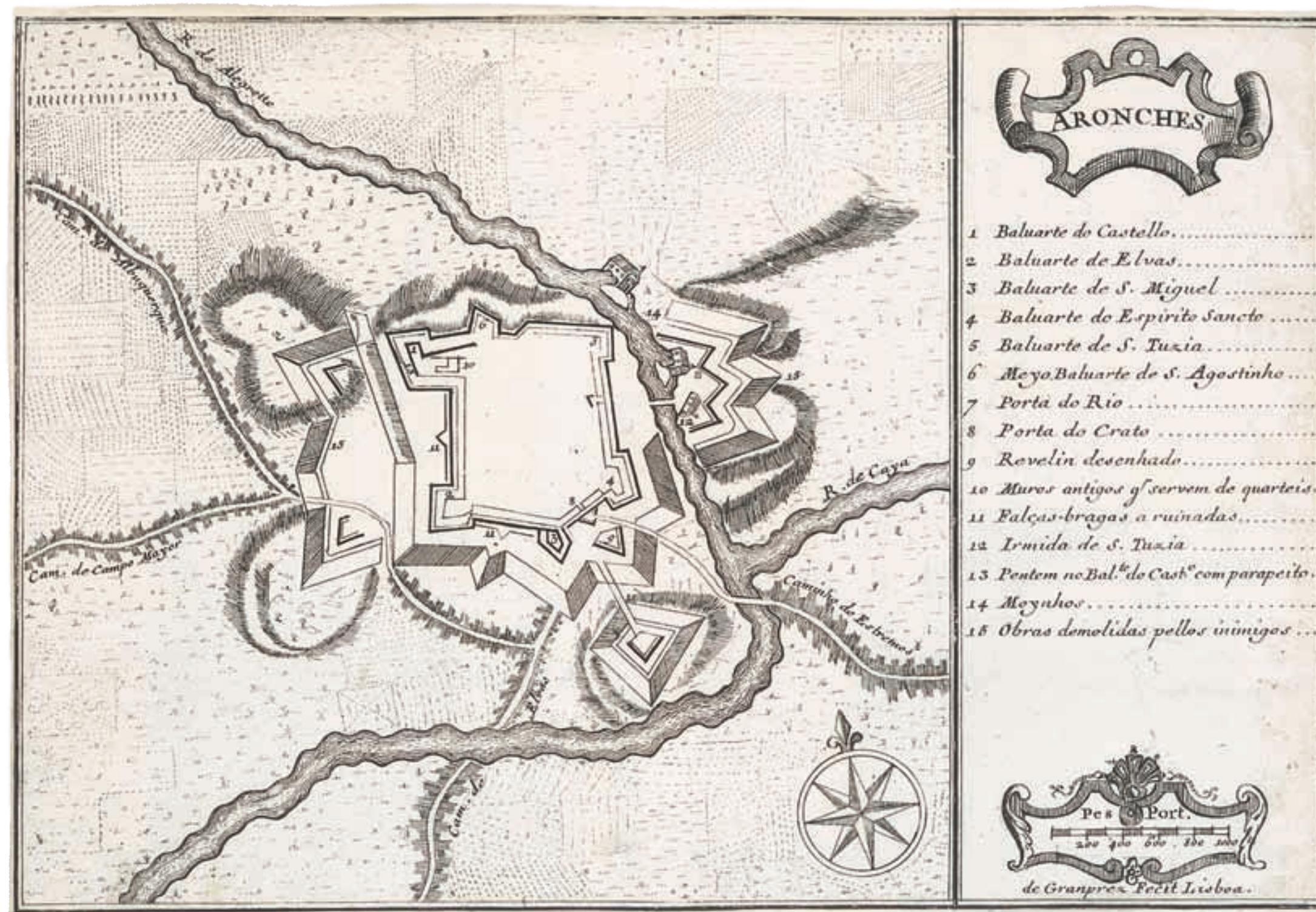
de Granprez Fecit Lisboa.

45

GRANDPRÉ, C. *Aronches*. Lisboa: de Granprez fecit, [ca. 1729]. 1 planta, gravada em metal, 16 x 23,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:10.600].

ARC.016,07,030a

Vegetação representada de forma pictórica. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Escala gráfica: "1000 pes port." [=3,2 cm]. Planta da vila de Arronches e seu castelo exibindo alguns caminhos para outras vilas da região. Pertencente ao distrito de Portalegre, província do Alentejo, a vila está localizada entre as cidades de Elvas e Campo Maior, próximo à fronteira com a Espanha. A fortificação foi construída ainda no período medieval e foi modernizada no período da Guerra da Restauração. Sofreu danos também quando do terremoto que abalou a região, no ano de 1755. Atualmente, forma apenas um sítio com sua estrutura remodelada e bastante reduzida. Colada na mesma folha com outras duas plantas intituladas *Aronches*.

46

ARONCHES. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 14 x 20 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:9.100].

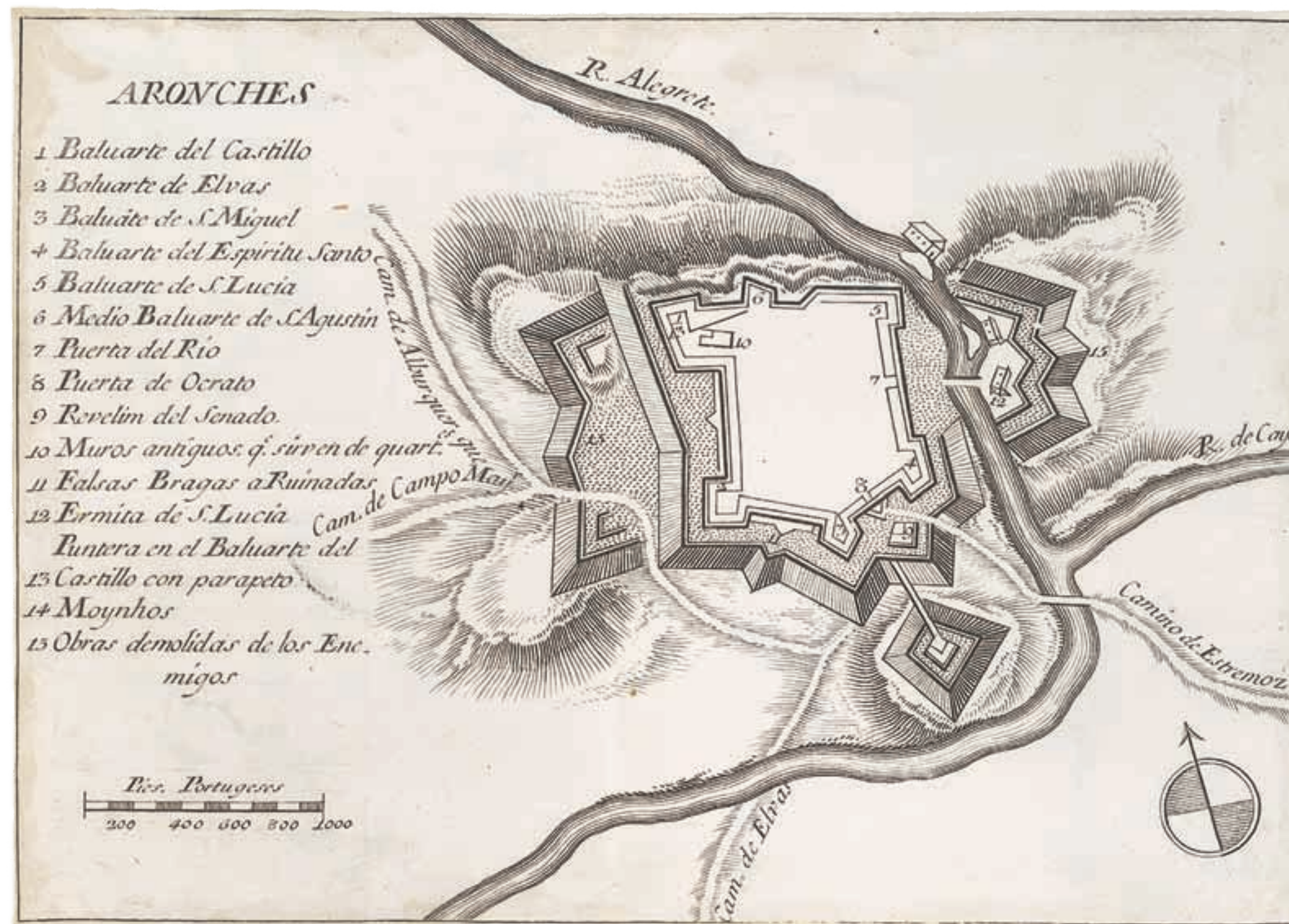
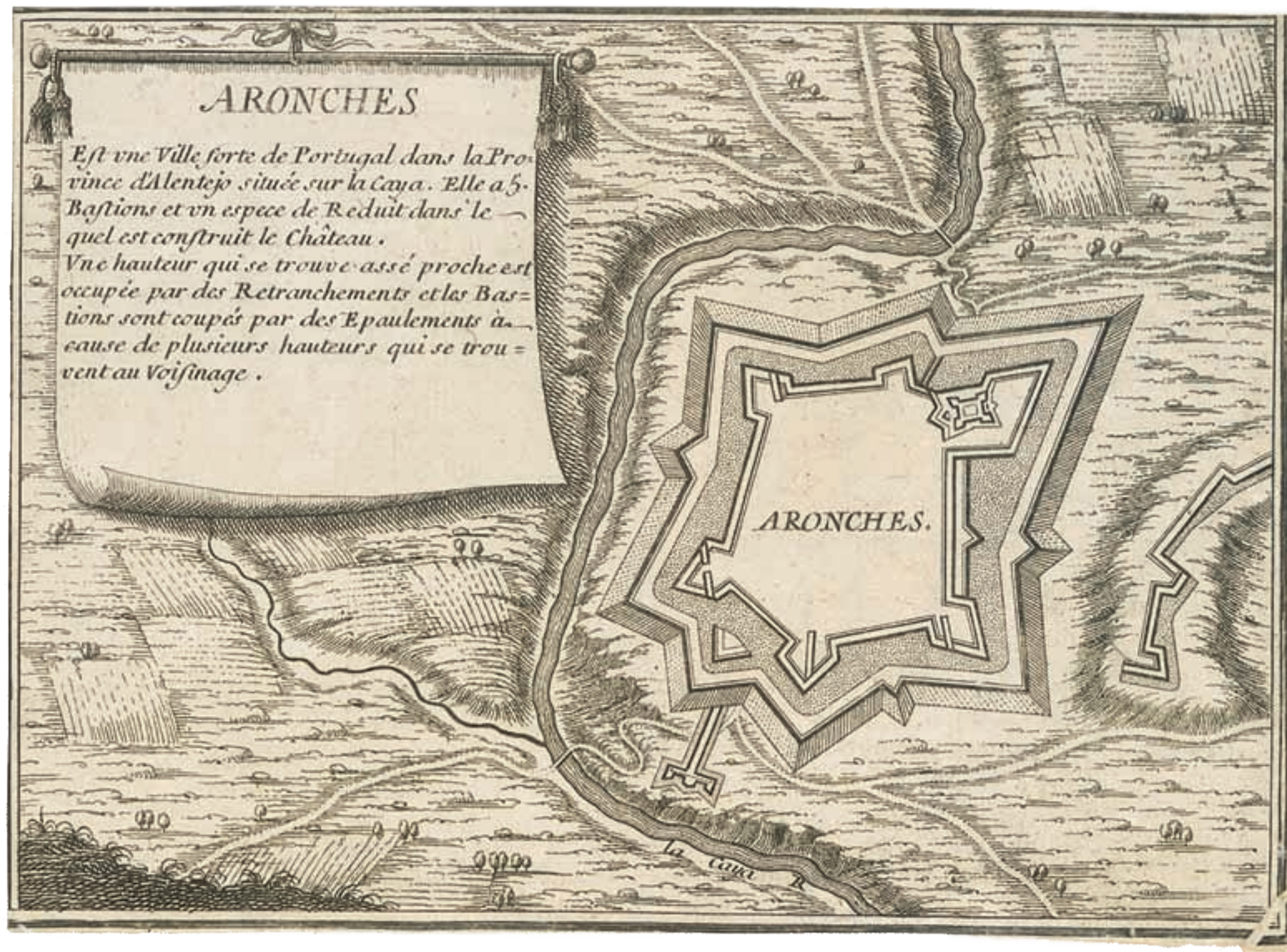
ARC.016,07,030b

Escala gráfica: "1000 pies portugueses" [=3,8 cm].
Contém rosa dos ventos.
Planta da vila de Arronches e seu castelo, pertencente ao distrito de Portalegre e localizada entre as cidades de Elvas e Campo Maior, próximo à fronteira com a Espanha. Contém uma legenda que identifica, inclusive, as partes que foram demolidas pelos "inimigos". Esta fortificação foi construída ainda no período medieval e foi modernizada no período da Guerra da Restauração. Sofreu danos também quando do terremoto que abalou a região, no ano de 1755. Atualmente, forma apenas um sítio com sua estrutura remodelada e bastante reduzida.
Colada na mesma folha com outras duas plantas intituladas *Arronches*.

ARONCHES

Est vne Ville forte de Portugal dans la Province d'Alentejo située sur la Caya. Elle a 5. Bastions et vn espece de Reduit dans le quel est construit le Château.
Vne hauteur qui se trouve assé proche est occupée par des Retranchements et les Bastions sont coupés par des Epaulements à cause de plusieurs hauteurs qui se trouvent au Voisinage.

ARONCHES.

la Caya R.

47

FER, Nicolas de. *Aronches*. [Paris: I. F. Bernard, 1725]. 1 planta, gravada em metal, 12,5 x 17,5 cm em f. 55 x 41 cm.
Escala [ca. 1:9.000].

ARC.016,07,030c

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* /
Nicolas de Fer. v. 2, n. 77.
Gravado por Antoine Coquart.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Dados matemáticos atribuídos segundo as plantas coladas na mesma folha.
Planta da vila de Arronches e seu castelo. Pertencente ao distrito de Portalegre, província do Alentejo, a vila está localizada entre as cidades de Elvas e Campo Maior, próximo à fronteira com a Espanha. Esta fortificação foi construída ainda no período medieval e foi modernizada no período da Guerra da Restauração. Sofreu danos também quando do terremoto que abalou a região, no ano de 1755. Atualmente, forma apenas um sítio com sua estrutura remodelada e bastante reduzida.
Colada na mesma folha com outras duas plantas intituladas *Aronches*.

48

GRANDPRÉ, C. *Moura*. [S.l.: s.n., ca. 1729]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 23,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:10.645].

ARC.016,07,031a

Data atribuída a partir de dados biográficos do gravador. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Escala gráfica: "1000 pès portug." [=3,3 cm]. Moura pertence ao distrito de Beja, no Alentejo. Foi dominada pelos romanos, com o nome de Arucci ou Ciuitas Aruccitania Noua, entre os séculos VI a. C. e V d. C. A cidade foi ocupada pelos árabes, e denominada Al-Manijah, entre os séculos VIII e XII. O nome Moura se origina de uma lenda da princesa moura Saluquia. A partir do século XIII até a integração do Reino de Portugal, Moura esteve envolvida na batalha de disputa de limites com Castela, na Espanha. O castelo foi reconstruído no século XIV e a cidade foi murada novamente em 1660. Colada na mesma folha com outra planta intitulada *Moura*.

MOURA

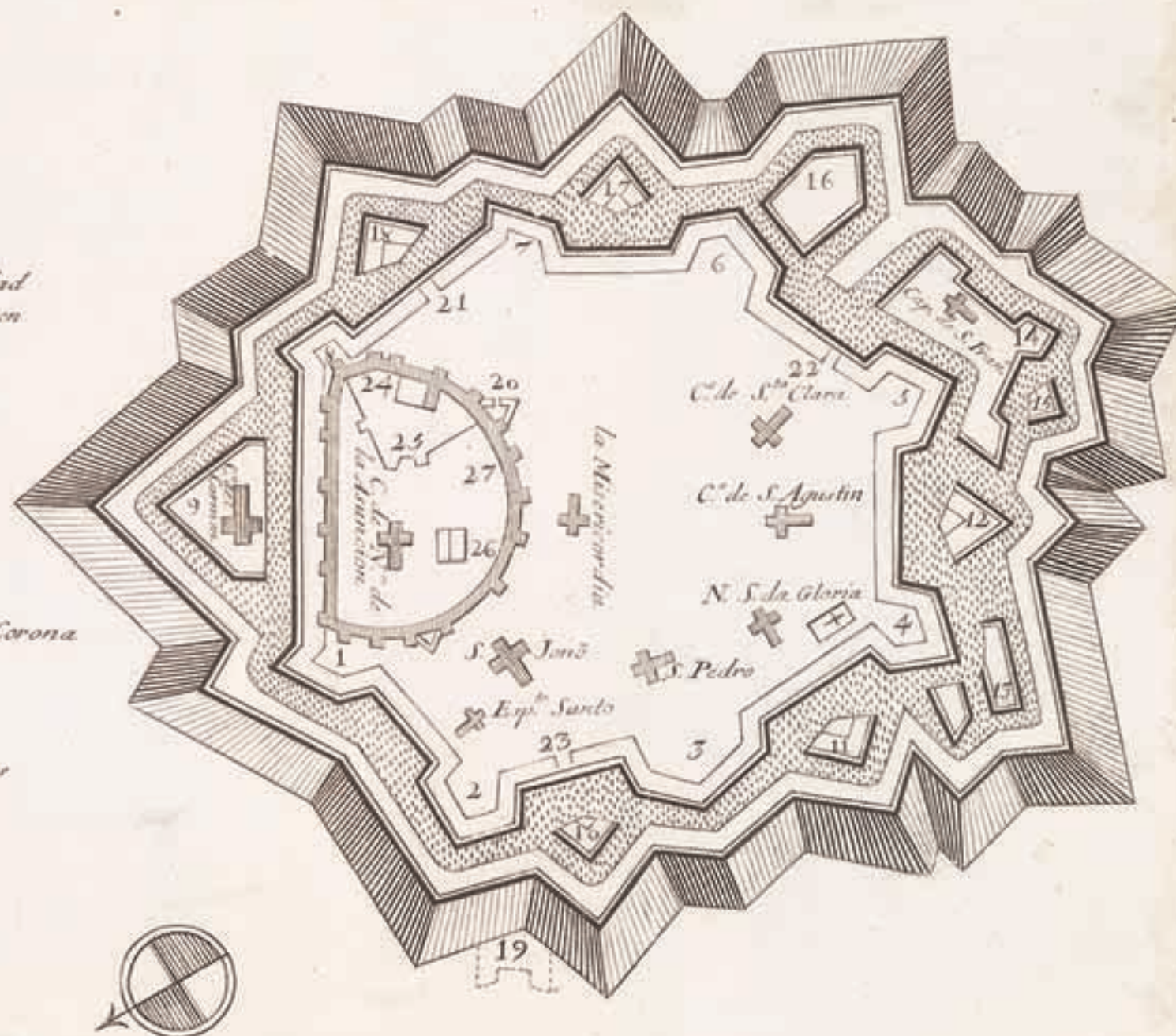
1. Baluarte de S. Joaõ
2. Baluarte de S. Caterina
3. Baluarte de S. Justa
4. Baluarte de N.S. da Gloria
5. Baluarte de S. Franc.º
6. Baluarte de S. Joseph
7. Baluarte de S. Sebastiaõ
8. Baluarte de N.S. da Piadade
9. Rebelim do Con.to do Carmo
10. Rebelim de S. Antonio
11. Rebelim de S. Joaõ de Ds.
12. Rebelim de S. Agostinho
13. Meya Lua de S. Lourenco
14. Obra Coroa de S. Fran.co
15. Meya Lua de N.S. da Conseicaõ
16. Meya Lua de Lavandeira
17. Rebelim de S. Miguel
18. Rebelim de S. Cruz
19. Hornaveque de N.S. a Corna
20. Porta nova
21. Porta do Carmo
22. Postigo de S. Fran.co
23. Postigo de S. Justa
24. Cazas dos Governadores
25. O Castelejo
26. Almazem do Castelo
27. Castelo

Pes Portug.

MOURA

1 Baluarte de S. João
2 Baluarte de S. Cathalina
3 Baluarte de S. Justa
4 Baluarte de N. S. da Gloria
5 Baluarte de S. Franc.co
6 Baluarte de S. Joseph
7 Baluarte de S. Sebastian
8 Baluarte de N. S. de la Piedad
9 Rebelim del Con.to del Carmen
10 Rebelim de S. Antonio
11 Rebelim de S. Juan de Dios
12 Rebelim de S. Agustin
13 S. Lorenzo
14 Cordon de S. Francisco
15 N. S. de la Concepcion
16 Lavandeira
17 Rebelim de S. Miguel
18 Rebelim de S. Cruz
19 Hornaveque de N. S. de la Corona
20 Puerta nueva
21 Puerta del Carmen
22 Postigo de S. Fran.co
23 Postigo de S. Justa
24 Casas de los Governad.es
25 Castillejo
26 Almacen del Castillo
27 Castillo

Pies Portugueses

100 300 500 700 900
200 400 600 800 1000

49

MOURA. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,5 cm em f. 55 x 41 cm.
Escala [ca. 1:10.645].

ARC.016,07,031b

Contém rosa dos ventos.
Escala gráfica: "1000 pies portugueses" [=3,3 cm].
Moura pertence ao distrito de Beja, na região do Alentejo. Foi dominada pelos romanos, com o nome de Arucci ou Ciuitas Aruccitania Noua, entre os séculos VI a. C. e V d. C. A cidade foi ocupada pelos árabes, e denominada Al-Manijah, entre os séculos VIII e XII. O nome Moura se origina de uma lenda da princesa moura Saluquia. A partir do século XIII até a integração do Reino de Portugal, Moura esteve envolvida na batalha de disputa de limites com Castela, na Espanha. O castelo foi reconstruído no século XIV, e a cidade foi murada novamente em 1660.
Colada na mesma folha com outra planta intitulada *Moura*.

50

MOURA. [16--]. 1 planta ms., desenho a tinta ferrogálica, 39,8 x 54 cm.

ARC.016,07,032

Mostra a cidade murada, portanto deve ser de data posterior a 1660. Aguada, desenhada em papel quadriculado. Marca-d'água: besta dentro de círculo. Moura pertence ao distrito de Beja, na região do Alentejo, na margem esquerda do rio Guadiana. Foi dominada pelos romanos, com o nome de Arucci ou Ciuitas Aruccitania Noua, entre os séculos VI a.C. e V d.C. A cidade foi ocupada pelos árabes, e denominada Al-Manijah entre os séculos VIII e XIII. O nome Moura se origina de uma lenda da princesa moura Saluquia. A partir do século XIII até a integração do Reino de Portugal, Moura esteve envolvida na batalha de disputa de limites com Castela, na Espanha. O castelo foi reconstruído no século XIV e a cidade foi murada novamente em 1660.

ESTREMOZ

En la probincia de Alente-
jo, dibidida en alta y ba-
ja Ciudad fortificada
de ocho bastiones, quatro
medios bastiones, reuestidos;
y un fosso ancho.

51

ESTREMOZ: en la probincia de Alentejo, dibidida en alta y baja ciudad fortificada... [S.l.: s.n., ca. 17--]. 1 planta, gravada em metal, 14,5 x 20,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,033a

Planta da vila de Estremoz, contígua ao castelo medieval de mesmo nome. Foi elevada ao estatuto de cidade apenas em 1926 e está situada na região do Alentejo Central. Sua posição estratégica, no alto de uma colina, não a impediu de sofrer inúmeras invasões por parte dos espanhóis. O castelo foi palco da Batalha das Linhas de Elvas, da Guerra das Laranjas e da Guerra Peninsular. Sofreu perdas de sua estrutura, no século XIX, por causa de um incêndio no seu armazém de armas.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Estremos*.

52

FER, Nicolas de. *Estremos*. [Paris: I. F. Bernard, 1725]. 1 planta, gravada em metal, 12,8 x 17,8 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,033b

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* / Nicolas de Fer. v. 2, n. 77. Gravado por Antoine Coquart. Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Planta da vila de Estremoz, contígua ao castelo medieval de mesmo nome. Foi elevada ao estatuto de cidade apenas em 1926 e está situada na região do Alentejo Central. Sua posição estratégica, no alto de uma colina, não a impediu de sofrer inúmeras invasões por parte dos espanhóis. O castelo foi palco da Batalha das Linhas de Elvas, da Guerra das Laranjas e da Guerra Peninsular. Sofreu perdas de sua estrutura, no século XIX, por causa de um incêndio no seu armazém de armas.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Estremoz*.

53

GRANDPRÉ, C. *Campo Mayor*. [S.l.: s.n., ca. 1729]. 1 planta, gravada em metal, 16,4 x 23,4 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [1:9.280].

ARC.016,07,034a

Escala gráfica: “900 pes port.” [=3,5 cm]. Contém rosa dos ventos e flor de lis. Vegetação representada de forma pictórica.
Importante praça militar da região do Alentejo e bastante influenciado pela cultura castelhana, o Castelo de Campo Maior faz parte de uma ampla rede de fortificações contra o avanço da Coroa espanhola, durante a Guerra da Restauração. A planta também retrata outro forte, que foi demolido em outra ocasião, chamado de Chomberg, segundo o livro *Geografia histórica de todos os estados soberanos da Europa*. No entanto, é possível encontrar outras designações deste forte, como Forte do Cachimbo ou de São João.
Colada na mesma folha com outra planta intitulada *Campo Mayor*.

54

CAMPO Mayor. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,5 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [1:10.000].

ARC.016,07,034b

Contém rosa dos ventos.
Escala gráfica: "1000 pies portugueses" [=3,5 cm].
Importante praça militar da região do Alentejo e bastante influenciado pela cultura castelhana. Faz parte de uma ampla rede de fortificações contra o avanço da Coroa espanhola, durante a Guerra da Restauração. A planta também retrata um outro forte, demolido em diferente ocasião e chamado, segundo o livro *Geografia histórica de todos os estados soberanos da Europa*, de Chomberg. No entanto, é possível encontrar outras designações deste forte, como Forte do Cachimbo ou de São João.
Colada na mesma folha com outra planta intitulada *Campo Mayor*.

CAMPOMAYOR

Es una Plaza de Grande re_putacion fortificada à lo mo_derno con quatro Baluartes, y cinco medios Baluartes, tiene un Fuerte llamado de S. Joao, este Fuerte ocupa un sitio eminente, en forma quadrada con tres Baluartes, se halla otro Fuerte, que se comunica por la estrada encubierta, à que llaman de Con berg, en el Circuito de la Plaza para defensa de las Puertas, de algunas Cortinas se ven seis Revelins de vastante Grandeça, ay un foso y un Lago.

Pies Portugueses

100 300 500 700 900
200 400 600 800 1000

55

FER, Nicolas de. *Olivença*. [Paris: I. F. Bernard, 1725]. 1 planta, gravada em metal, 22,5 x 16 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,035a

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* / Nicolas de Fer. v. 2, n. 76.
Gravado por Antoine Coquart.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Planta da praça-forte de Olivença, contígua ao Forte de São João. Esta cidade deixou de pertencer ao território de Portugal a partir do Tratado de Badajoz, de 1801.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Olivença* e *Olivenza*.

GRANDPRÉ, C. *Olivença*. [S.l.: s.n., ca. 1729]. 1 planta, gravada em metal, 16 x 24 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:10.312].

ARC.016,07,035b

Indica caminhos.
Escala gráfica: "1000 pes port." [=3,2 cm].
Vegetação representada de forma pictórica.
Planta da praça-forte de Olivença, contígua ao Forte de São João. Estão representados alguns caminhos que saem do castelo, como o que leva à ponte de Nossa Senhora da Ajuda, sobre o rio Guadiana. Esta cidade deixou de pertencer ao território de Portugal a partir do Tratado de Badajoz, de 1801.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Olivença* e *Olivenza*.

OLIVENÇA

1 Baluarte de S. Franc.°
2 Baluarte de S. Bras
3 Baluarte de Princepe
4 Baluarte de S. Guiteria
5 Baluarte da Corna
6 Baluarte do Calvario
7 Baluarte de S. Joaõ
8 Baluarte de S. Pedro
9 Baluarte da Raynha
10 Forte de S. Joaõ
11 Rebelim da porta de S. Franc.°
12 Rebelim de S. Ant.°
13 Rebelim de S. Caetano
14 Rebelim da Porta de S. Guiteria
15 Rebelim da Corna
16 Rebelim de S. Anna
17 Rebelim da porta do Calvario
18 Redente
19 Redente Segundo
20 Porta de Santo Franc.°
21 Porta do Calvario
22 Porta de S. Guiteria
23 Torre da omenage
24 Hospital de S. Joaõ de D.s
25 Covento de S. Franc.°
26 Ermida de S. Bras
27 Cavalleiro no Bal. do Calvario
28 Fonte da Corna e ortas

Pes Port.
de Granpré Fecit.

OLIVENZA

1 Baluarte de S. Franc.o
2 Baluarte de S. Blas
3 Baluarte del Principe
4 Baluarte de S. Guiteria
5 Baluarte de la Corona
6 Baluarte del Calvario
7 Baluarte de S. Juan
8 Baluarte de S. Pedro
9 Baluarte de la Reyna
10 Fuerte de S. Juan
11 Revelim de la puerta de S. Franc.o
12 Revelim de S. Antonio
13 Revelim de S. Cayetano
14 Revelim de la puerta de S. Guiteria
15 Revelim de la Corona
16 Revelim de S. Ana
17 Revelim de la Puerta del Calvario
18 Redente
19 Redente Segundo
20 Puerta de S. Franc.o
21 Puerta del Calvario
22 Puerta de S. Guiteria
23 Torre de Omenage
24 Hospital de S. Juan de Dios
25 Convento de S. Franc.o
26 Ermita de S. Blas
27 Cavallero nuevo del Calvario
28 Fuente de la Corona y Guertas

100 300 500 700 900
200 400 600 800 1000 Pies Portugueses.

Cam. p.a Cheles
Cam. de Guadiana
Cam. de Guadiana
Cam. de Gurumenha
Cam. da Moreira.
Cam. del Puente.

57

OLIVENZA. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20 cm em f. 55 x 41 cm.
Escala [ca. 1:10.640].

ARC.016,07,035c

Escala gráfica: “1000 pies portugueses” [=3,2 cm].
Planta da praça-forte de Olivença, contígua ao Forte de São João. Estão representados alguns caminhos que saem do castelo, como o que leva à ponte de Nossa Senhora da Ajuda, sobre o rio Guadiana. Esta cidade deixou de pertencer ao território de Portugal a partir do Tratado de Badajoz, de 1801.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Olivença*.

58

PORTALEGRE. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 14,7 x 20 cm em f. 55 x 41 cm.

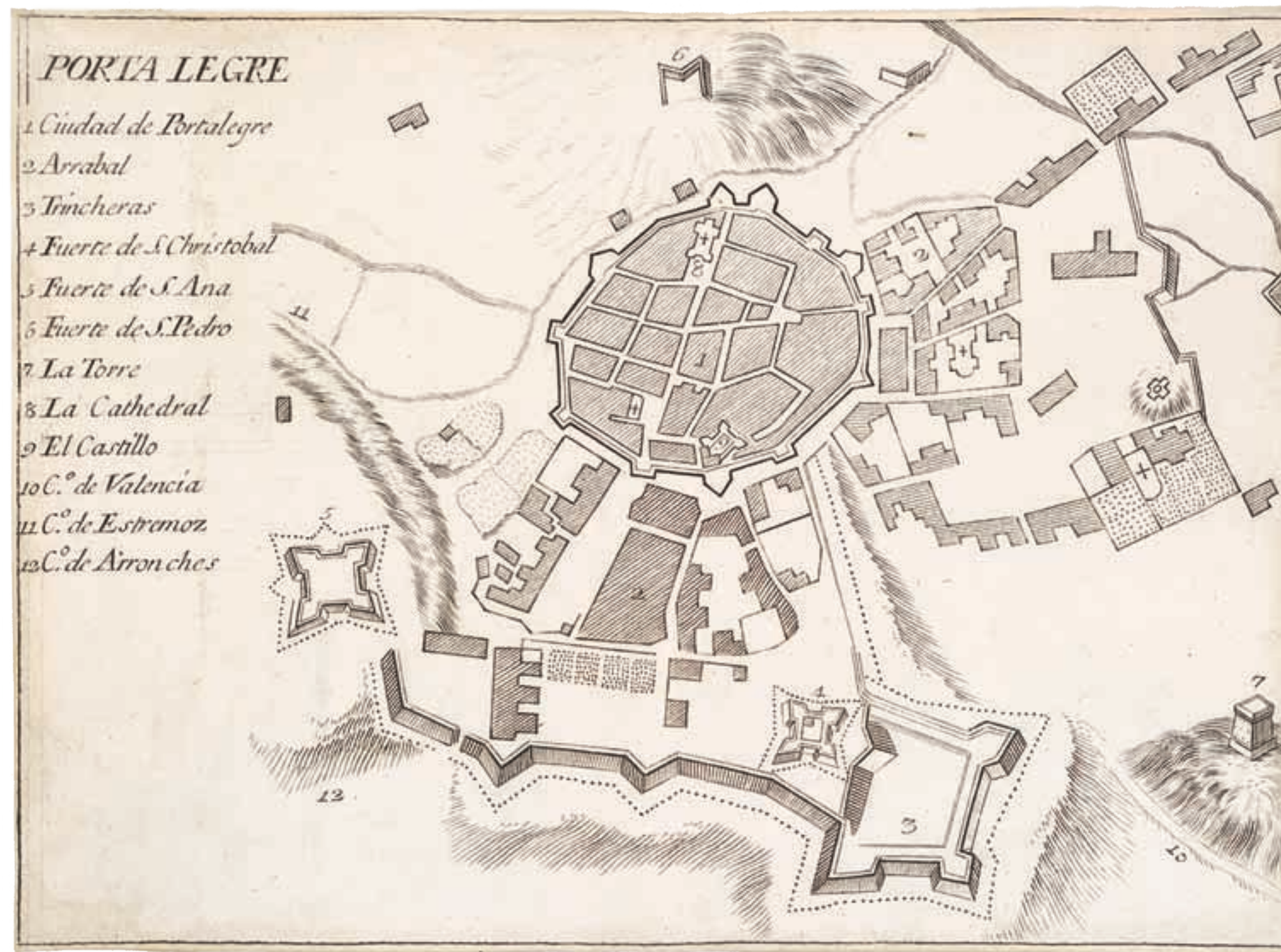
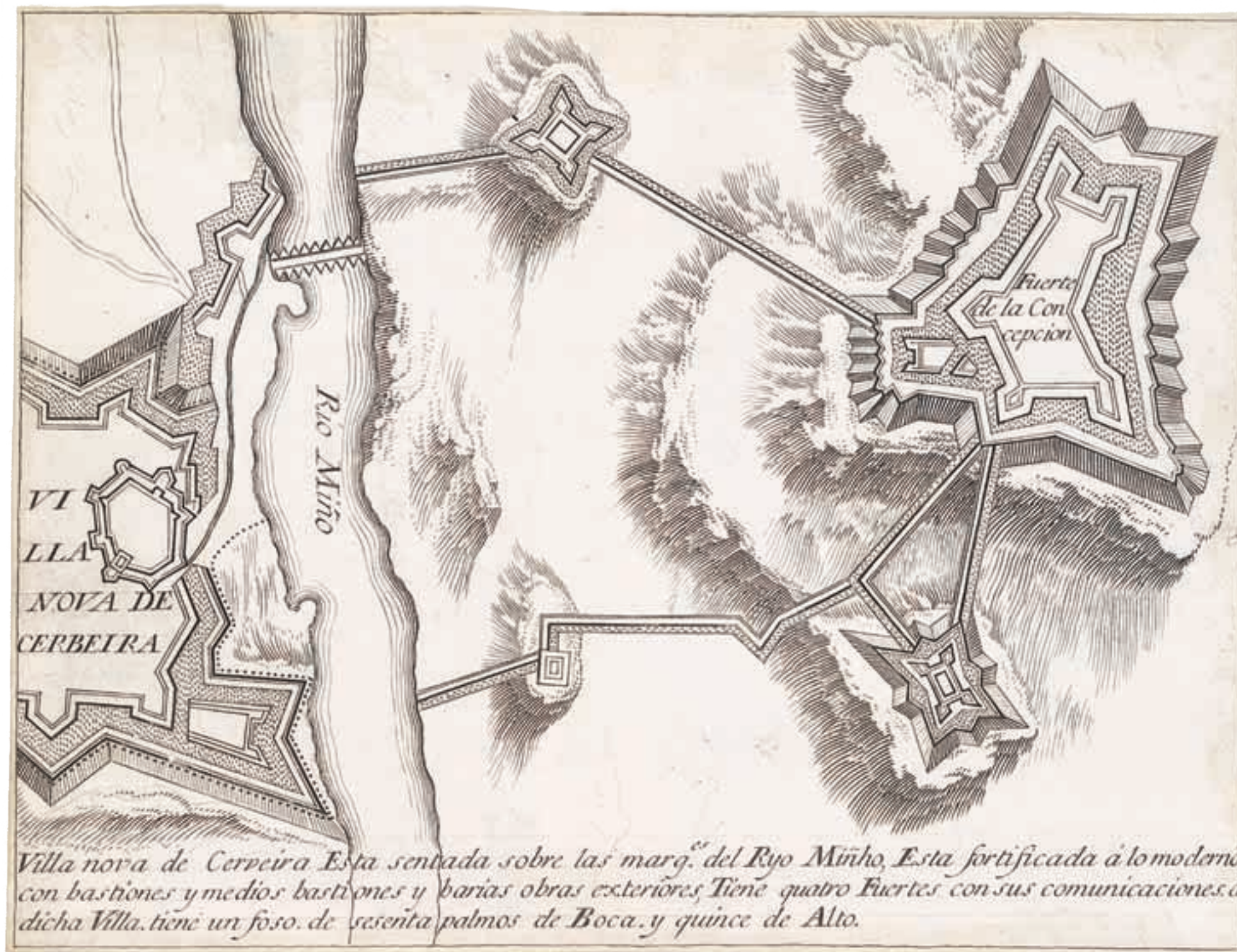
ARC.016,07,036a

Relevo representado de forma pictórica. Planta da complexa estrutura da cidade e do castelo de Portalegre, construído para assegurar a reconquista cristã da Península Ibérica. O aglomerado urbano está localizado na região leste do Alentejo, fronteira com a Espanha, e foi elevado à categoria de cidade em 1550, por D. João III. É possível visualizar os limites tanto das muralhas medievais quanto das estruturas modernas, de estilo Vauban. Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Villa Nova de Cerbeira [e] Fuerte de la Concepcion* e *La Villa de Castel Blanco [e] Villa Fariña*.

Rio Miño

VI LLA NOVA DE CERBEIRA

Fuerte de la Concepcion

Villa nova de Cerveira Esta sentada sobre las marg.es del Ryo Miñho, Esta fortificada á lo moderno con bastiones y medios bastiones y barias obras exteriores, Tiene quatro Fuertes con sus comunicaciones á dicha Villa. tiene un foso. de sesenta palmos de Boca. y quince de Alto.

59

VILLA Nova de Cerbeira [e] Fuerte de la Concepcion. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 19,5 cm em f. 55 x 41 cm.

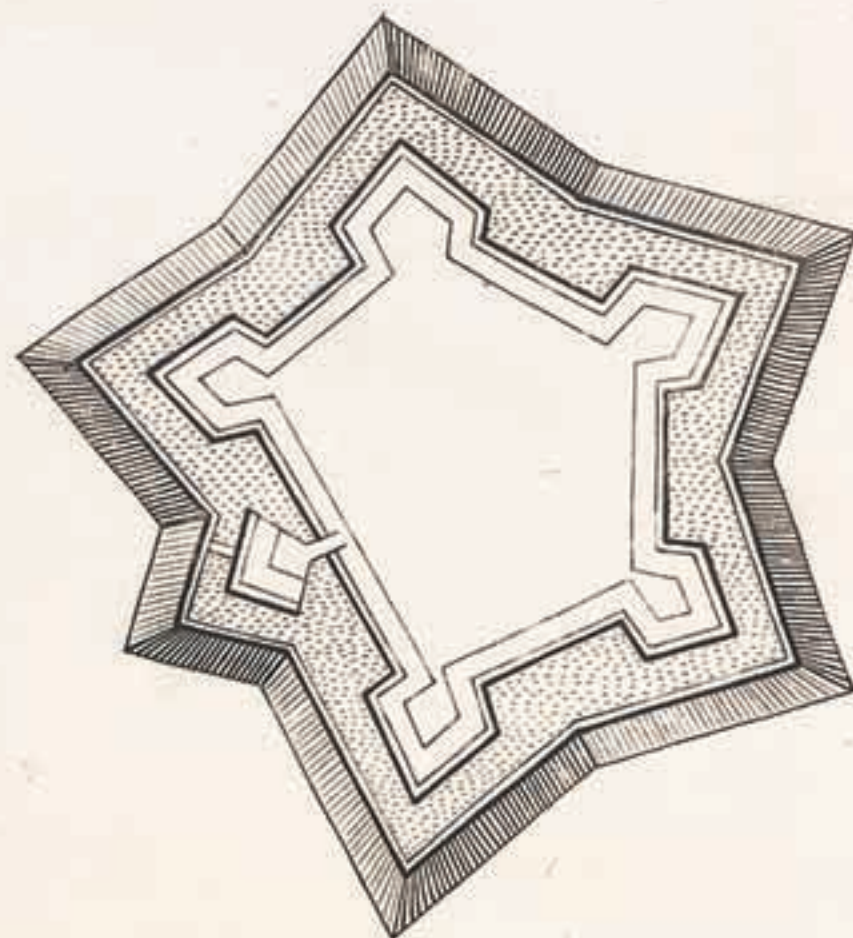
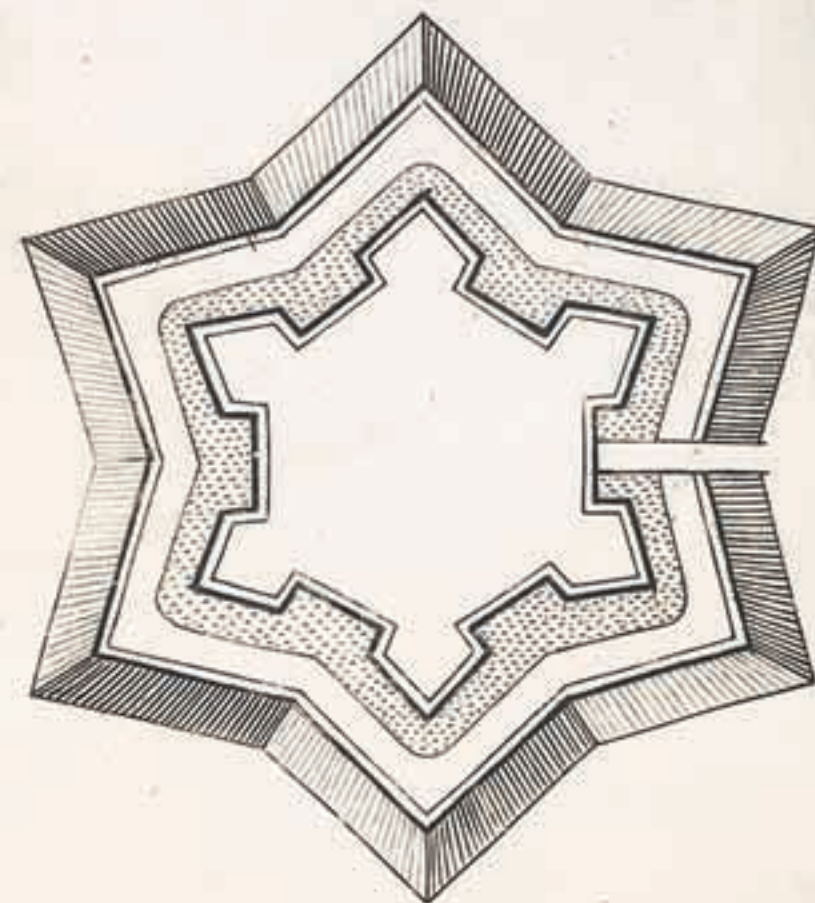
ARC.016,07,036b

Mostra as fortificações de Vila Nova de Cerveira e Concepcion, edificadas para a defesa dos respectivos territórios português e espanhol, que correspondem atualmente à cidade de Vila Nova de Cerveira e a Goián, no município de Tomiño. Este complexo de fortificações constituiu um importante núcleo para assegurar a posse da região contra as investidas espanholas, já que margeia o rio Minho, fronteira do norte de Portugal com a Espanha. O rio também está representado na planta.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Portalegre* e *La Villa de Castel Blanco [e] Villa Fariña*.

60

LA VILLA de Castel Blanco [e] Villa Fariña. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 15 x 20,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,036c

As únicas referências encontradas sobre Vila Fariña estão em dois mapas, na Biblioteca Nacional Digital de Lisboa.
Mostra a vila de Castelo Branco, situada na região central de Portugal (Beira Baixa), fazendo divisa com a Espanha. A complexa estrutura das muralhas da fortificação e do castelo sofreu diversas mudanças em sua estrutura devido às diversas invasões espanholas. No mesmo desenho há outra planta, intitulada *Villa Fariña*, praça-forte não identificada. Com a ajuda da pesquisadora portuguesa Maria Helena Dias, tentamos reconhecer tal fortificação ou topônimo, mas não conseguimos estabelecer de qual país, se de Portugal ou da Espanha, esta fortaleza fazia ou ainda faz parte. Sua localização é assinalada exatamente na divisa destes países, no triângulo formado pelas cidades de Elvas, Campo Maior e Badajoz. É possível supor que se trata de um erro cartográfico.
Coladas na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Portalegre* e *Villa Nova de Cerbeira [e] Fuerte de la Concepcion*.

La Villa de Castel Blanco, esta situada entre los Rios, Liza, y Ponsul, sobre un cerro y fortificada à lo moderno, como seve.

Villa Fariña, esta fortificada à lo moderno, segun de muestra este Plan.

61

DE VILA do Conde. [ca. 1570]. 1 planta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 71 x 85,5 cm. Escala [ca. 1:1.100].

ARC.016,09,001

Título no verso.
Esta planta foi equivocadamente incluída por Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota no conjunto de cartas de título atribuído *Atlas das Ilhas dos Açores e Madeira*, em *Portugaliae monumenta cartographica,* onde aparece com o título *Planta de Vila do Conde*.
Planta truncada.
Mostra ruas, fontes, as igrejas S. Joani, atual Igreja da Matriz, S. Francisco e S. Amaro, praças, Hortas de Francisco Carneiro, etc.
Com elementos dobráveis anexados para elevação do sítio.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Marca-d'água: coroa encimada por estrela de seis pontas.
Escala gráfica: "cem braças" [=20 cm].
Provavelmente, trata-se de um estudo preliminar de onde se poderiam erguer as fortificações, que deveriam estar assinaladas na parte da planta que falta. Ao que tudo indica, esta planta, juntamente com os outros manuscritos de Sesimbra, Guimarães e das ilhas de Açores e Madeira, fazem parte de um conjunto de estudos solicitados pelo Reino para a construção de fortalezas.

62

DE GUIMARÃES. [ca. 1570]. 1 planta ms., desenho a tinta, col., aquarelada, 83,4 x 154 cm. Escala [ca. 1:1.100].

ARC.016,09,012

Mostra a cidade murada.
Indica o Castelo de Guimarães, Paço dos Duques de Bragança, Convento de Santa Clara, Igreja Nossa Senhora de Oliveira, Igreja de São Domingos, Igreja de São Francisco, Toural, Campo da Feira, etc.
Com elementos dobráveis anexados para elevação do sítio e indicação das torres do Castelo de Guimarães e da fachada do Paço dos Duques de Bragança.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Marca-d'água: roda.
Duas escalas gráficas: "cem braças" [20 cm].
Título no verso.
Guimarães se origina da fundação da nação de Portugal, onde houve a batalha de São Mamede no dia 14 de junho de 1124, reconhecendo D. Afonso Henriques como o primeiro rei de Portugal. Pertence ao distrito de Braga, na sub-região do Ave, no Norte, e fica localizada entre os rios Ave e Vizela. Porém, a área geográfica que o mapa abrange é aquela entre os rios Suyo e Couros. Provavelmente, esta planta, juntamente com os outros manuscritos de Vila do Conde, Sesimbra e as das ilhas de Açores e Madeira, fazem parte de um conjunto de estudos solicitados pelo Reino para a construção de fortalezas.

63

BRAUN, Georg. *Olissippo quae nunc Lisboa, civitas amplissima Lusitaniae, ad Tagum*: totig Orientis, et multarum Insularum Aphricaeque et Americae emporium nobilissimum. [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 planta, gravada em metal, 40,5 x 52 cm.

ARC.016,07,037

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg.
Local e data atribuídos pelo *Tooley's dictionary...*, 1999.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Contém brasões da Casa Real Portuguesa e de Lisboa.
Texto em latim no verso, com numeração: 2.
Contém rosa dos ventos.
Planta pictórica da cidade de Lisboa que faz parte da obra *Civitates Orbis Terrarum*, editada em seis volumes, entre 1572 e 1617.

64

LISBONE. A Paris: chez Iollain, [16--?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 40,3 x 54 cm.

ARC.016,07,038

Elaborado por um membro da família Jollain, que floresceu entre os séculos XVII e XVIII, de acordo com o *Tooley's dictionary of mapmakers*. Contém brasões de Portugal e de Lisboa. Imagem da cidade de Lisboa, com representações pictóricas de embarcações, provavelmente anterior ao terremoto de Lisboa. Há, também, textos que descrevem essa cidade, um em latim e outro em francês. É provável que este mapa tenha sido gravado por um dos artistas representantes da família Jollain.

65

OLISIPPO Lisabona. [Frankfurt am Mayn: W. Hoffmans Buchtruckerey, 1646?]. 1 planta, gravada em metal, 28,2 x 37 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,07,039a

Gravado por Matthaeus Merian.
De: *Newe Archontologia cosmica...* / Pierre d'Avity; Johann Ludwig Gottfried.
Contém brasões de Portugal e Lisboa.
Planta com a representação pictórica de Lisboa, com algumas embarcações e indicação das principais edificações da cidade. Há referência a um desenho semelhante a este na Biblioteca Nacional de Portugal, cuja data indicada é o século XVI.
Colada na mesma folha com um mapa, intitulado *Embouchure de la rivière du Tage*.

66

FER, Nicolas de. *Embouchure de la riviere du Tage*. A Paris: chez l'auteur, 1715. 1 mapa, gravado em metal, 17,4 x 40,7 cm em f. 55 x 41 cm. Escala [ca. 1:87.000].

ARC.016,07,039b

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* / Nicolas de Fer. v. 2, n. 71.
Escala gráfica: "deux mil cinq cent toises" [=5,6 cm].
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Encartes: "Palais Royal de Lisbonne" e "Le Chateau de Belem".
Parte do rio Tejo correspondente à região que abrange do Cabo da Roca ao porto de Lisboa, incluindo as fortificações de Cascais e São Julião, a Torre de Belém e parte da província do Alentejo.
Colado na mesma folha com uma planta, intitulada *Olisippo Lisabona*.

67

STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]. [Lisboa: s.n., 1662]. 7 gravuras em 2 f., água-forte, 55 x 41 cm.

ARC.016,07,040-041

Vistas de Lisboa e da chegada da comitiva inglesa, que foi buscar a princesa D. Catarina de Bragança, prometida ao rei Charles II.
Dedicatória na primeira estampa: "A Illust. D. Catharina Rainha da Gran Bretanha DVC".
Conteúdo: f. 1a. [Vista de Lisboa] – f. 1b. [O Palacio Reyal de Lixboa] – f. 1c. [O Palácio do Infante Dom Pedro em o Corpus Sancto em Lixboa] – f. 2d. [Vista do Convento da Madre de Deus] – f. 2e. [Vista de Santo Amaro e prospectiva do lugar de Bellem] – f. 2f. [O Convento de Sto. Hieronimo em Bellem] – f. 2g. [A Torre e entrada da barra de Bellem].

Parte do item 67. f. 1a.

Parte do item 67 (STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]). f. 1b.

Parte do item 67 (STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]). f. 1c.

Parte do item 67 (STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]). f. 2d.

Parte do item 67 (STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]). f. 2e.

Parte do item 67 (STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]). f. 2f.

Parte do item 67 (STOOP, Dirck. [*Gravuras comemorativas do matrimônio da Infanta Catarina de Bragança*]). f. 2g.

LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno 1755* = Receuil des plus belles ruines de Lisbonne causées par le tremblement et par le feu du premier novembre 1755. Paris: Jac. Ph. Le Bas, 1757. 6 gravuras, água-forte, 30,5 x 39,5 cm em f. 41 x 55 cm + 1 p. de rosto.

ARC.016,07,042-048

Desenhadas por Paris e Pedegache.
Página de rosto e legendas em português e francês.
Conjunto de seis gravuras das ruínas de edifícios da cidade de Lisboa após o terremoto que abalou a cidade no dia primeiro de novembro de 1755, como o próprio título indica. Todas as gravuras são recortes feitos da obra original por Diogo Barbosa Machado, por isso não existe encadernação. O primeiro desenho representa a Torre de São Roque, que ficou totalmente destruída com o terremoto, abalo que também atingiu a fachada da Igreja de São Roque e a Capela de Santo Antônio. A segunda gravura oferece vista de uma das fachadas do edifício da Igreja de São Paulo, demolida. As ruínas da Basílica de Santa Maria, atual Catedral da Sé, estão representadas na terceira imagem do álbum. Essa igreja foi reconstruída várias vezes por ter sido atingida por diferentes terremotos.
A quarta imagem retrata a Casa da Ópera, que foi consumida pelo fogo provocado pelos abalos sísmicos. Os desenhos dos escombros da Igreja de São Nicolau e da Praça da Patriarcal compõem as duas últimas gravuras desta pequena série. Em todas essas imagens, aparecem figuras de homens entre os escombros, com feição de terror diante da paisagem de destruição.
Conteúdo: f. 1. Página de rosto – f. 2. Torre de S. Roque, chamada vulgarmente Torre do Patriarcha – f. 3. Igreja de S. Paulo – f. 4. Basilica de Santa Maria – f. 5. Casa da Opera – f. 6. Igreja de S. Nicolau – f. 7. Praça da Patriarchal.

COLLEÇAÓ

De algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de Novemb.ro do anno 1755.

Debuxadas na mesma Cidade por M.M. Paris et Pedegache

E abertas a o buril em Paris por Jac. Ph. Le Bas.

RECEUIL

Des plus belles ruines de Lisbonne causées par le tremblement et par le feu du premier Novembre 1755.

Dessiné sur les lieux par M.M. Paris et Pedegache

Et Gravé à Paris par Jac. Ph. Le Bas premier Graveur du Cabinet du Roy

en 1757.

Parte do item 68. f. 1.

Parte do item 68 (LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno* 1755). f. 2.

Parte do item 68 (LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno 1755*). f. 3.

Parte do item 68 (LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno* 1755). f. 4.

Parte do item 68 (LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno* 1755). f. 5.

Parte do item 68 (LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno* 1755). f. 6.

Parte do item 68 (LE BAS, Jacques-Philippe. *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno* 1755). f. 7.

LISBOA NUEVA

LISBOA VIEJA

Palacio Real

La Ciudad de Lisboa tiene su assiento enforma de Amfiteatro. Tiene siete Montes entre el centro y circunfe-
rencia de la Plaça, que son. El de S. Vicente de fuera, el de S. Andres, el de el Castillo, el de S. Ana, el de S. Roque,
el de las Llagas, el de S. Cathalina: Estiendose en figura prolongada tiene su cara principal al mediodia sobre las
margenes del Tajo, loqual unido con las aguas del Oczeano, forma uno de los mayores y seguros Puertos

69

LA CIUDAD de Lisboa... [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 14,5 x 20 cm em f. 54 x 40,5 cm.

ARC.016,08,001a

Mostra as muralhas de defesa da cidade de Lisboa.
Projeção da cidade de Lisboa, escrita em espanhol com as indicações da cidade nova e velha.
Inclui dados sobre a cidade.
Contém rosa dos ventos.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *San Julian* e *St. Iulien ou St. Giaõ*.

70

SAN Julian. [S.l.: s.n., 17--]. 1 planta, gravada em metal, 14,5 x 20 cm em f. 54 x 40,5 cm.

ARC.016,08,001b

Mostra a Fortaleza de São Julião da Barra, no rio Tejo.
Texto em espanhol.
Representa a fortificação marítima mais importante de Portugal, que controlava a entrada do rio Tejo e o porto da cidade de Lisboa. De complexa arquitetura, é um dos poucos fortes em estilo Vauban. Não há quaisquer referências ao ano da publicação e à autoria do desenho.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *La ciudad de Lisboa*... e *St. Iulien ou St. Giaõ*.

71

FER, Nicolas de. *St. Iulien ou St. Giaõ.* [Paris: chez I. F. Bernard, 1725]. 1 planta, gravada em metal, 12,5 x 17,5 cm em f. 54 x 40,5 cm.

ARC.016,08,001c

De: *L'Atlas curieux ou le monde...* / Nicolas de Fer. v. 2, n. 77.
Gravada por Antoine Coquart.
Mostra a Fortaleza de São Julião da Barra, no rio Tejo.
Texto explicativo em francês.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Representa a fortificação marítima mais importante de Portugal, que controlava a entrada do rio Tejo e o porto da cidade de Lisboa. De complexa arquitetura, é um dos poucos fortes em estilo Vauban. Não há quaisquer referências ao ano da publicação e à autoria do desenho.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *La ciudad de Lisboa...* e *St. Iulien*.

72

FORTES, Manuel de Azevedo. *Carta Topográfica do Patriarcado de Lisboa occidental e Arcebispado orient*. [Lisboa: s.n., ca. 1730]. 1 mapa, gravado em metal, 28,5 x 43,5 cm em f. 40,5 x 55 cm.

ARC.016,08,002

Autoria atribuída a Manuel de Azevedo Fortes em *Imagens cartográficas de Portugal na primeira metade do século XVIII* / Ana-Sofia de Almeida Coutinho. Aberto a buril por Grandpré. Dedicado a D. Tomás de Almeida, que se tornou o primeiro patriarca de Lisboa, no ano de 1716. Cartucho ilustrado com brasão. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Escala gráfica sem identificação [=4,5 cm].

73

A VILA de Sezimbra. [ca. 1570]. 1 planta ms., col., desenho a nanquim, aquarelada, 40 x 55 cm.

ARC.016,08,004

Na parte inferior, aparece: "Altura q â de ter a muralha ao longo do mar."
Escala gráfica: "corenta braças" [=7,4 cm].
Marca-d'água: besta dentro de círculo.
Rosa dos ventos com flor de lis.
Atualmente, Sesimbra pertence ao distrito de Setúbal. Esta planta representa estruturas urbanas pouco desenvolvidas situadas fora dos limites da fortificação. Provavelmente, esta planta, juntamente com os outros manuscritos de Vila do Conde, Guimarães e as das ilhas de Açores e Madeira, fazem parte de um conjunto de estudos solicitados pelo Reino para a construção de fortalezas.

74

BRAUN, Georg & HOGENBERG, Franz.
Nova Bracarae Auguste descriptio.
[Colônia: s.n., 1600]. 1 planta, gravada
em metal, 40,2 x 52 cm.

ARC.016,08,003

De: Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Dedicatória ao arcebispo de Braga,
com data de 1594.
Texto em latim impresso no verso,
com numeração: 3.
Marca-d'água: corneta na
horizontal, com faixa.
O cartucho de título, em estilo renascentista,
explica ao leitor a importância de Braga,
ressaltando seu papel episcopal. Nos
cantos superiores direito e esquerdo estão
representados o escudo da cidade e as armas
do arcebispo. Braga, entre os séculos XV
e XVI, passou por importante reforma
urbanística, que reestruturou a paisagem
urbana intra e extramuros.

Ilhas dos Açores e Madeira

As representações cartográficas desta coleção factícia agora deixam o continente, tomam o caminho do mar e chegam às ilhas atlânticas.

São 12 documentos cartográficos: dois gravados e dez manuscritos. As gravuras *A cidade de Angra na ilha de Iesu xpo da Tercera* e *Angrae Urbis Tercerae* aparecem no microfilme na sequência das cidades portuguesas, mas, por fazerem parte de Açores, foram inseridas neste conjunto. Os manuscritos ganharam o título *Atlas das ilhas dos Açores e Madeira*, atribuído por Armando Cortesão e Avelino Teixeira da Mota na obra *Portugaliae monumenta cartographica*. Pode-se desconsiderar, porém, o título de *Portugaliae* por não se conhecerem outras cópias com o mesmo arranjo de desenhos. É possível que se trate de cartas originais e até mesmo das primeiras representações conhecidas de alguns dos lugares apresentados.

Essas cartas manuscritas representam em detalhes os arquipélagos dos Açores e Madeira, projetos de fortificações e levantamentos topográficos. Segundo os *Portugaliae*, esses documentos podem ser datados da segunda metade do século XVII ou mesmo do início do século XVIII. O pesquisador Rui Carita atribuiu a autoria da planta *Cidade de Funchal* a Mateus Fernandes, estabelecendo como data provável o ano de 1570. De acordo com Rafael Moreira, essas plantas seriam levantamentos topográficos visando a estudos preliminares e a propostas de construção de fortificações para serem avaliadas por instâncias superiores. Moreira ainda supõe que Mateus Fernandes, o fortificador e mestre das obras reais, "foi assistido nas suas primeiras diligências oficiais por dois engenheiros italianos: Tommaso Benedetto de Pésaro e Pompeu Arditi...", que estiveram nas ilhas entre 1567 e 1570.

É admissível que esses manuscritos tenham quatro autores diferentes, dadas as distinções da grafia, dos desenhos de escalas e rosas dos ventos. Seis mapas do arquipélago dos Açores, entre eles os da *Ilha de Santa Maria*, *Ilha Terceira*, *Chorographia e toda ajlha de Sam Iorie*, *Ilha Graciosa*, *Ilha do Fayal* e *Ilha do Pico*, seriam de um mesmo autor, como se pode concluir pela semelhança de seus atributos gráficos. Essas cartas quase sempre possuem rosa dos ventos no centro do desenho, escala gráfica, topônimos de rios e vilas, além de elementos pictóricos que representam casas, rios e relevos. Os outros dois documentos cartográficos sobre esse arquipélago, *Fortaleza que se faz na ilha de São Miguel, na cidade de Pontadelgada* e *Ylheo de Vila Franca na ilha de São Miguel*, podem ter sido elaborados pelo mesmo autor, embora isto não possa ser plenamente comprovado. Destacam-se nessas duas representações as projeções que simulam a altitude de alguns acidentes geográficos existentes na ilha e indicam os pavimentos do projeto de fortaleza que seria construída em Ponta Delgada.

As duas imagens do arquipélago de Madeira foram provavelmente confeccionadas por mais de um autor. A imagem intitulada *Cidade do Fumchal* não tem relação autoral com a *Cosmographya de toda a ilha da Madeyra*, já que são representações de natureza diferente. A primeira apresenta uma minuciosa planta da cidade de Funchal com o projeto do forte do morro da Pena, representação projetada com dobradura sobre o papel. A segunda se refere ao mapa de toda a ilha da Madeira, bastante semelhante graficamente às obras do século XVII. Vale observar que há alguma similaridade entre a *Cosmographya...* e os seis mapas análogos referentes aos Açores. Semelhança de caligrafia apenas, porque a representação dos elementos cartográficos, como as rosas dos ventos e as escalas gráficas, difere bastante nos dois casos – o que permite concluir que são de autores distintos.

Ao que tudo indica, essas dez cartas manuscritas das ilhas de Açores e Madeira, juntamente com as plantas – Sesimbra, Vila do Conde e Guimarães – inseridas neste catálogo em "Cidades portuguesas", fazem parte de um conjunto de estudos solicitados pelo Reino, para a construção de fortalezas.

75

A ILHA do Pico. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 40,5 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:100.000].

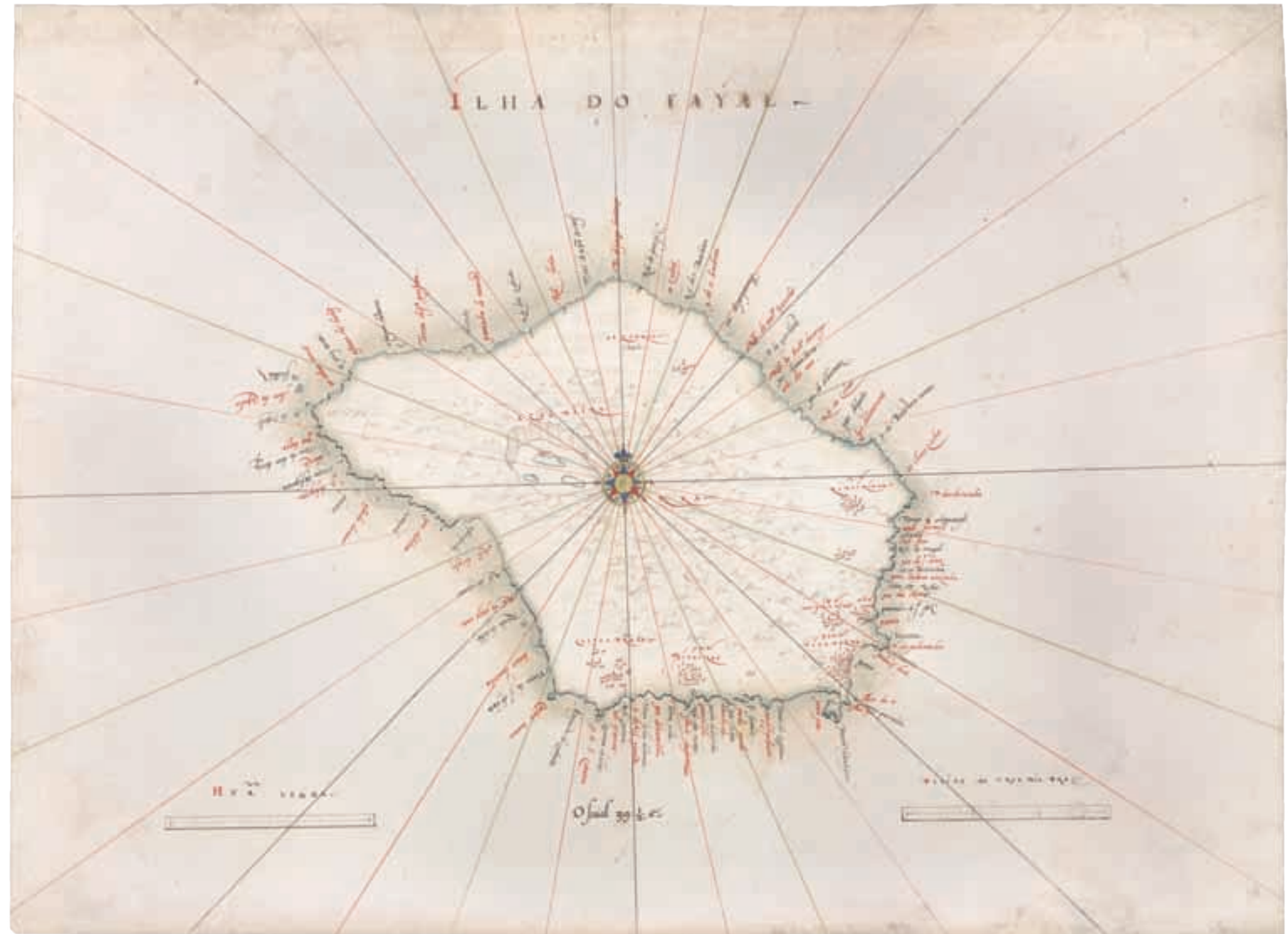
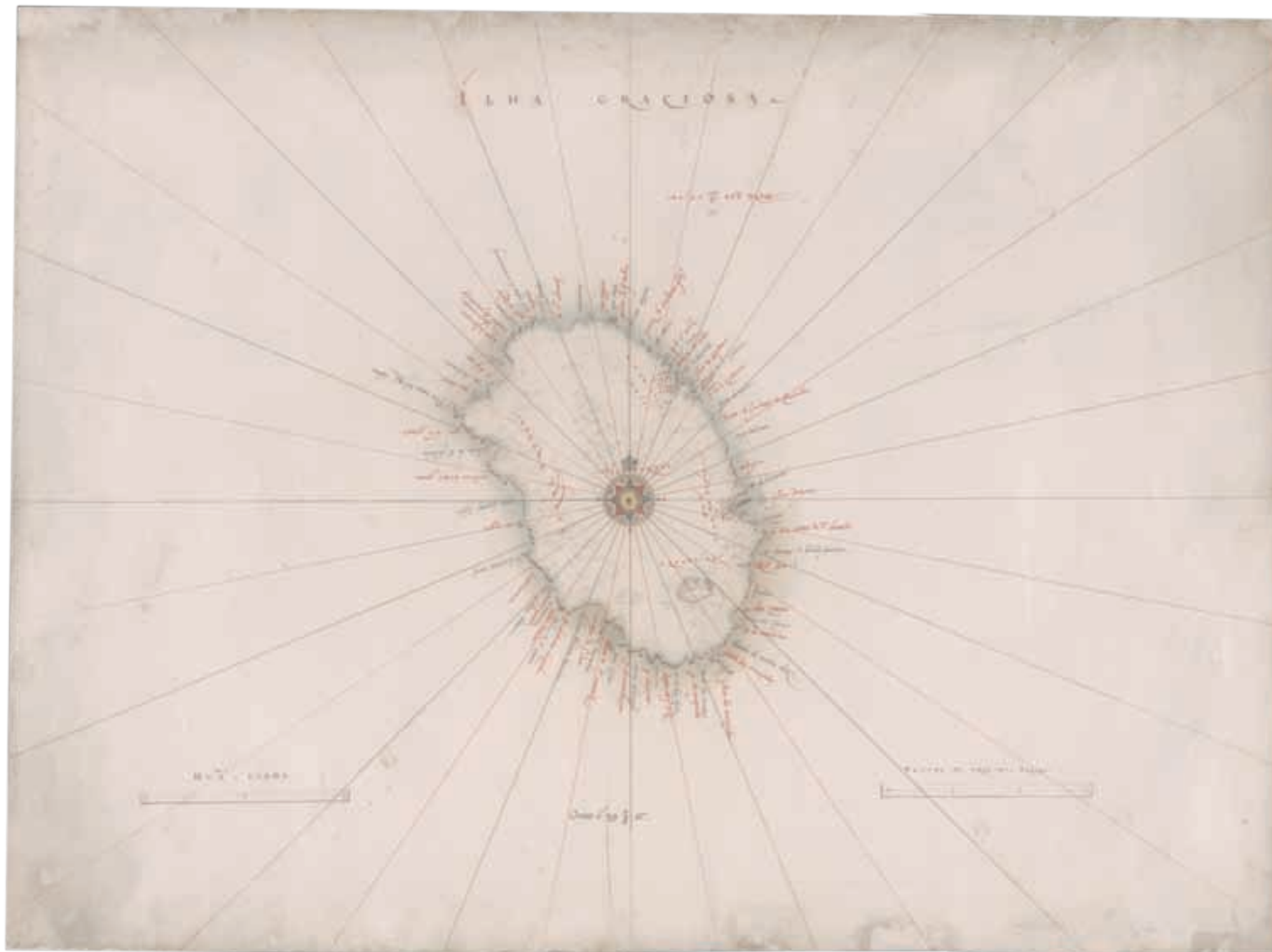
ARC.016,09,010

Indica o vulcão que dá nome à ilha, e algumas vilas.
Escala gráfica: “três mil braças que fazem hvã [uma] légoa” [=8,6 cm].
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado de forma pictórica.
Marca-d’água: besta dentro de círculo.

76

ILHA do Fayal. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 40,5 x 55 cm. Escala [ca. 1:100.000].

ARC.016,09,011

Contém rosa dos ventos com flor de lis. Relevo representado de forma pictórica. Marca-d'água: roda. Escala gráfica: "hvã [uma] legoa" e "tres mil brac." [=8,6 cm].

77

ILHA Graciosa. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 40,5 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:100.000].

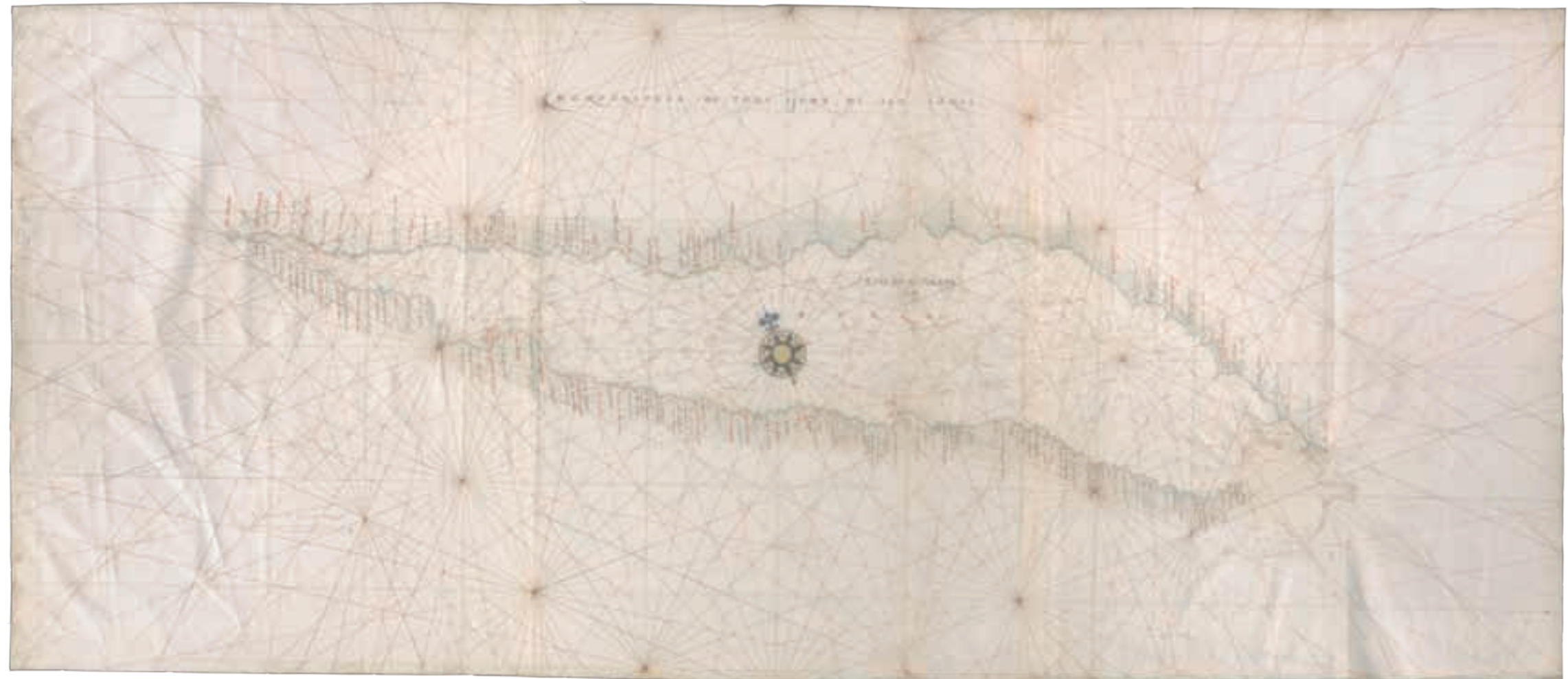
ARC.016,09,009

Contém rosa dos ventos.
Relevo representado de forma pictórica.
Marca-d’água: roda.
Escala gráfica: “hvã [uma] legoa” e “tres mil bracas” [=8,6 cm].

78

CHOROGRAPHIA de toda a Ilha de Sam Iorie. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 54,5 x 126 cm. Escala [ca. 1:100.000].

ARC.016,09,008

Escala gráfica: “3000 braças” e “hvã” [uma] [=9 cm]. Marca-d’água: besta dentro de círculo. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Relevo representado de forma pictórica.

79

ILHA Terceira. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 40,5 x 54,5 cm.
Escala [ca. 1:100.000].

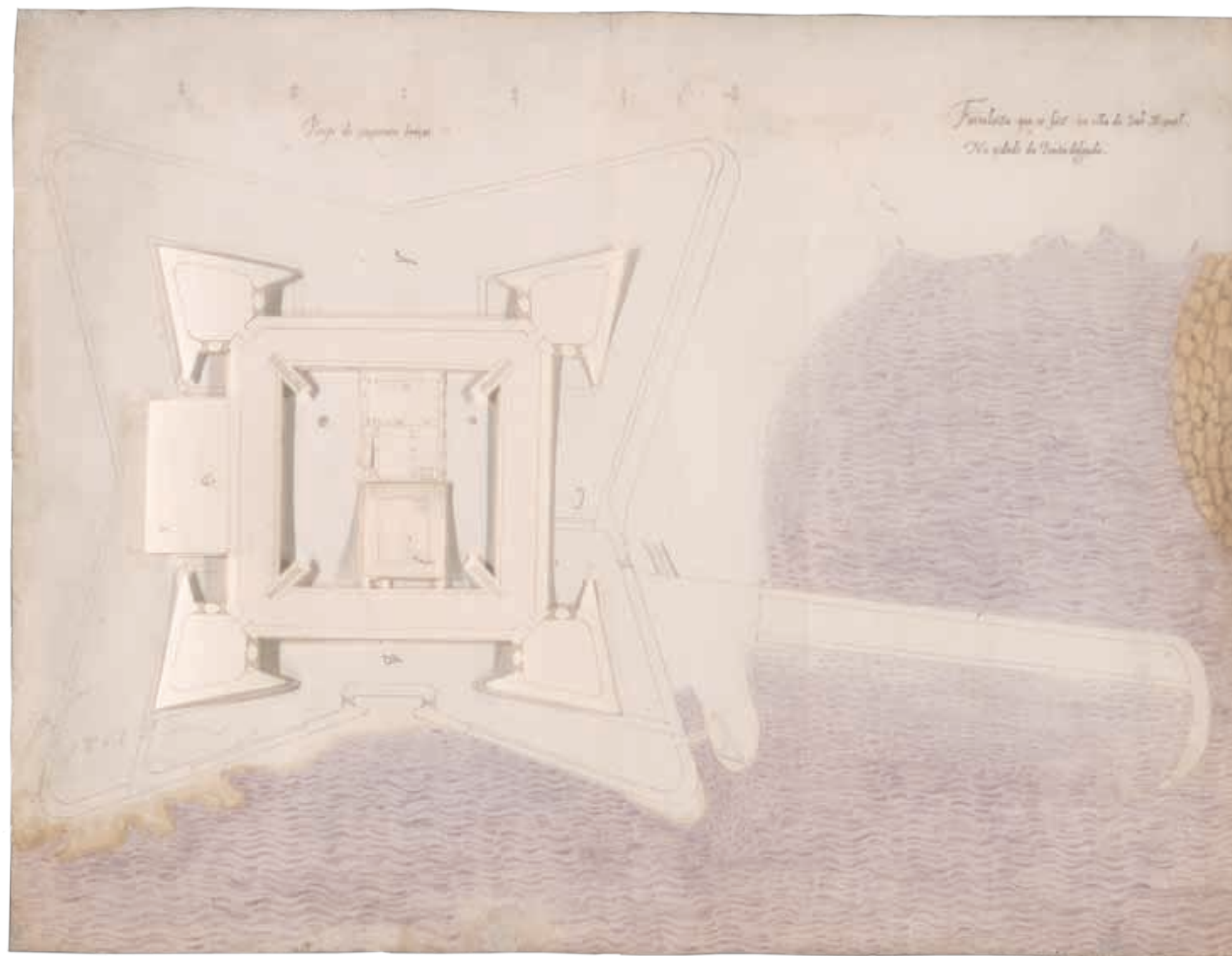
ARC.016,09,007

Escala gráfica: “tres mil bracas” e “hvã [uma] legoa” [=8,6 cm].
Relevo representado de forma pictórica.
Marca-d’água: besta dentro de círculo.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.

80

YLHEO de Vila Franca na ilha de São Miguel. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 27 x 37 cm em f. 40,5 x 55 cm. Escala [ca. 1:1.500].

ARC.016,09,006

Escala gráfica: "cem braças" [13,5 cm]. Contém rosa dos ventos com flor de lis. Com elementos dobráveis anexados para elevação do sítio.

81

FORTALEZA que se faz na ilha de São Miguel, na cidade de Pontadelgada. [ca. 1570]. 1 planta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 43,5 x 56,5 cm. Escala [ca. 1:500].

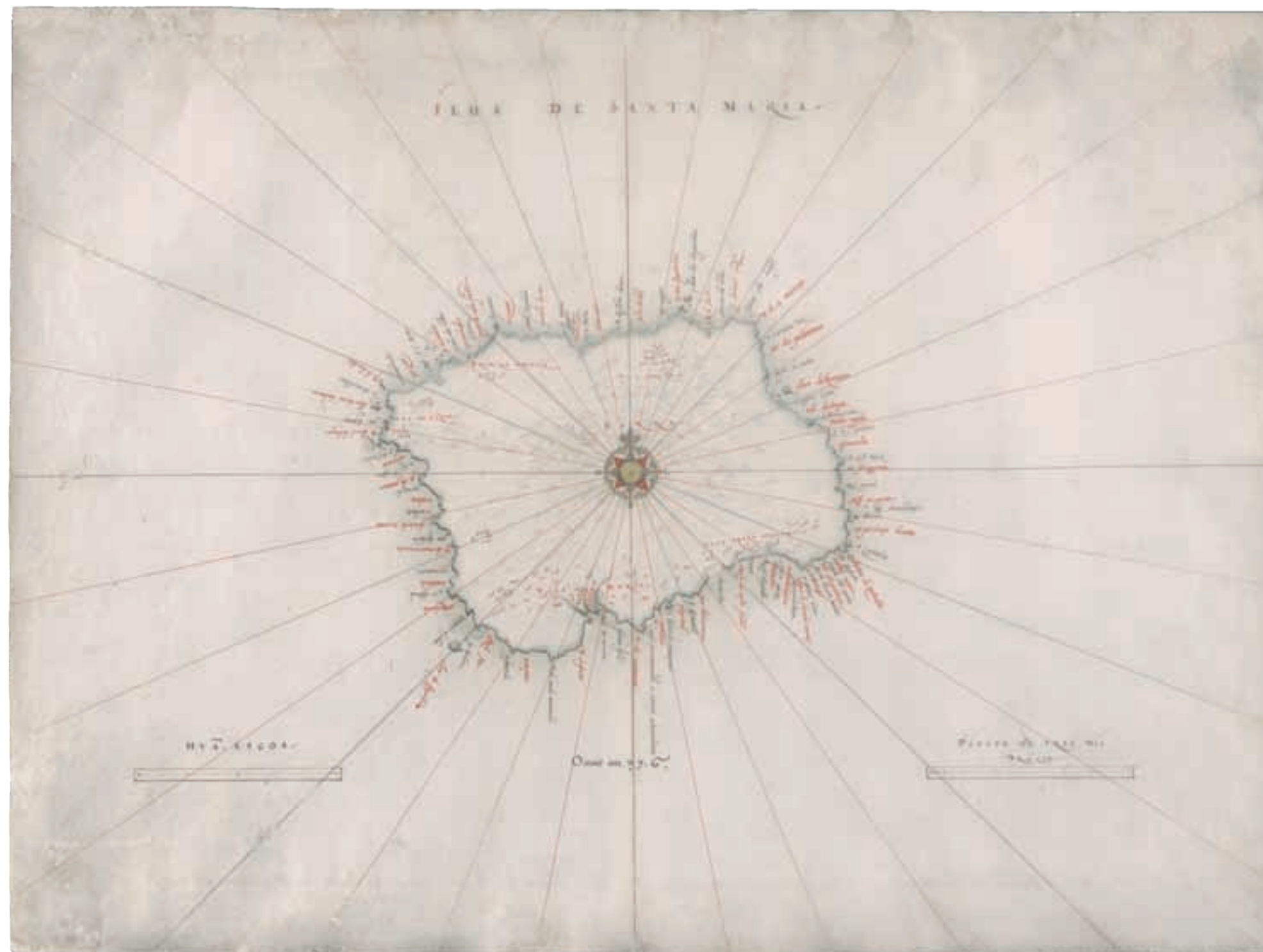
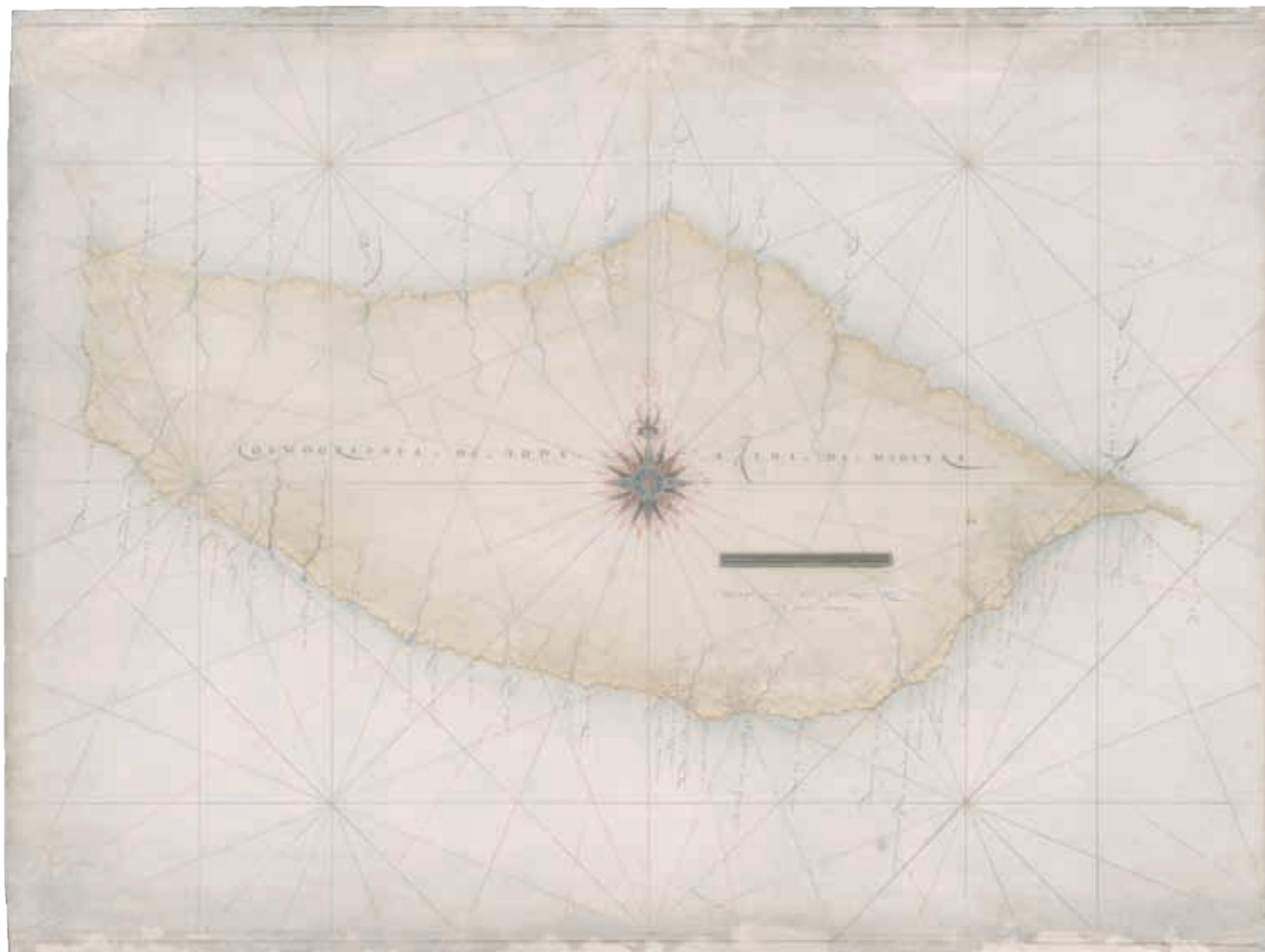
ARC.016,09,005

Com elementos dobráveis anexados, correspondendo aos níveis dos pavimentos.
Escala gráfica: “cincoenta braças” [=25,5 cm].
Marca-d’água: besta dentro de círculo.

82

ILHA de Santa Maria. [ca. 1570]. 1 mapa ms., desenho a nanquim, col., aquarelado, 41 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:100.000].

ARC.016,09,004

Mostra algumas povoações, como vila de Santa Maria, N. S. dos Remédios, etc. Escala gráfica: "três mil bracas" e "hvã [uma] legoa" [=8,7 cm]. Relevo representado de forma pictórica. Marca-d'água: roda. Contém rosa dos ventos com flor de lis.

83

COSMOGRAPHYA de toda a Ilha da Madeyra. [ca. 1570]. 1 carta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 41,5 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:200.000].

ARC.016,09,002

Indica topônimos no litoral.
Escala gráfica: “seis mil bracas que são duas léguas” [=7,6 cm].
Marca-d’água: árvore dentro de círculo encimado por estrela de seis pontas.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.

84

FERNANDES, Mateus.
Cidade do Fumchal [sic]. [ca. 1570]. 1 planta ms., desenho a nanquim, col., aquarelada, 65,5 x 93 cm.
Escala [ca. 1:2.500].

ARC.016,09,003

Autoridade e data atribuídas em *A planta do Funchal de Mateus Fernandes (c. 1570)* / Rui Carita.
A abreviação "MAE" (Matheus Fernandes) encontra-se na parte inferior direita do mapa.
Com elemento dobrável anexado, indicando a proposta de implantação da construção no sítio.
Marca-d'água: árvore dentro de círculo encimado por estrela de seis pontas.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "cem braças" [=11,5 cm].

85

ANGRAE Vrbis Tercerae que insularum quas Azores vocant maxima: et copioso glasti prouentu ditissª accurata cum arce delineatio. [Frankfurt am Mayn: W. Hoffmans Buchtruckerey, 1646?]. 1 planta, gravada em metal, 21 x 33 cm em f. 41 x 55 cm.

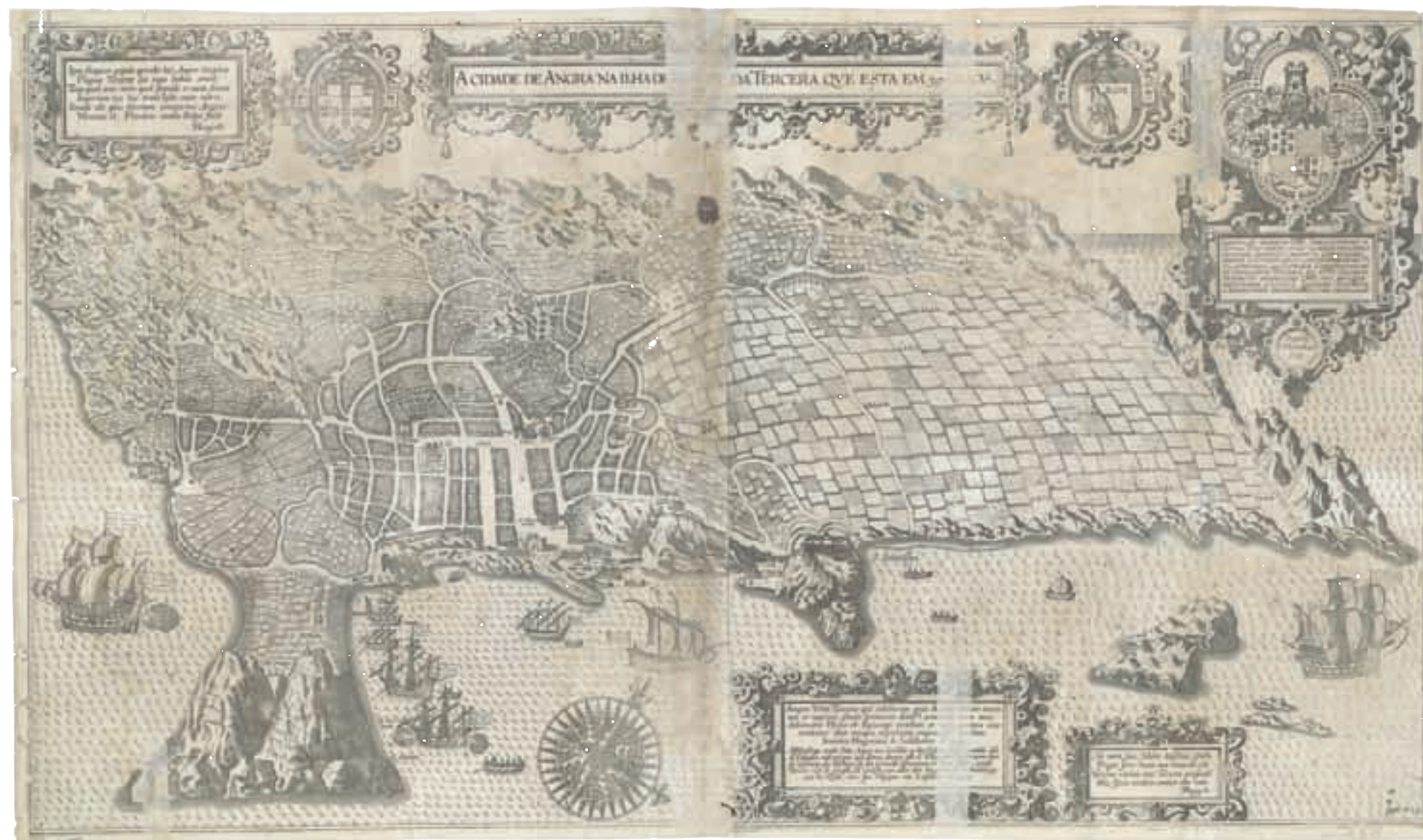
ARC.016,08,005

Gravada por Matthaeus Merian. De: *Newe Archontologia cosmica...* / Pierre d'Avity; Johann Ludwig Gottfried. Contém brasões de Portugal e dos Açores. Planta da cidade de Angra do Heroísmo, Açores, com as representações do porto, forte, castelo, residências e regiões agrícolas. Possui duas insígnias da cidade, uma delas com a imagem do pássaro açor, que dá nome ao lugar. Segundo Manuel Teixeira, os núcleos urbanos dos arquipélagos conquistados seguiram, inicialmente, a própria geografia da região, e posteriormente adquiriram o formato das cidades medievais portuguesas. Somente no século XVI é possível visualizar o contorno octogonal da malha urbana.

86

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. *A cidade de Angra na ilha de Iesu xpo da Tercera que esta em 39 graos* = Angrae Vrbis Tercerae que insularum quas Azores... = Affbeeldinge vande Stat Angra, met het Slot op het Eÿlant Tercera, weecke alle de Eÿlanden onder worpen zÿn, diemen Azores... [Amsterdam: Cornelis Claesz, 1596?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 48 x 83,2 cm em f. 49,5 x 85 cm.

ARC.016,09,015

Gravado por Baptista Duetecum.
Data da elaboração do desenho, 1595, no cartucho de título.
Dísticos em latim de Pieter Hoogerbeets.
Dedicatória de Linschoten a Cristóvão de Moura.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Elaborada pelo explorador e historiador holandês Jan Huygen van Linshoten e incluída em sua importante obra *Itinerario* (1596). Realizou a obra quando permaneceu por cerca de dois anos no arquipélago dos Açores, no regresso à Holanda após sua estada em Goa, Índia. É a primeira planta da cidade de Angra, na Ilha Terceira, e se destaca pela estrutura regular das ruas "onde se localizam, entre outras, as igrejas de São Sebastião e da Conceição; e o Bairro de São Pedro, a poente, em torno da igreja do mesmo nome. A actual rua da Sé, correndo na direcção nascente-poente, constituía o traço central deste grande eixo de estruturação de toda a cidade e ligava estes dois bairros situados em extremos opostos" (TEIXEIRA, Manuel C., p. 87). O plano de Angra é concebido, então, dentro do conceito de urbanismo moderno, e é tido como modelo para traçados no Brasil e no Oriente.

América e Brasil

Sucedem aos mapas das ilhas atlânticas os documentos referentes à América. Do vasto número de mapas reunidos no volume *Mappas do reino de Portugal e suas conquistas*, 56 peças representam predominantemente o território da América do Sul.

Nem todos esses documentos reproduzem domínios portugueses nessa região, pois dois mapas são especificamente consagrados ao estreito de Magalhães, à Patagônia e à Terra do Fogo, possessões espanholas situadas a oeste do marco de Tordesilhas. Essas terras foram reconhecidas pelo navegador português Fernão de Magalhães em sua viagem de circum-navegação da Terra, mas não fizeram parte do império português do ultramar. Referentes simultaneamente às Américas portuguesa e espanhola, há apenas quatro cartas: *Guiana siue Amazonum regio*, cuja autoria é de Jan Jansson, *Carte du Perou, du fleuve des Amazones et du Bresil,* e dois mapas semelhantes de mesmo título – *Delineatio omnium orarum totius Australis partis Americae, dictae Peruvianae...* –, um de Arnold Florent van Langren e outro de Robert Beckit, publicados nas edições holandesa e inglesa do *Itinerario* de Linschoten.

A América portuguesa é representada em sua maior parte por dois conjuntos documentais principais. O primeiro corresponde ao manuscrito, truncado, do notável *Atlas do Brasil*, de João Teixeira Albernaz II, confeccionado por volta de 1666. Existe uma cópia manuscrita completa desse atlas, de época, no acervo da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, no Rio de Janeiro. O atlas tem 16 folhas, com 29 cartas desenhadas, que retratam principalmente a costa brasileira. Há representações de tribos indígenas, fazendas, engenhos e fortificações, e a indicação de rios, ilhas, salinas, relevo e vegetação. A primeira folha contém um mapa intitulado *Província do Brasil* e traz um levantamento do território brasileiro, principalmente de todo o seu litoral, ressaltando a região de fronteira do Rio da Prata, a linha que delimita as terras das coroas portuguesa e espanhola e, ainda, uma suposta lagoa de salitre na porção central do Brasil. Da segunda à última folha, os mapas estão divididos em duas demonstrações cartográficas, exceto as folhas 10 e 11, que possuem apenas uma única demonstração (*Bahia de Todos os Santos* e *Aparência de Pernambuco*).

O segundo conjunto é formado por mapas, plantas e vistas de cidades, retirados da obra italiana publicada em 1698 *Istoria delle guerre del regno del Brasile...*, do carmelita português João José de Santa Teresa. A obra completa, em dois volumes, é encontrada no acervo da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional. O conjunto retrata, em sua maior parte, a invasão holandesa no litoral do Nordeste brasileiro, e há também duas cartas referentes à cidade de Luanda, invadida pelos batavos na mesma época. Essas duas cartas foram deslocadas desse conjunto para a série sobre a África. O autor dos desenhos, Andreas Antonio Orazi, aparece nas referências com diferentes designações, entre elas Horacio, Horaty, Horatij e Orazi. A gravação do mapa foi feita pelo francês Hubert Vincent.

Há também uma importante carta manuscrita do Brasil atribuída ao cartógrafo Antônio Sanches. Esse documento representa a costa brasileira com várias toponímias do litoral e traz na parte central, como ornamento ilustrativo, uma rosa dos ventos, com uma flor de lis. A obra *Portugaliae monumenta cartographica* conta como esta carta foi reconhecida, aproximadamente em 1969, na Biblioteca Nacional do Brasil, por Max Justo Guedes, que também identificou o autor. Acreditava-se que fizesse parte do *Atlas do Brasil*, de João Teixeira Albernaz, em virtude da semelhança com seus desenhos. Apesar de já ter sido citado no *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, de 1881, o mapa passou despercebido de muitos historiadores da cartografia brasileira. A autoria de Antônio Sanches foi comprovada pela maneira como ele grafava o nome do rio Amazonas: "Rio das Amazonas" ou "R° das Amazonas".

87

CARTE du Perou, du Fleuve des Amazones et du Bresil. [Amsterdam: J. F. Bernard, ca. 1722]. 1 mapa, gravado em metal, 36,8 x 47,2 cm em f. 39,5 x 49,5 cm.

ARC.016,08,023

Mostra parte da América Meridional partindo das Guianas até a região do Chaco no Paraguai.
Meridiano de origem: Ilha do Ferro.
Relevo representado de forma pictórica.
Indica a bacia amazônica com a denominação de seus afluentes, povos indígenas, cidades, povoados, capitanias, etc.
Na margem superior direita, há a numeração "To. 1 pa. 178", e na margem inferior esquerda, uma numeração manuscrita: 22.
Mapa da América Meridional com detalhamento da região do rio Amazonas e descrição de algumas tribos indígenas e do relevo. Segundo Adonias (1963), este mapa está contido na obra *Voyages aux Indes Occidentales*, de François Coreal, de 1722, que é a cópia do mapa *Carte de la terre ferme du Perou...*, de Guillaume de L'Isle, de 1703. Vários cartógrafos do século XVIII utilizaram a base deste desenho para a feitura de novos mapas, que se diferenciavam pelos títulos e ornamentações de cartuchos. Existem mapas semelhantes de diferentes autores, como John Senex, na obra *Modern geography*.

88

JANSSON, Jan. *Accuratissima Brasiliae tabula*. Amstelodami: Joannes Janssonius execudit, [ca. 1647]. 1 mapa, gravado em metal, 37,5 x 48,5 cm em f. 48,5 x 58 cm.

Cartuchos de título e de escala ornamentados.
Escala gráfica: “55 miliaria germanica communia” [=5,8 cm].
Escala gráfica: “60 miliaria gallica communia” [=4,8 cm].
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Encartes: “Baya de Todos os Sanctos” e “Villa d’Olinda de Pernambuco”.
Mapa com o norte voltado para direita, com a descrição do litoral brasileiro desde a região Norte até a Ilha de Santa Catarina. O interior é ornamentado com cenas de hábitos indígenas, como a antropofagia. O oceano está decorado com figura marinha e embarcações. Delineia a divisão do território brasileiro em capitanias. Os dois encartes exibidos na parte superior e central do mapa mostram o período do domínio holandês.

89

JANSSON, Jan. *Guiana siue Amazonum regio*. Amstelodami: Joannes Janssonius execudit, [ca. 1647]. 1 mapa, gravado em metal, 37,5 x 48,5 cm em f. 48,5 x 58 cm.

ARC.016,08,025

Modificação de grafia no título.
Abrange parte da Amazônia brasileira e norte da América do Sul.
Possui três cartuchos ornamentados.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Relevo representado de forma pictórica.
Escala gráfica: “60 milliaria germanica communica” [=8 cm].
Escala gráfica: “80 milliaria gallica communica” [=8 cm].
Há algumas representações de embarcações e figura marinha. Apesar da busca por retratar o real neste trabalho cartográfico, estão representados, entre o rio Orinoco e o Amazonas, o extenso “Parime Lacus”, que seria um lago, e, à direita, o povoado de Manoa, ou o “El dorado”. Estes desenhos foram publicados pela primeira vez pelo pesquisador inglês Thomas Harriot, em 1595. Houve diversas especulações em torno da existência do povoado de Manoa e do mítico lago ou lagoa, que suscitaram, inclusive, várias expedições pela Amazônia.

90

LANGREN, Arnold Florent van. *Delineatio omnium orarum totius Australis partis Americae, dictae Peruvianae...* = Afbeeldinghe van alle de Zee-custen des gheheelen Zuyderschen deels van America genaempt Peruviana... [Amsterdam: Cornelis Claesz, 159-]. 1 mapa, gravado em metal, 41 x 55 cm. Escala [ca. 1:20.000].

ARC.016,08,026

De: *Itinerario* / Jan Huygen van Linschoten. Abrange América do Sul, Flórida e parte da costa do Golfo do México.
Possui dois cartuchos de título ornamentados.
Marca-d'água: brasão.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Ilustrado, no interior do continente, com fauna e hábitos indígenas e, nos oceanos, com três embarcações e dois animais marinhos.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "200 miliaria germanica, quorum 15 uni gradui respondent" [=8,1 cm].
Escala gráfica: "240 hispanicae leucae 17 1/2 uni gradue competentia" [=8,4 cm].
Mapa que representa a América do Sul e Central, com os litorais pacífico e atlântico bastante detalhados e com a direção do norte voltada para a direita. Há decoração nos três cartuchos, um deles em latim, o outro em holandês e o terceiro que apresenta as informações das escalas empregadas. No interior do continente sul-americano estão dispostos os gigantes da Patagônia, cenas de canibalismo e monstros fabulosos.

91

BECKIT, Robert. *Delineatio ominium orarum totius Australis partis Americae, dictae Peruvianae...* = The description of the whole coast lying in the South seas of Americae called Peru... London: John Wolfe, [1598]. 1 mapa, gravado em metal, 41 x 55 cm. Escala [ca. 1:20.000].

ARC.016,08,027

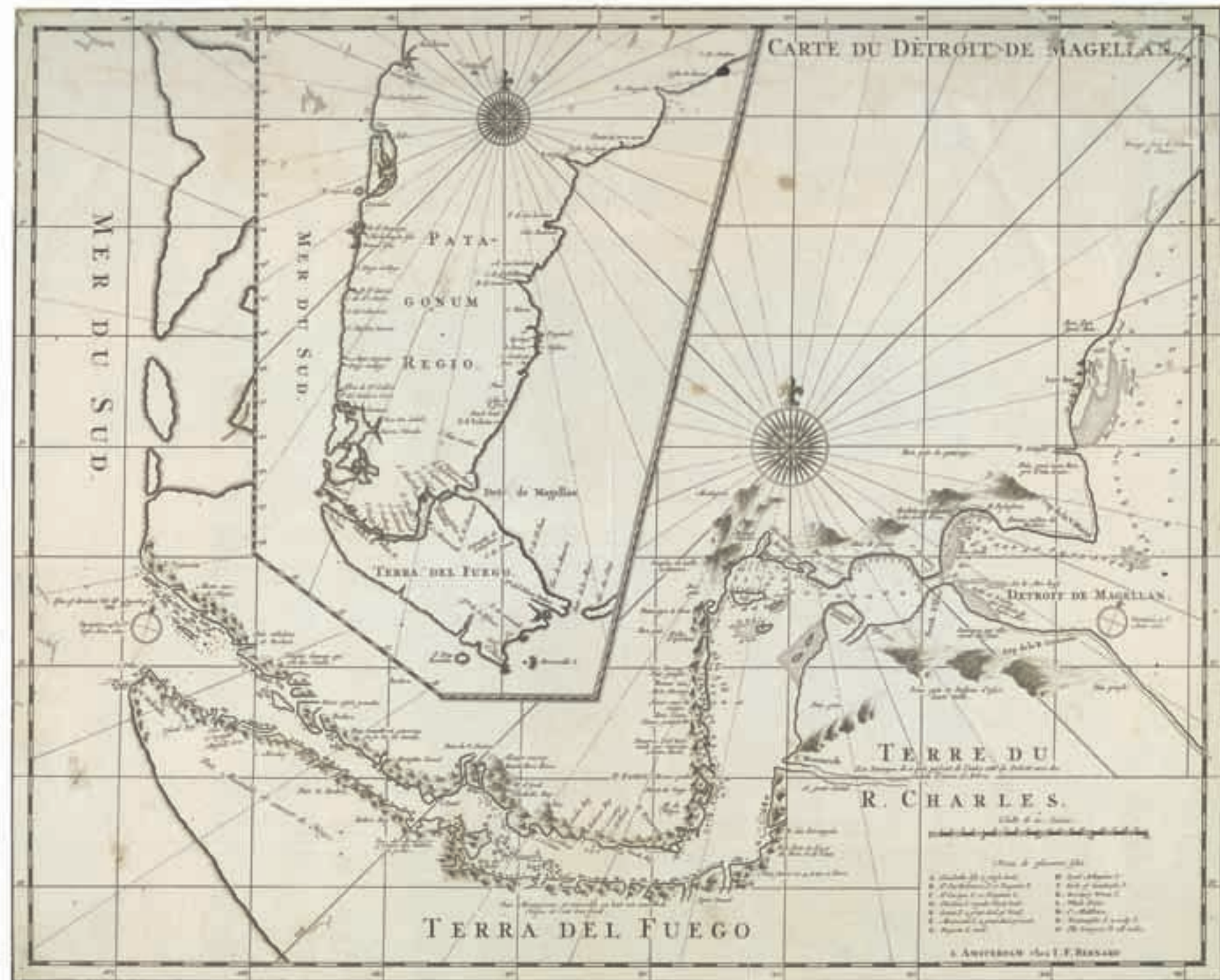
Data atribuída em *Monumenta Cartographica Neerlandica*.
Gravação baseada na matriz de Langren.
Da edição inglesa do *Itinerário*, de Linschoten.
Abrange América do Sul, Flórida e parte da costa do golfo do México.
Marca-d'água: cacho de uvas.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Ilustrado, no interior do continente, com fauna e hábitos indígenas e, nos oceanos, com três embarcações e dois animais marinhos.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "200 miliaria germanica, quorum 15 uni gradui respondent" [=7,8 cm].
Escala gráfica: "240 hispanicae leucae 17 1/2 uni gradue competentia" [=7,9 cm].
Mapa com a direção do norte voltada para a direita.
Apresenta cartuchos ornamentados: dois de título (um em inglês e o outro em latim); um de escala; um de editor; e o outro indicando os fólios.
No interior do continente sul-americano estão dispostos desenhos dos gigantes da Patagônia, cenas de canibalismo e monstros fabulosos.

92

CARTE du Dêtroit de Magellan. A Amsterdam: chez I. F. Bernard, [17--]. 1 mapa, gravado em metal, 42 x 52,5 cm em f. 46 x 54,5 cm. Escala [ca. 1:1.195.000].

ARC.016,08,029

Escala gráfica: "20 lieües" [=9,4 cm].
Meridiano de origem: Ferro.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Possui batimetria.
Marca-d'água: IWP.
Encarte: [Patagônia e Terra do Fogo].
Mapa, provavelmente do final do século XVIII, do Estreito de Magalhães e adjacências, incluindo também encarte que representa a Patagônia e a Terra do Fogo. Legenda em inglês com a denominação das ilhas.
Os topônimos indicados no mapa estão em francês, espanhol, inglês e latim.

93

ALBERNAZ, Pedro Teixeira. *Reconocimiento de los Estrechos de Magallanes y San Vicente*: Mandado hazer por Su Mgd. en el Real Conseio de Indias partieron de Lisboa en 27 de setienbre de 1618 y llegaron de buelta a San Lucar a 9 de Iulio de 1619. Cabó de dos carauelas. Bartolome Garcia de Nodal y capitan Goncalo de Nodal. Cosmograpo Diego Ramíres, piloto Iuan Manco. [Madri: Fernando Correa de Montenegro, 1621]. 1 mapa, gravado em metal, 40 x 34,5 cm.

ARC.016,08,030

De: *Relacion del viaje qve por orden de Sv Mag.d.* / Bartolomé Garcia de Nodal; Gonzalo de Nodal.
Gravado em água-forte e buril por Jean de Courbes.
Possui três notas marginais.
Cartuchos ornamentados.
Escala gráfica: 40 [léguas?] [=7 cm].
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Estão representados no mapa vários topônimos dessa região, relativos a ilhas e cidades, além de quatro rosas dos ventos e duas embarcações. Nas notas marginais, o cartógrafo explica a relação entre a altura do paralelo e a diminuição das horas do dia. Segundo *Portugaliae monumenta cartographica*, a autoria deste mapa deve ser atribuída aos irmãos João Teixeira Albernaz I e Pedro T. Albernaz e não somente a Pedro, como está gravado no mesmo. Esta carta foi reproduzida posteriormente por dois diferentes cartógrafos. Pedro Albernaz, neste período, era cartógrafo do rei de Portugal e produziu ainda outros dois mapas: *Plano de Madri* e *Mapa de Portugal*.

94

ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]. [ca. 1666]. 1 atlas ms. (16 f.): 29 cartas desenhadas a tinta ferrogálica, col., aquareladas, 61 x 41 cm ou menores.

Autor, título e data atribuídos em *Portugaliae monumenta cartographica* / Armando Cortesão; Avelino Teixeira da Mota. v. 5, p. 46.
Abrange o litoral brasileiro.
Inclui rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica em léguas em todas as cartas.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica, na maioria das cartas.
Faltam página de rosto e f. 2 na cópia da BN.
Conteúdo: f. 1. Provinçia do Brasil – f. 3. Demostraçaõ da Cananeya athe o rio da Alagoa - Demostração da Cananeya athe o rio de S. Francisco – f. 4. Demostração da Barra de Santos athe a Cananeya - Demostração de Ubatuba athe a ilha de Santo Amaro – f. 5. Demostração de Tojuca athe a emceada de Ubatuba - Aparençia do Rio de Janeiro cõtodos os baixos e ilhas – f. 6. Demostração do cabo de S. Thome athe as ilhas de Maricara - Demostraçaõ do morro de João Moreno ao cabo de S. Thome – f. 7. Demostração do rio Dose ao porto do Sprito Sto. - Demostração da ponta de Agasuipe ao rio Dose – f. 8. Demostração do rio dos Frades a ponta de Agasuipe - Demostraçaõ do rio de Sto. Anto. athe o dos Frades – f. 9. Demostraçaõ dos lheos athe o rio de Sto. Antonio - Demostração do morro de S. Paulo athe os Ilheos – [f. 10]. Bahia de Todos os Santos – f. 11. Aparencia de Pernambuco – f. 12. Demostraçaõ do rio S. Franco athe Itapoham - Demostraçaõ do rio Tapucagipe athe o de S. Franco – f. 13. Demostraçaõ do cabo de Sto. Agostinho athe o rio Tapucagipe - Demostraçaõ da Perayba athe Pernanbuco e Tamaraca – f. 14. Costa que corre do Rio Grande athe a ponta do Lusena - Demostraçaõ dos bayxos de S. Roque e Rio Grande – f. 15. Demostraçaõ do rio Openama athe os baixos de S. Roque - Demostraçaõ do Seara athe o rio Openama – f. 16. Demostraçaõ do rio das Preguiças athe o Seara - Demostraçaõ do Maranhaõ athe o rio das Preguiças – f. 17. Demostraçaõ do rio Turi athe o Maranham - Demostraçaõ do Pará athe o rio Turi.

Parte do item 94. f. 1.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 3 e f. 4.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 5 e f. 6.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 7 e f. 8.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 9 e f. 10.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 11.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 12 e f. 13.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 14 e f. 15.

Partes do item 94 (ALBERNAZ II, João Teixeira. [*Atlas do Brasil*]). f. 16 e f. 17.

95

SANCHES, Antônio. *Brazil*. [ca. 1633]. 1 mapa ms., col., aquarelado, 79 x 45,6 cm.

ARC.016,08,022

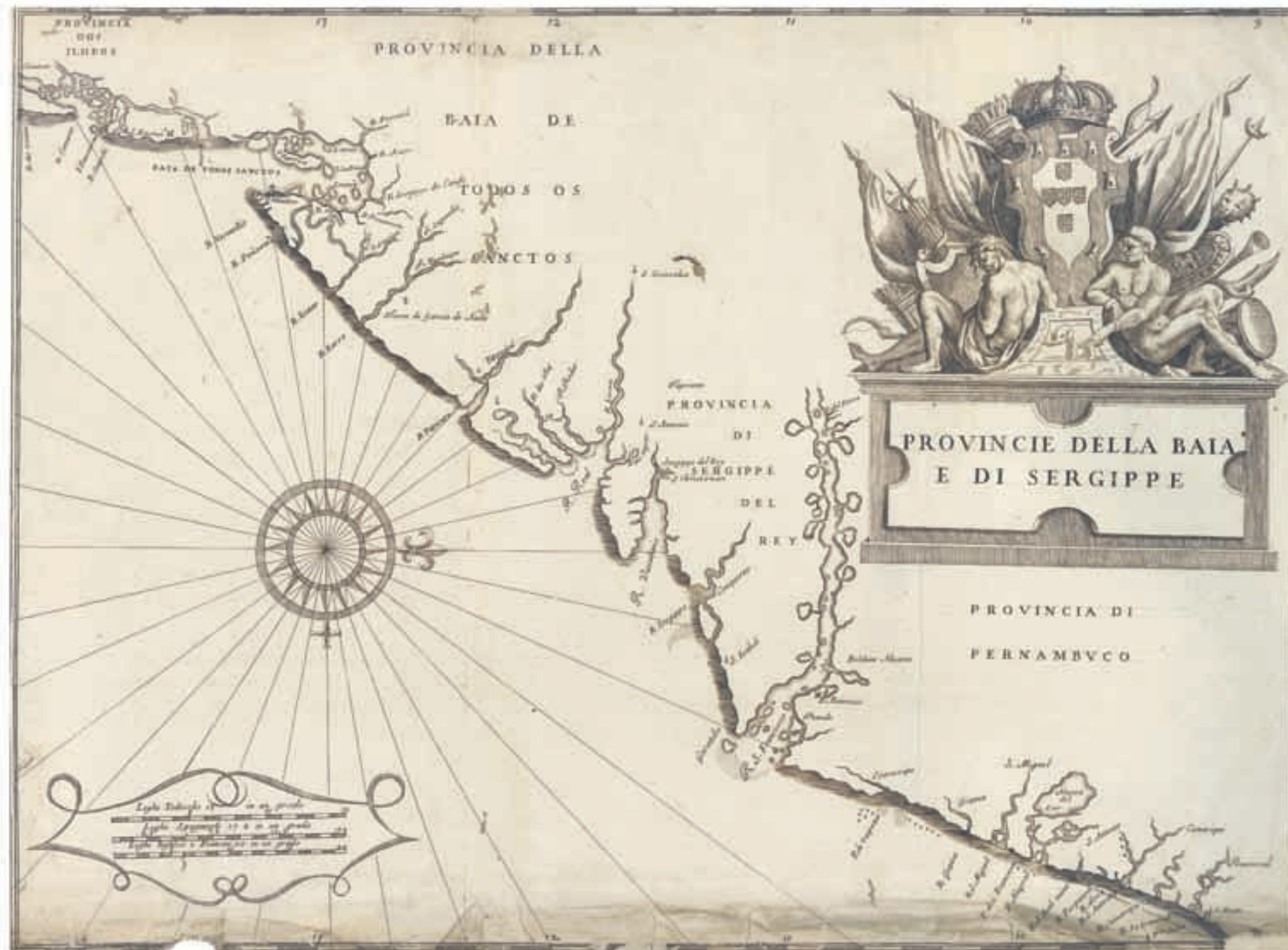
Abrange desde o delta do rio Amazonas até o Rio da Prata.
Marca-d’água: estrela de seis pontas.
Desenho a tinta ferrogálica em três folhas coladas.
Escala gráfica: 100 léguas [=10,5 cm].

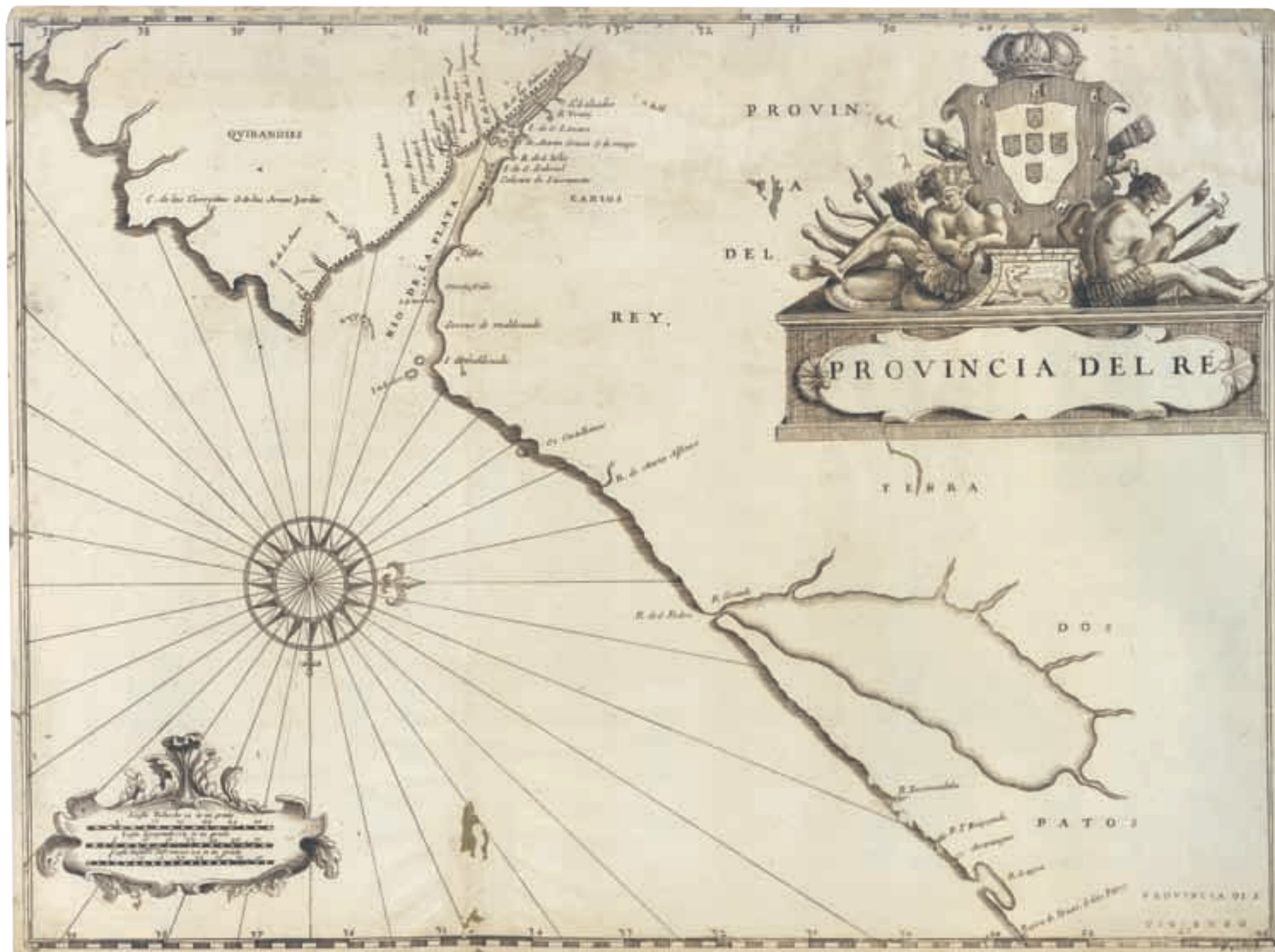
96

ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]. [Roma: Nella Stamperia degl'Eredi del Corbelleti, 1698]. 12 mapas, 2 plantas, 4 vistas, 1 desenho técnico, gravados em metal, 41 x 105,7 cm ou menores.

ARC.016,09,016-036

De: *Istoria delle guerre del regno del Brasile*: accadute tra la corona di Portogallo, e la Republica di Olanda / João José de Santa Teresa.
Os documentos da obra original, inseridos neste volume factício, foram desenhados por Andrea Antonio Orazi e gravados por Hubert Vincent.
O mapa *Il Regno del Brasile...* indica o gravador da letra, Anton Donzel.
Conteúdo: 1. Il Regno del Brasile parte nobilissima del mondo nuouo... – 2. Provincie della Baia e di Sergippe – 3. Provincia di Pernambuco – 4. Provincia del Ré – 5. Pianta di S. Vincenzo – 6. Provincie del Pará e del Maragnone – 7. Geografia della marina della citta della Baia – 8. Provincie dello Spirito Santo e Di Porto Sicuro – 9. Veduta del gran Porto della Baia metropoli del Brasile – 10. Provincia di Itamaracá – 11. Provincia di Paraiba – 12. Prospetto della Fortezza di Rio Grande – 13. Provincie di Seará e Rio Grande – 14. Pianta della cittá di S. Luigi metropoli del Maragnone – 15. Cittá di S. Luigi, capitale del Maragnone – 16. Prospetto della cittá di Paraiba – 17. Rio di Gennaro – 18. Pianta della cittá Maurizea e del Recife – 19. Prospetto della cittá Maurizea capitale della provincia di Pernambuco.

Parte do item 96. 1.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 2.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 3.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 4.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 5.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 6.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 7.

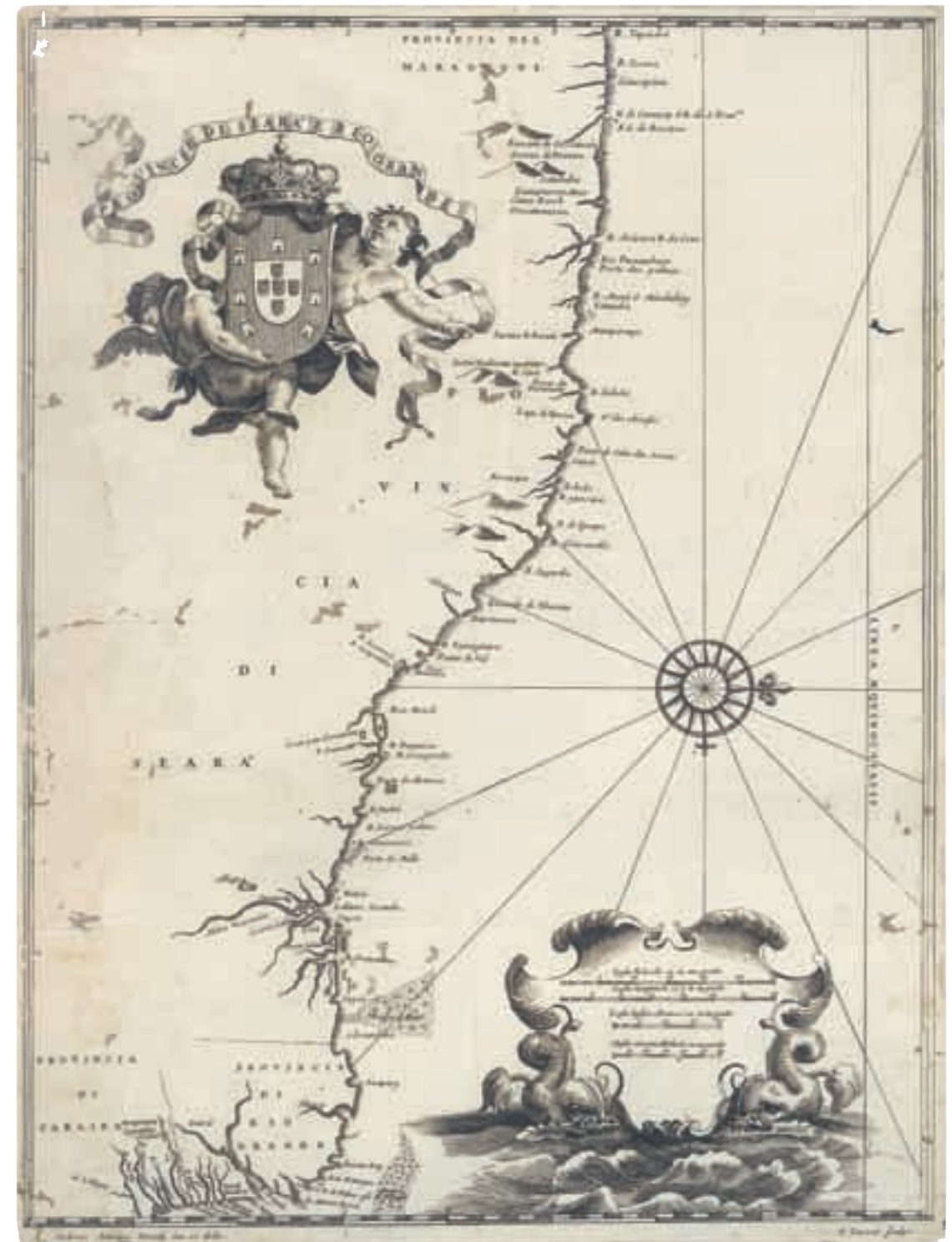
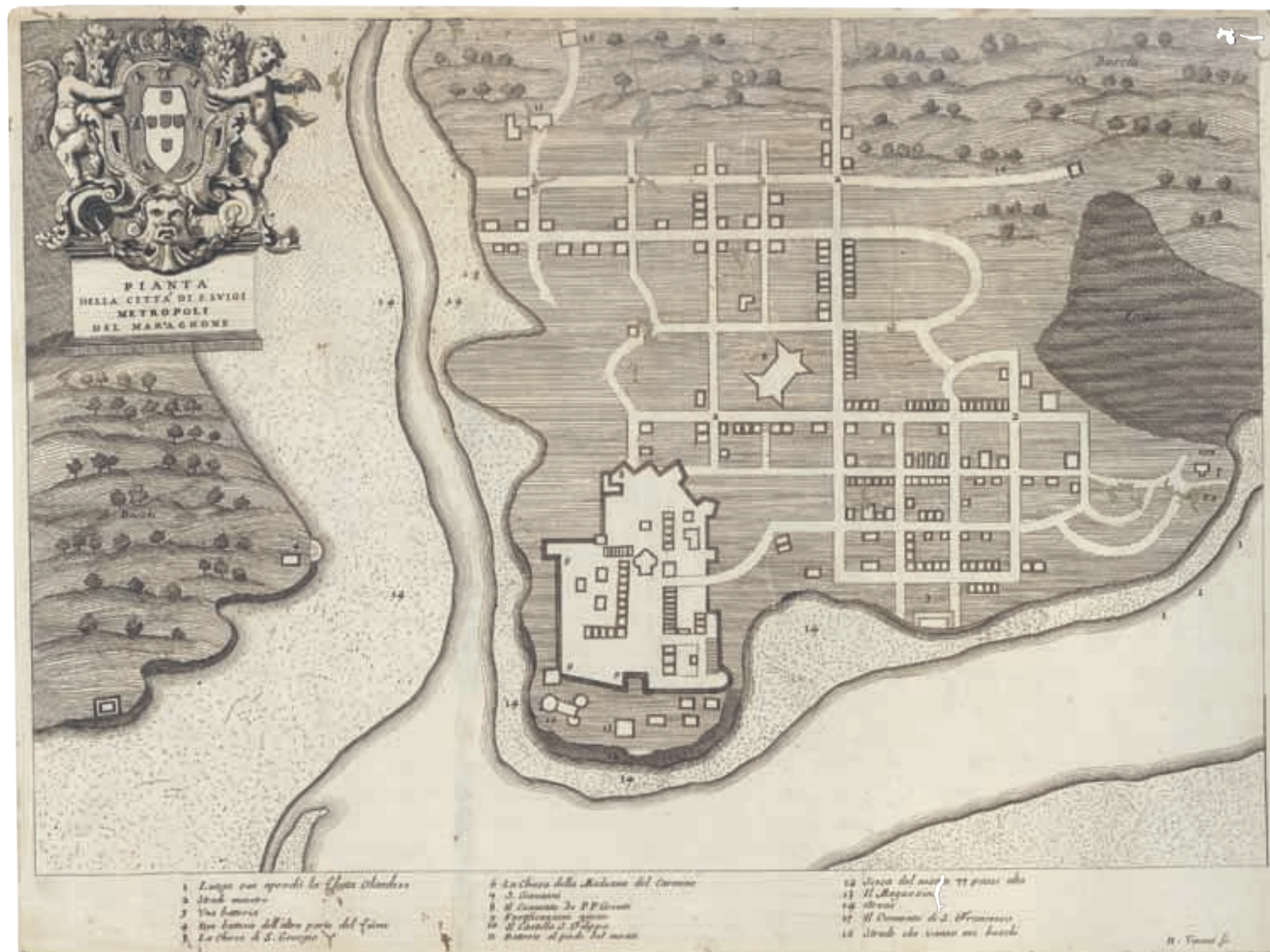
Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 8.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 9.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 10.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 11.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 12.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 13.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 14.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 15.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 16.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 17.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 18.

Parte do item 96 (ORAZI, Andrea Antonio. [*Mapas de Istoria delle guerre del regno del Brasile*]). 19.

África e Ásia

A última série documental levantada por Diogo Barbosa Machado para o seu atlas factício contém os mapas das colônias portuguesas da África e Ásia. O conjunto traz somente uma peça manuscrita, as demais foram gravadas em metal. Alguns mapas são bastante conhecidos, como os atribuídos ao explorador neerlandês Jan Huygen van Linschoten, autor de *Navigatio ac itinerarium*..., e os de Georg Braun e Franz Hogenberg, em *Civitates orbis terrarum*. Muitos, entretanto, não têm qualquer referência de autoria ou data, mas é bastante provável que tenham sido produzidos entre os séculos XVI e XVII.

Um notável conjunto de vistas e plantas dos principais centros urbanos coloniais sobressai nesta série documental: Diu, Luanda e Goa são as cidades mais representadas, indicando a importância delas no processo expansionista português. Muitas dessas cidades se destacavam por seu potencial comercial, seja como fornecedoras de matéria-prima, seja como entrepostos comerciais vinculados à metrópole. As gravuras detalham as primeiras formações urbanas desses aglomerados. As plantas, se comparadas às de outras cidades portuguesas, apresentam grande semelhança no estabelecimento do traçado de ruas, portos e edifícios administrativos: a rua principal segue o litoral e o porto, e as demais nascem paralelamente, seguindo essa configuração. Alguns desses documentos contêm legenda de identificação das principais edificações da cidade, como as estruturas das fortificações, prédios públicos e igrejas. E, pela reunião de imagens das principais cidades-fortes, a coleção de mapas de Diogo Barbosa Machado mais uma vez destaca o poderio bélico das colônias portuguesas.

A esta série foram incorporadas, ainda, quatro gravuras das ilhas de Santa Helena e de Ascensão, localizadas entre a África e a América, ao sul do oceano Atlântico. Os desenhos são ricamente ilustrados com embarcações e vegetação; outros incluem imagens pictóricas de aves e animais marinhos. Algumas peças representam as ilhas desenhadas em três diferentes perspectivas, dando um panorama completo de seu contorno e relevo. Os cartuchos dessas obras, principalmente os desenhados por Linschoten, são, do mesmo modo, ornamentados. Mesmo não fazendo parte do domínio português ultramarino, as ilhas foram inseridas, pelo ordenamento do autor, no universo das possessões lusitanas na África e na Ásia. Barbosa Machado provavelmente as inseriu neste volume por terem sido descobertas pelo navegador João da Nova a serviço da Coroa portuguesa.

97

BECKIT, Robert. *Insulae Moluccae celeberrimae sunt ob Maximam aromatum copiam quam totum terrarum orbem mittunt*... London: Iohn Wolfe, [1598]. 1 mapa, gravado em metal, 38,5 x 54 cm em f. 40,5 x 54,5 cm.

Cópia do mapa de Petrus Plancius incluída na edição inglesa do *Itinerario* de Linschoten.
Data atribuída em *Monumenta Cartographica Neerlandica*.
Mudança de grafia no título.
Cartuchos ornamentados.
Ilustrado com flora, quatro embarcações e animais marinhos.
Marca-d'água: cacho de uvas.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Escala gráfica: "110 hispanicae leucae 17 1/2 uni gradue competentia" [=4,9 cm].
Escala gráfica: "500 miliaria italica 70 singulis gradibus respondentia" [=5 cm].
Escala gráfica: "100 miliaria germanica quorum 15 uni gradui respondent" [=5,2 cm].
Mapa da Ásia Meridional, rico em desenhos de embarcações, animais marinhos e representações de especiarias, como noz-moscada, cravo e sândalo.

98

AVELINE, Antoine. *Tanger.* [Paris: chez luy, 17--]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 35 x 53 cm em f. 51,5 x 69,5 cm.

ARC.016,08,031

Marca-d'água: IHS [Companhia de Jesus]. Vista da cidade de Tânger, com breve texto que explica o domínio inglês desta região através do dote da princesa Catarina de Portugal, quando do seu casamento com o rei Carlos II da Inglaterra. A cidade de Tânger está situada em Marrocos, norte da África, e foi dominada pelos portugueses por quase dois séculos, entre os anos de 1471 e 1662.

99

BECKIT, Robert. *Delineatio orarum maritimarum Terrae vulgo indigetatae Terra do Natal item Sofalae Mozambicae & Melindae, Insulaeq[ue] Sancte Laurentii...* = The description or caerd of the coastes of the countreys following called Terra do Natal, all the coast of Sofolae Mozambique, Melindae, and the Island of Saint Laurence... London: Iohn Wolfe, 1598. 1 mapa, gravado em metal, 41 x 55 cm.

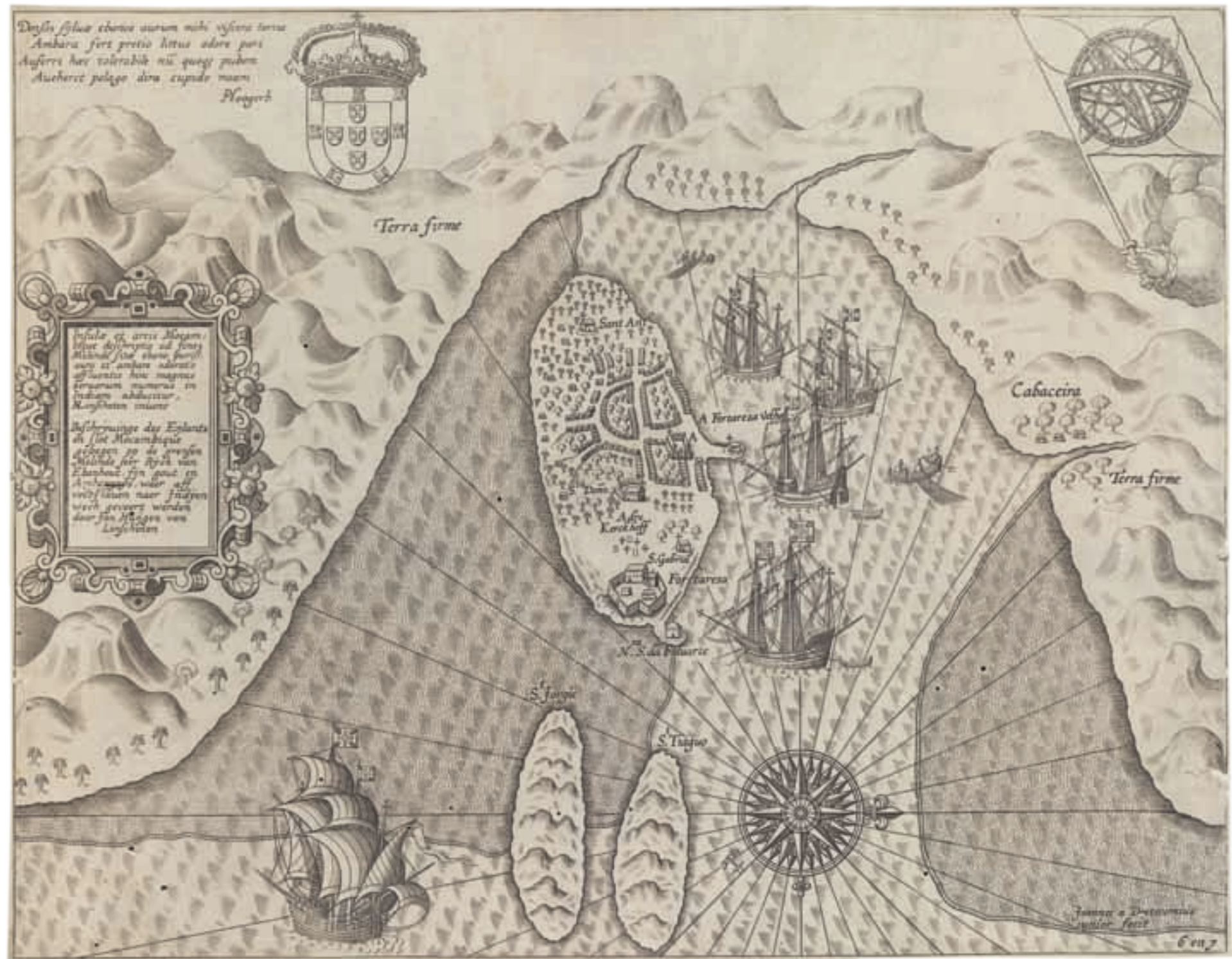
ARC.016,08,032

Abrange o sul da atual Somália até o oeste da África do Sul e a Ilha de Madagascar.
Da edição inglesa do *Itinerario*, de Linschoten.
Cartuchos ornamentados.
Marca-d'água: cacho de uvas.
Decorado com embarcações e fauna.
Possui quatro rosas dos ventos, sendo três com flor de lis.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Escala gráfica: "Miliaria germanica quorum 15 uni gradui respondent" [=8,5 cm].
Escala gráfica: "hispanicae leucae 17 1/2 gradui competentia" [=8,6 cm].
Mapa pormenorizado da costa oriental da África, destacando-se principalmente a Ilha de Madagascar e o oceano Índico.
Há representações pictóricas de animais e embarcações. Figura no lado esquerdo do mapa a imagem simbólica da lenda medieval do Preste João, o imperador da Abissínia, atual Etiópia, que admitia a existência de um mundo cristão na África. Os cartuchos do lado direito do mapa possuem título em latim e inglês. Outro, no canto inferior, contém as escalas.

100

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. *Insulae et arcis Mocambique descriptio ad fines Melinde sitae ebano puriss auro et ambare odorato affluentis hinc magnus seruorum numerus in Indiam abducitor* = Beschryuinge des Eijlants en slot Mocambique geleegen op de grensen Melinde seer Ryck van Ebanhout, fijn gout en A[m bargr]ys, waer aff veel slauen naer Indyen wech gevoert werden. [Amsterdam: Cornelis Claesz, 159-]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 25 x 31 cm em f. 54,5 x 41 cm.

ARC.016,08,033

Gravada por Jan van Doetecam.
Destaca planta da Ilha de Moçambique, com suas igrejas e fortificações.
No canto inferior direito lê-se: “6 en 7”.
Possui brasão e esfera armilar.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Mapa da Ilha de Moçambique e de outras duas ilhas, de São Jorge e de São Tiago. Na ilha principal é interessante notar as primeiras ordenações das ruas da cidade, bem como os detalhes de duas fortalezas e de algumas igrejas. Há um cartucho escrito em latim e holandês e um dístico em latim de Pieter Hoogerbeets no alto do canto esquerdo do mapa. O brasão de Portugal indica a relação do autor, Linschoten, com este país. Ele participou do reconhecimento das possessões portuguesas no Oriente, empregado como secretário do arcebispado português em Goa.

101

ORAZI, Andrea Antonio. *Veduta della cittá di Loanda metropoli del regno di Angóla nella Etiopia inferiore*. [Roma: Nella Stamperia degl'Eredi del Corbelleti, 1698]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 33,5 x 100,6 cm em f. 39,2 x 103 cm.

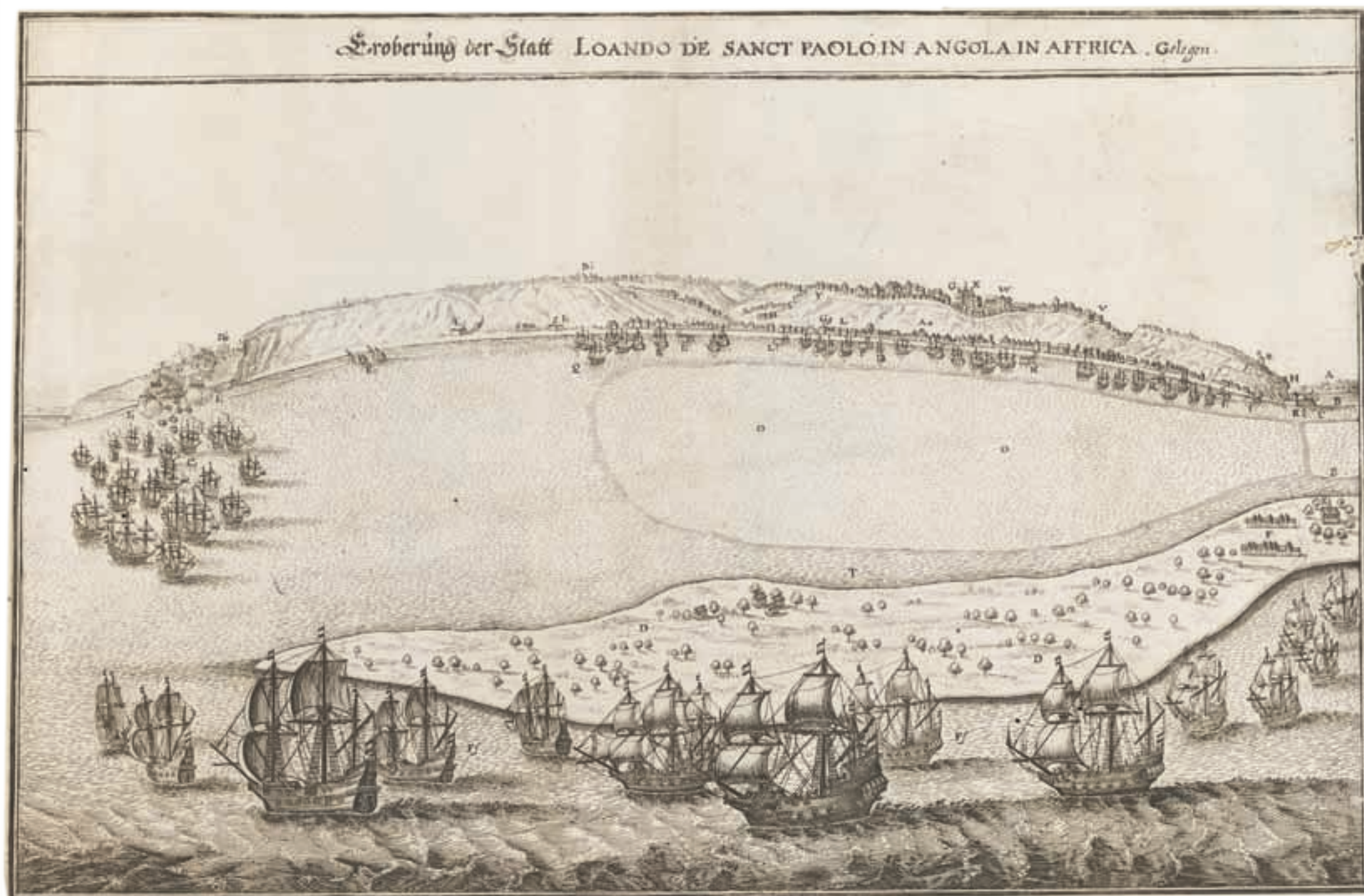
ARC.016,09,034

Modificação de grafia no título.
Cartucho de título ornamentado.
Possui brasão de Portugal.
A importância deste documento se dá na medida em que Luanda, em 1648, passou ao domínio brasileiro, depois de ter sido dominada por holandeses que partiram de Recife para alcançar as terras africanas, no ano de 1641. As legendas da vista demonstram que esta cidade teve um considerável crescimento em sua malha urbana até este período. Esta vista, juntamente com outras imagens, foi elaborada para a obra *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, de João José de Santa Teresa. A gravação do mapa ficou a cargo do gravador francês Hubert Vincent.

102

ORAZI, Andrea Antonio. *Pianta della cittá di Loanda, ó, S. Paolo metrop. del regno d'Angola*. [Roma: Nella Stamperia degl'Eredi del Corbelleti, 1698]. 1 planta, gravada em metal, 37,2 x 50,7 cm em f. 40 x 54,8 cm.

ARC.016,09,033

Gravado por Hubert Vincent.
Cartucho do título ornamentado.
Possui brasão de Portugal.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
A importância deste documento se dá na medida em que Luanda, em 1648, passou ao domínio brasileiro, depois de ter sido dominada por holandeses que partiram de Recife para alcançar as terras africanas, no ano de 1641.

103

MERIAN, Matthaeus. Eroberung der Statt Loando De Sanct Paolo in Angola in Affrica gelegen. [Frankfurt: M. Merrian, 1646?]. 1 mapa, gravado em metal, 21 x 32 cm em f. 55 x 40,5 cm.

ARC.016,08,034

Vista da cidade de Luanda, ilustrada com embarcações que podem significar a tomada de Luanda por parte dos holandeses. A Holanda dominou este território entre os anos de 1641 e 1648, quando ele voltou ao domínio português. Sabe-se que este documento foi publicado primeiramente em *Theatrum Europaeum*, obra de 1643, porém não foi possível determinar autoria para esta representação.

104

CASTELO Velho da Mina. [1575?]. 1 planta ms., desenho a tinta ferrogálica, aguada em sépia e azul, 40 x 55 cm. Escala [ca. 1:400].

ARC.016,08,035

Marca-d'água: roda.
Escala gráfica: 20 braças [=11,5 cm].
Esta planta pode representar um projeto de ampliação de sua fortificação. Localizado na atual cidade de Elmina, no Gana, África ocidental, o castelo foi um importante entreposto de mercadorias e escravos nesta costa africana, garantindo também o domínio europeu sobre o território. Passou a ser chamado de Fort Conraadsburg em 1637, ocasião do instrumento que determinou a conquista deste castelo e do centro urbano pelos holandeses. No século XIX, este monumento, hoje reconhecido como Patrimônio Mundial pela Unesco, ainda foi conquistado pelos britânicos.

105

ELSTRACKE, Renold. *Typus orarum maritimarum Guinae Manicongo & Angolae...* = The description of the Coast of Guinea Manicongo, and Angola... London: Iohn Wolfe, [1598]. 1 mapa, gravado em metal, 38 x 51,3 cm em f. 40 x 53 cm.

ARC.016,08,036

Da edição inglesa do *Itinerário*, de Linschoten. Mostra parte da costa ocidental africana, desde Serra Leoa até a Africa do Sul, pequena parte do litoral do estado de Pernambuco, e ilhas entre os continentes.
Relevo e vegetação representados de forma pictórica.
Cartucho de título e moldura do encarte ornamentados.
Contém duas rosas dos ventos com flor de lis.
Possui marca-d'água.
Inscrição manuscrita no verso: "Africa Australis".
Escala gráfica: "160 Miliaria germanica quorum 15 uni gradui respondent" [=8,2 cm].
Escala gráfica: "170 Hispanicae leucae 17[1/2] uni gradui competentia" [=7,8 cm].
Encartes: "Ascension" e "S. Helena".
Riquíssimo em iconografia da costa ocidental sul do continente africano, com embarcações, animais terrestres e marinhos, além de um encarte com vistas das ilhas atlânticas de Ascensão e Santa Helena, colônias britânicas. O mapa detalha outras ilhas, inclusive algumas pertencentes ao território brasileiro.

106

GOA. [S.l.: s.n., 1640?]. 1 planta, gravada em metal, 27 x 36 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,037

Inclui brasão.
Possui rosa dos ventos com flor de lis.
Detalha a primeira formação urbana deste aglomerado. Esta planta, se comparada a de outras cidades portuguesas, ou mesmo colonizadas por Portugal, apresenta grande semelhança no estabelecimento do traçado das ruas, portos e edifícios administrativos. Ou seja, a rua principal segue o litoral e as demais nascem seguindo esta configuração. Contém legenda identificando as principais edificações da cidade e um brasão que possivelmente está relacionado ao monopólio português da região. Esta cidade foi capital do império português na Índia desde 1510, sendo conhecida também como a "Lisboa do Oriente".

107

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. *Insula D. Helenae sacra coeli clementia et aequabilitate soli ubertate et aquarum salubritate nulli secunda...* = Het Eÿlant van Santa Helena, met soetheÿt eñ eenpaericheÿt van lucht, vruchtbaerheÿt des aertrÿcks eñ soete wateren seer begaest... [Amsterdam: Cornelis Claesz, 159-].
1 vista panorâmica, gravada em metal, 37 x 50 cm em f. 40 x 53,3 cm.

ARC.016,08,038

Data da elaboração do desenho aparece no cartucho de título: 1589.
Dístico em latim de Pieter Hoogerbeets.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Apresenta os vocábulos "Aguada Velha", "Bico" e "Sa. Helena".
Contém dois brasões.
Na parte inferior à direita, aparece: "140 en 141".
Ilha localizada ao sul do oceano Atlântico, que servia como entreposto para reabastecimento das viagens entre a América e a África. Os três cartuchos, escritos em latim, estão dispostos na parte superior e são do mesmo modo ornamentados. Em um deles, há uma dedicatória a uma importante família de mercadores, os Fugger. Esta paisagem foi desenhada por Linschoten e gravada por Baptista Duetecum.

108

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. *Vera effigies et delineatio Insulae Sanctae Helenae...* = Waerachtighe affbeeldinghe eñ gedaente vant Eylant Sancta Helena... [Amsterdam: Cornelis Claesz, 1596?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 31 x 47 cm em f. 37,2 x 49 cm.

ARC.016,08,039

Dedicatória de Linschoten a François Maelson. Cartuchos decorados em estilo renascentista. Três rosas dos ventos com flor de lis. Três ângulos diferentes da Ilha de Santa Helena que mostram a cidade, o local de desembarque, etc. No topo esquerdo do mapa, há iconografia de um anjo segurando uma esfera armilar. Foi desenhado por Linschoten e gravado por Baptista Duetecum. A ilha se localiza ao sul do oceano Atlântico e se mantém sob o domínio inglês.

51

ISLA DE SANTA ELENA

109

ISLA de Santa Elena. [S.l.: s.n., 16--]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 17,5 x 27 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,040a

Numeração na margem superior à esquerda: 51.
Contém rosa dos ventos com flor de lis.
Apresenta os vocábulos "Aguada Velha", "Bico e "Sa. Helena".
No primeiro plano do desenho, estão representadas várias embarcações, com os nomes de cada uma delas. É curioso notar que a gravação inverteu a imagem, o que pode ser observado pelo seu título e também pela comparação com a gravura *Insula D. Helenae sacra coeli clementia et...*
Colada na mesma folha com outra vista, intitulada *Vera effigies et delineatio Insulae, Ascenscio...*

110

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. *Vera effigies et delineatio Insulae, Ascenscio...* = Waerachtighe affbeeldinghe en verthooninghe vant Eylant Asçençion... [Amsterdam: Cornelis Claesz, 159-]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 23,5 x 34,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,040b

Gravado por Baptista Duetecum. Dístico em latim de Pieter Hoogerbeets. Dedicatória de Linschoten a Bernardus Paludanus. Cartuchos decorados em estilo renascentista. Duas rosas dos ventos com flor de lis. Vista da Ilha de Ascensão, localizada no Atlântico Sul, desenhada em três diferentes perspectivas. A gravura tem três cartuchos decorados, escritos em holandês. Há imagens pictóricas de aves e animais marinhos. Colada na mesma folha com outra vista, intitulada *Isla de Santa Elena*.

111

CIUDAD de Goa. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,041

Modificação de grafia no título. Contém edificações. Identifica-se o núcleo inicial da cidade intramuros. Esta planta, se comparada a de outras cidades portuguesas, ou mesmo colonizadas por Portugal, possui grande semelhança no estabelecimento do traçado das ruas, portos e edifícios administrativos. Ou seja, a rua principal segue o litoral e as demais nascem seguindo esta configuração. A gravura possivelmente está relacionada com o monopólio português da região. Esta cidade foi capital do Estado Português na Índia desde 1510, sendo conhecida também como a "Lisboa do Oriente".

112

BRAUN, Georg. *Tingis, Lusitanis, Tangiara.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 17 x 24 cm em f. 39,5 x 53 cm.

ARC.016,08,042a

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Texto em latim no verso, com numeração: 56.
Numeração manuscrita na margem esquerda das vistas: 53.
Com: *Tzaffin – Septa – Arzilla – Sala.*
Vista da cidade de Tânger, no Marrocos, que exibe a formação inicial da cidade fortificada e, ainda, a representação do relevo da região. Em vários momentos da história da cidade, o império português intentou dominar, insurgindo e revezando o seu poderio com a Espanha.

TINGIS. LVSITANIS. TANGIARA.

TZAFFIN.

113

BRAUN, Georg. *Tzaffin.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 17 x 23 cm em f. 39,5 x 53 cm.

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 56.
Numeração manuscrita na margem esquerda das vistas: 53.
Com: *Tingis, Lusitanis, Tangiara – Septa – Arzilla – Sala*.
Vista da cidade de Safi, localizada no litoral atlântico, região de Abda, no Marrocos. O norte da África, nesta época, aumentou consideravelmente o número de suas fortificações e se notabilizou como região formadora de várias gerações de militares, principalmente portugueses. Pela imagem, é possível visualizar a representação do Castelo do Mar, fortaleza construída no reinado de D. Manuel.

114

BRAUN, Georg. *Septa.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 14 x 16 cm em f. 39,5 x 53 cm.

ARC.016,08,042c

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 56.
Numeração manuscrita na margem esquerda das vistas: 53.
Com: *Tingis, Lusitanis, Tangiara – Tzaffin – Arzilla – Sala*.
Vista de cidade de Ceuta, localizada no Estreito de Gibraltar, no Marrocos. Este território passou pelo domínio português entre os séculos XV e XVII. Desde o Tratado de Lisboa até os dias atuais, a Espanha detém a posse dessa região, tão próxima da Península Ibérica. A cidade é estratégica do ponto de vista comercial e militar, porque se situa na passagem do mar Mediterrâneo para o Atlântico.

115

BRAUN, Georg. *Arzilla*: maxima quodam Afriçe urbs, nunc in angustias à Christianis contracta. [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 14 x 16 cm em f. 39,5 x 53 cm.

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 56.
Numeração manuscrita na margem esquerda das vistas: 53.
Com: *Tingis, Lusitanis, Tangiara – Tzaffin – Septa – Sala*.
Vista da cidade de Arzila, ao norte do Marrocos. A cidade ficou sob domínio português entre 1471 e 1550 e entre 1577 e 1589, sendo, por vezes, reconquistada pela Espanha.

116

BRAUN, Georg. *Sala.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 14 x 15,5 cm em f. 39,5 x 53 cm.

ARC.016,08,042e

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 56.
Numeração manuscrita na margem esquerda das vistas: 53.
Com: *Tingis, Lusitanis, Tangiara – Tzaffin – Septa – Arzilla*.
A última vista desta estampa representa as cidades atualmente denominadas Rabat e Salé.

117

BRAUN, Georg. *Calechut celeberrimun Indae Emporium.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 19 x 48 cm em f. 36 x 54 cm.

ARC.016,08,043a

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Marca-d'água: chifre.
Texto em latim impresso no verso, com numeração: 54.
Com: *Ormus* – *Canonor* – *S. Georgii*.
Calcutá é uma cidade situada na costa ocidental da Índia. Passou ao domínio português quando da construção de sua fortaleza, em 1513.
Em seguida, perdeu sua importância como entreposto comercial entre as Índias e a metrópole, com a crescente influência da cidade de Diu. A cidade foi posteriormente ocupada pelos holandeses.

118

BRAUN, Georg. *Ormus*. [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 15 x 16 cm em f. 36 x 54 cm.

ARC.016,08,043b

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Marca-d'água: chifre.
Texto em latim no verso, com numeração: 54.
Com: *Calechut celeberrimum Indiae Emporium – Canonor – S. Georgii*.
A vista da cidade de Ormuz, como as demais vistas desta ilustração, indica a dominação do Oriente pelo império português. Esta cidade foi conquistada em 1515 por Afonso de Albuquerque, que também ordenou a reconstrução da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Ormuz. A cidade se situa no Estreito de Ormuz, entre o Irã e os Emirados Árabes Unidos, e teve grande importância no comércio de especiarias.

ORMVS.

CANONOR.

119

BRAUN, Georg. *Canonor.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 15 x 16 cm em f. 36 x 54 cm.

ARC.016,08,043c

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Marca-d'água: chifre.
Texto em latim no verso, com numeração: 54.
Com: *Calechut celeberrimun Indiae Emporium – Ormus – S. Georgii*.
A terceira vista desta folha corresponde a Cananor, cidade do sudoeste da Índia, às margens do oceano Índico. Foi conquistada pelos portugueses em 1505, quando construíram a Fortaleza de Santo Ângelo, que ainda se encontra edificada. A mesma cidade, após diversas invasões, foi conquistada pelos holandeses em 1663.

120

BRAUN, Georg. *S. Georgii oppidum Mina nuncupatum, quod Lusitaniae regis inssu D Joannis...* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 15 x 16 cm em f. 36 x 54 cm.

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Marca-d'água: chifre.
Texto em latim no verso, com numeração: 54.
Com: *Calechut celeberrimum Indiae Emporium – Ormus – Canonor*.
Pequena vista da cidade de São Jorge da Mina, que ficou sob o domínio português entre os anos de 1482 e 1637. A cidade passou a ser chamada de Elmina após o domínio espanhol do território. É a única vista dessa gravura que corresponde ao território africano.

121

BRAUN, Georg. *Anfa, Quibusdam, Anaffa*. [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 9,3 x 23 cm em f. 34 x 48 cm.

ARC.016,08,044a

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Texto em latim no verso,
com numeração: 57.
Com: *Azaamurum – Diu – Goa*.
Anfa era uma cidade do Marrocos, que por duas vezes foi destruída: a primeira quando foi invadida por portugueses, em 1468, e depois quando foi arrasada pelo terremoto de 1755, que também atingiu a cidade de Lisboa. Em 1515, os portugueses usaram as ruínas da cidade e nela construíram uma fortificação. A povoação que se estabeleceu em torno dela passou a ser chamada de Casa Branca, permanecendo o atual nome, Casablanca. No século XX, passou por modernizações arquitetônicas devido ao domínio francês da região. Verifica-se, nesta vista do século XVI, a formação da cidade intramuros.

122

BRAUN, Georg. *Azaamurum.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 9,3 x 23 cm em f. 34 x 48 cm.

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1. Gravada por Franz Hogenberg. Modificação de grafia no título. Texto em latim no verso, com numeração: 57. Com: *Anfa, Quibusdam, Anaffa – Diu – Goa*. Vista da cidade de Azamor, em Marrocos, próximo à cidade de Casablanca. Foi possessão portuguesa entre os anos de 1513 e 1541. Nesta cidade foi construída uma importante praça-forte do norte da África, palco da Batalha de Azamor.

123

BRAUN, Georg. *Diu*. [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 9 x 47 cm em f. 34 x 48 cm.

ARC.016,08,044c

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Texto em latim no verso, com numeração: 57.
Com: *Anfa, Quibusdam, Anaffa – Azaamurum – Goa*.
Nesta terceira vista, está retratada a cidade fortificada de Diu, importante centro urbano do império português na Índia. Portugal dominou a cidade por mais de quatro séculos, fazendo-a parte do Estado Português na Índia entre os anos de 1535 e 1961, quando a Índia tomou posse do território. Sua fortaleza, antigo limite da cidade, ainda hoje resiste ao tempo na Ilha de Diu, no prolongamento das penínsulas de Guzerate e de Gogolá.

124

BRAUN, Georg. *Goa Fortissima India urbs in Christianorum potestatem anno salutis 1509. deuenit.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 13 x 47 cm em f. 34 x 48 cm.

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 57.
Com: *Anfa, Quibusdam, Anaffa – Azaamurum – Diu.*
Vista da cidade murada de Goa. Este centro urbano foi, desde 1510, a principal possessão portuguesa na Índia, por estar localizado em posição militar estratégica e por ter sido um importante porto para comercialização dos produtos orientais. Ficou conhecida como a "Lisboa do Oriente".

125

BRAUN, Georg. *Aden*: Arabiæ foelicis emporium celeberrimi nominis... [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 19,3 x 47,3 cm em f. 38,5 x 54,5 cm.

ARC.016,08,045a

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Cartucho de título ornamentado.
Texto em latim no verso, com numeração: 53.
Com: *Mombaza – Quiloa – Cefala*.
Vista correspondente à cidade de Áden, capital do antigo Iêmen do Sul. Este centro urbano esteve estrategicamente posicionado na passagem do oceano Índico para o mar Vermelho, bem próximo do norte da África e, por isso, foi conquistado várias vezes por diferentes povos, como os turcos otomanos, ingleses e os próprios portugueses.

126

BRAUN, Georg. *Mombaza.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 13,5 x 15,5 cm em f. 38,5 x 54,5 cm.

ARC.016,08,045b

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 53.
Com: *Aden – Quiloa – Cefala*.
Vista da cidade de Mombaça, que ficou sob o domínio português por duas vezes, entre 1593 e 1698 e de 1728 a 1729. Hoje ela se constitui numa das principais cidades do Quênia, na costa oriental da África.

127

BRAUN, Georg. *Quiloa.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 13,5 x 16,8 cm em f. 38,5 x 54,5 cm.

ARC.016,08,045c

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Modificação de grafia no título.
Texto em latim no verso, com numeração: 53.
Com: *Aden – Mombaza – Cefala*.
Penúltima vista dessa folha, retrata a cidade murada e também ilha de Quiloa, situada na costa da Tanzânia, África oriental. As edificações da Ilha de Quiloa são reconhecidas como patrimônio da humanidade, mas estão em ruínas.

128

BRAUN, Georg. *Cefala.* [Colônia: s.n., 1572-1617?]. 1 vista panorâmica, gravada em metal, 13,5 x 14,8 cm em f. 38,5 x 54,5 cm.

ARC.016,08,045d

De: *Civitates orbis Terrarvm* / Georg Braun; Franz Hogenberg. v. 1.
Gravada por Franz Hogenberg.
Texto em latim no verso, com numeração: 53.
Com: *Aden – Quiloa – Mombaza*.
Sofala, hoje, é província de Moçambique. O período de dominação portuguesa sobre todo o território de Moçambique foi um dos mais longos, abarcando mais de quatro séculos (1501-1975).

129

DIO. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 27 x 37 cm em f. 55 x 41 cm.

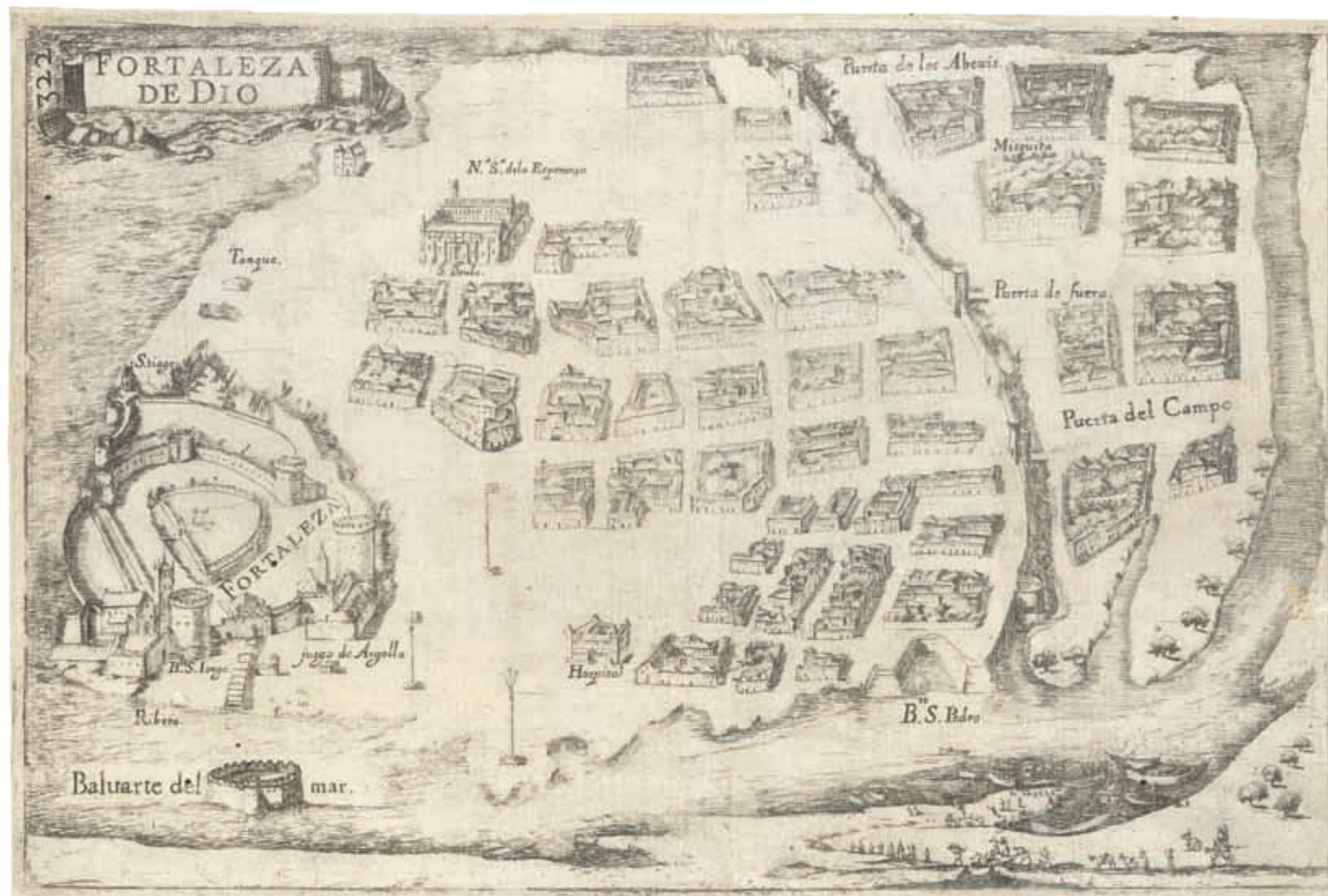
ARC.016,08,046a

Contém edificações.
Planta da cidade fortificada de Diu, sobretudo da área de sua fortaleza. Por meio desta planta, é possível vislumbrar a ampliação da fortaleza, já que existem dois muros em um dos lados da fortificação. Na parte marítima, observa-se um baluarte para a defesa da cidade. As edificações, como casas e igrejas, estão representadas de forma pictórica. Diu foi um importante centro urbano do império português na Índia. Portugal dominou a cidade por mais de quatro séculos, fazendo-a parte do Estado Português na Índia entre os anos de 1535 e 1961, quando a Índia tomou posse do território. Sua fortaleza, antigo limite da cidade, ainda hoje resiste ao tempo na Ilha de Diu, prolongamento das penínsulas de Guzerate e de Gogolá. Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Fortaleza de Dio*.

130

FORTALEZA de Dio. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,046b

Segunda planta da cidade de Diu, colada na mesma página. Comparando esta com a primeira planta, pelo detalhamento do desenho, é possível estimar que esta tenha sido elaborada posteriormente, uma vez que neste desenho percebe-se a expansão da malha urbana para além dos limites do muro que cerca a cidade. Nesta planta, várias edificações estão identificadas.
Com relação aos dados da cidade, ver a planta anterior.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Dio*.

131

FORTALEZA. [S.l.: s.n., 16--]. 1 mapa, gravado em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,047a

Contém edificações, rios e embarcações. Mapa da região litorânea de Sofala, hoje província de Moçambique. O mapa representa pontos geográficos identificados como Isla de Misato, Laguna del Maboto e a povoação de Mambone, que talvez seja a cidade de Inhambane, localizada nos limites entre o distrito do mesmo nome e Sofala. O período de dominação portuguesa sobre todo o território de Moçambique foi um dos mais longos, abarcando mais de quatro séculos (1501-1975).
Colado na mesma folha com outros dois documentos, intitulados *Fortaleza de Cananor* e *Quiloa*.

132

QUILOA. [S.l.: s.n., 16--]. 1 mapa, gravado em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,047b

Modificação de grafia no título. Mapa da Ilha de Quiloa, dando destaque para a cidade murada e sua fortaleza. Esta ilha está situada na costa da Tanzânia, África oriental. As edificações da Ilha de Quiloa são reconhecidas como patrimônio da humanidade, mas se encontram em ruínas. Colado na mesma folha com outros dois documentos, intitulados *Fortaleza* e *Fortaleza de Cananor*.

133

FORTALEZA de Cananor. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 41 cm.

ARC.016,08,047c

Abrange a Fortaleza de Cannanore e cercanias.
Contém edificações, rio e embarcações.
Planta detalhada da cidade e da fortaleza de Cananor, no sudoeste da Índia, às margens do oceano Índico. Há indicações de povoações, de áreas de plantio e de algumas ruas. A cidade foi conquistada pelos portugueses em 1505, quando construíram a Fortaleza de Santo Ângelo, que ainda hoje resiste ao tempo. A mesma cidade, após diversas invasões, foi conquistada pelos holandeses em 1663.
Colada na mesma folha com outros dois documentos, intitulados *Fortaleza* e *Quiloa*.

134

COCHIM. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 40 cm.

ARC.016,08,048a

Inclui fortaleza, praça, igreja, hospital, palácio e embarcações.
Mapa da cidade de Cochim, inclui, na parte superior direita, a legenda das principais edificações da península. Praticamente toda a cidade ainda permanece intramuros, apesar de a malha urbana ser formada por várias ruas. É interessante notar que existe um braço do "Rio Estero", como está identificado no mapa, que penetra pela península e serve como abastecimento de água ao povoado. Cochim está localizada na parte meridional da Índia e ficou sob o domínio português entre os anos de 1500 e 1663.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Fortaleza de Malaca* e *Fortaleza de Ormuz*.

135

FORTALEZA de Ormuz. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 40 cm.

ARC.016,08,048b

Contém edificações, embarcações, ilhas, etc.
Planta do antigo núcleo urbano de Ormuz, com destaque para a fortaleza de Nossa Senhora da Conceição de Ormuz. Esta cidade foi conquistada em 1515 por Afonso de Albuquerque, que também ordenou a reconstrução da fortaleza. O Império Português dominou a região até 1622. A cidade situa-se no Estreito de Ormuz entre o Irã e os Emirados Árabes Unidos e teve grande importância no comércio das especiarias do golfo Pérsico.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Fortaleza de Malaca* e *Cochim*.

136

FORTALEZA de Malaca. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 40 cm.

ARC.016,08,048c

Abrange a Fortaleza de Malaca e cercanias.
Contém edificações e embarcações.
Planta da cidade murada de Malaca, cuja fortaleza está identificada na imagem. Na gravura, há indicação também dos edifícios e dos seis baluartes principais que rodeiam o centro urbano. A cidade foi conquistada pelos portugueses em 1511. Em 1641 passou ao domínio holandês e, posteriormente, ao inglês. Malaca está localizada na costa sudoeste da Malásia.
Colada na mesma folha com outras duas plantas, intituladas *Cochim* e *Fortaleza de Ormuz*.

137

FORTALEZA de Baçaim. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 40 cm.

ARC.016,08,049a

Baçaim, atual cidade de Vasai, foi dominada pelos portugueses por dois séculos, entre os anos de 1535 e 1739. O traçado octogonal da cidade segue o desenvolvimento de outros centros urbanos portugueses. Esta cidade está localizada na costa ocidental da Índia, próximo à cidade de Bombaim ou Mumbai. O mapa representa, principalmente, a cidade intramuros e retrata suas edificações, com as respectivas identificações.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Fortaleza de Chaul*.

138

FORTALEZA de Chaul. [S.l.: s.n., 16--]. 1 planta, gravada em metal, 16,5 x 25,5 cm em f. 55 x 40 cm.

ARC.016,08,049b

Modificação de grafia no título. Abrange a Fortaleza de Chaul e arredores.
Contém edificações, rio, embarcações e animais.
Gravura da cidade intramuros de Chaul e sua fortaleza. O mapa contém desenho de uma árvore em primeiro plano, bem como representações de atividades cotidianas. A cidade está situada no subcontinente da Índia, próximo à cidade de Bombaim ou Mumbai.
Colada na mesma folha com outra planta, intitulada *Fortaleza de Baçaim*.

Índice onomástico

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

L

M

T

V

W

Índice de assuntos

A

B

C

D

E

F

Dados biográficos

A

Albernaz, Pedro Teixeira (ca. 1595-1662)
Filho do cartógrafo e matemático Luis Teixeira. Nasceu em Lisboa por volta de 1595 e faleceu em Madri em 1662. Em companhia de seu irmão João Teixeira Albernaz I, foi para Madri trabalhar no levantamento da viagem dos irmãos Bartolomeu e Gonçalo Garcia de Nodal, em 1619. Concluído o trabalho, seu irmão retornou a Portugal e Pedro decidiu continuar em Madri até a sua morte. Dentre a sua produção cartográfica destacam-se *Reconocimiento de los estrechos de Magallanes y San Vicente*, 1621; *Plano de Madrid*, 1656; *Carta de Portugal*, 1662; e *Compendium geographicum,* c.1660.

Albernaz I, João Teixeira (fl. 1602-1649)
Considerado o maior cartógrafo português do século XVII, é conhecido também como "o velho", para a distinção do seu neto homônimo. Albernaz I pertenceu a uma família de cartógrafos portugueses que atuou durante o século XVII. Dentre os seus trabalhos destacam-se *Livro que dá Razão do Estado do Brasil* e *Atlas do Brasil*.

Albernaz II, João Teixeira (fl. 1655-1699)
Conhecido também com João Teixeira Albernaz, o moço, para diferenciar do seu avô homônimo. Apesar de poucos dados biográficos, é possível levantar algumas cartas de sua autoria datadas entre os anos de 1655 e 1681. Ficaram conhecidos também o seu importante *Atlas da África*, com 29 mapas, publicado no ano de 1665; e outros dois *Atlas do Brasil*, o primeiro de 1666, com 29 mapas, e o segundo de 1670, com 31 documentos cartográficos.

Almeida, Tomás de (1670-1754)
Nasceu e morreu em Lisboa. Foi bispo de Lamego, em 1706, e do Porto, em 1709. Tornou-se primeiro patriarca de Lisboa em 1716, título conferido a apenas três dioceses no Ocidente. Em 1737, foi elevado a cardeal pelo papa Clemente XII.

Arrivet, J. (fl. 1764-1786)
Desenhista e gravador francês, principalmente de páginas de rosto e cartuchos. Elaborou numerosas ilustrações para *Atlas corse* de Bellin e *Atlas universel* de Gille e Didier Robert de Vaugondy, 1760-1778.

Aveline, Antoine (1691-1743)
Conhecido também como Antoine Aveline II, identificação que o distingue de seu sobrinho homônimo. Irmão de Pierre Aveline I, fundador de uma tradição familiar de gravadores que exerceram o ofício na cidade de Paris. Estabelecido à rua St. Jacques, gravou vistas de cidades como Londres, Malta, Roma e Tânger.

Avity, Pierre d', sieur de Montmartin (1573-1635)
Geógrafo nascido em Tournon (França) no ano de 1573 e falecido em Paris em 1635. Entre suas principais obras, destacam-se: *Les estats, empires, et principavtez du monde*, 1626, que incluiu mapas de Matthaeus Merian, em edições posteriores; *Newe Archontologia cosmica*; *Description générale de l'Amérique*, 1640; e *Le Monde ou La Description generale de ses quatre parties*..., 1643.

B

Beckit, Robert
Gravador dos mapas incluídos na edição inglesa, de 1598, da obra *Voyages into the Easte & West Indies*, de Jan Huygen van Linschoten, entre os quais cabe referir: *Delineatio omnium orarum totius Australis partis Americae*...; e *Deliniatur [sic] in hac tabula, Orae maritimae Abexiae*... Participou também da edição de 1598, dirigida por Arnold Florent van Langren, da obra *Delineatio orarum maritimarum Terrae vulgo indigetatae Terra do Natal, item Sofalae, Mozambicae et Melindae*... Publicou alguns de seus trabalhos na casa de edição de John Wolfe.

Bernard, Jean-Frédéric (1683?-1744)
Editor que se estabeleceu em Amsterdã.

Besson, Jean
Geógrafo francês nascido no século XVII. Atuou também como editor, distribuidor e autor de obras publicadas em Paris, no endereço Quay de l'Horloge du Palais. Trabalhou com Pierre Duval, na obra *Les Isles Britaniques*..., 1680. Publicou ainda *Royaume de Portugal* e *L'État du Duc de Savoie*, ambos de 1704.

Blaeu, Joan (1596-1673)
Viveu em Amsterdã, onde se formou em direito, mas logo começou a trabalhar ao lado de seu pai Willem e seu irmão Cornelis, na oficina de impressão da família. Publicou nos primeiros tempos *Appendix Theatri Ortelii et Atlantis G. Mercatori*, 1631, e *Novus Atlas*, 1634. Sucedeu a seu pai na função de cartógrafo da Companhia das Índias Orientais (VOC, de Vereenigde Oost-Indische Compagnie). Por volta do ano de 1649, Joan se encarregou da publicação de uma série de mapas de cidades dos Países-Baixos, intitulada *Tooneel der Steeden*; expandiu em seis volumes o atlas, iniciado por seu pai, *Theatrum Orbis Terrarum*. Sua principal obra foi o *Atlas Maior*, composto de 11 volumes editados entre 1662 e 1672, em francês, latim, alemão e espanhol. Um grave incêndio destruiu sua firma de gravação. Faleceu um ano depois, deixando como sucessor seu filho Joan II (1650-1712), que venderia sua parte do negócio para Jan van Keulen.

Blaeu, Willem Janszoon (1571-1638)
Nascido em Uitgeest, município perto de Alkmaar, no norte da Holanda, estudou com Thycho Brahe e fundou sua companhia de gravação de mapas em 1596, produzindo inicialmente globos terrestres e, mais tarde, mapas topográficos e cartas oceânicas. Notabilizou-se, em 1633, quando se tornou cartógrafo da Companhia

das Índias Orientais (VOC, de Vereenigde Oost-Indische Compagnie). Além de globos terrestres, produzidos em 1599, 1602 e 1603, confeccionou mapas dos domínios holandeses e os atlas *Het licht der Zeevaert*, 1608; *Atlantes appendix*, 1630; e *Theatrum orbis Terrarum*, 1634, conhecido também sob os títulos *Geographia Blaviana* e *Novus Atlas*. Morreu em Amsterdã em 1638, e seus filhos Joan e Cornelis assumiram a administração da empresa cartográfica.

Bouttats, Gaspard (n. ca. 1640)
Gravador e artista flamengo, viveu em Viena, onde criou suas obras e ilustrou as de outros artistas, atuando principalmente de 1673 a 1718. Sua principal obra intitula-se *Histoire des Avanturiers*, 1688. Descende de uma importante família de gravadores da Antuérpia, à qual pertence também Philibert Bouttats, cujo filho especializou-se na gravação de retratos.

Braun, Georg (1540 ou 1541-1622)
Teólogo nascido em Colônia, Alemanha. Conhecido como o editor da importante obra *Civitates orbis terrarum*, copiosa coleção de mapas, vistas e plantas topográficas de cidades de todo o mundo, publicada entre 1572 e 1617. Trabalhou também como topógrafo e geógrafo, tendo por colaborador o gravador Frans Hogenberg.

C

Carpinetti, João Silvério (1740-1800)
Gravador de diversos retratos de pessoas eminentes de Portugal, como D. José I e Marquês de Pombal, publicados por volta do ano de 1759. Entre os materiais cartográficos que produziu, estão os *Mappas das províncias de Portugal novamente abertos, e estampados em Lisboa*... e o *Patriarcado de Portugal*, ambos editados em 1762.

Claesz, Cornelis (ca. 1546-1609)
Cornelis Claesz, holandês, estabeleceu sua firma inicialmente em Enkuizen (Holanda) e mais tarde em Amsterdã. Foi um dos mais importantes editores e livreiros das últimas décadas do século XVI e do início do século XVII. Nesse período Claesz exerceu grande influência nas publicações sobre cartografia, topografia e arte de navegação, como também nos relatos de viagens de descobertas e comércios holandeses através do mundo. Amigo de Linschoten, publicou *Itinerario*.

Coquart, Antoine (1668-1707)
Gravador e desenhista francês de vistas e plantas de algumas cidades europeias. Notabilizou-se pela gravação, em 1705, de cinco plantas da cidade de Paris para a obra *Traité de la police*, de N. Delamare, republicadas posteriormente por Félibien na sua *Histoire de la ville de Paris*, de 1725. Conhecido como gravador de inúmeras imagens da cidade de Paris, trabalhou também com o cartógrafo Nicolas de Fer.

Coreal, Francisco (1648?-1708)
Viajante espanhol, editor do livro intitulado *Voyages de Jean François Coreal aux Indes Occidentales*, publicado em Paris, em 1722, e posteriormente em Bruxelas, no ano de 1736. Excursionou por vários países americanos, como os Estados Unidos, México, Panamá, Uruguai, Peru e Brasil, registrando em cada parte as impressões e surpresas que lhe causavam as mudanças de paisagem, a variedade dos costumes e os elementos da vida social e política das cidades que conheceu.

Courbes, Jean de (1592-1641?)
Artista e gravador francês, trabalhou também na Inglaterra e na Espanha entre 1620 e 1640. Em Paris, publicou diversos retratos, como o dos irmãos de *Mary Sidney* e *Philip Sidney*, este último célebre cortesão e um dos principais poetas do século XVI

no Reino Unido; e o do famoso poeta e dramaturgo espanhol *Lope de Vega*. Além de retratos, produziu frontispícios, ilustrados para várias obras. Colaborou com Melchor Prieto em sua *Psalmodia Eucharistica*, publicada em Madrid, em 1622. Gravou o mapa *Reconocimiento de los estrechos de Magallanes y San Vicente*, de João e Pedro Albernaz, onde mostra a viagem dos irmãos Garcia de Nodal.

D

Doetecam, Jan van
Editor e gravador holandês, irmão de Baptista Duetecum e filho de Johan (Jan) Doetecam, o velho. Nasceu em Deventer e faleceu na cidade de Roterdã, tendo florescido entre os anos de 1592 e 1630. Publicou *Nova Francia*, 1594; *Leo Belgicus*, 1598; e *Africa*, 1610.

Duetecum, Baptista
Gravador, descendente de uma célebre família de gravadores e editores, trabalhou nas cidades holandesas de Haarlem e Deventer, a partir de 1606. Publicou, para Pieter Plancius, as obras *Orbis terrarum typus*, de 1590, e *Bible maps*, de 1609. Editou, em colaboração com seu pai, Johan (Jan) Duetecum, o Velho, o *Itinerario*, de Linschoten, de 1595.

Duval, P. (Pierre) (1619-1682)
Cartógrafo francês, genro e discípulo de Nicolas Sanson. Além de uma extensa coleção de mapas de diversos lugares, publicou plantas de cidades, vistas panorâmicas e outras ilustrações inseridas em diferentes obras. Suas publicações vieram a lume entre os anos de 1645 e 1684. Duval se destaca publicando, prioritariamente, mapas de pequenos formatos e de caráter pedagógico. Morreu em Paris deixando como herdeiras de seu trabalho sua mulher, Marie Desmarests, e suas filhas, Marie-Angélique e Michèle.

E

Elstracke, Renold (fl. 1590-1630)
Célebre gravador inglês em seu tempo. Confeccionou mapas e retratos, principalmente a partir de 1598. Supõe-se que Elstracke não publicou nenhuma prancha de sua autoria, trabalhando no mais das vezes como colaborador de John Sudbury e, inicialmente, de George Humble. Foi gravador da edição inglesa de 1598 do *Itinerario,* de Linschoten, e da edição da obra *The North part of America*, de Henry Briggs, de 1625.

F

Fer, Nicolas de (1646-1720)
Herdeiro do editor Antoine de Fer, Nicolas tornou-se, após a morte de seu pai, proprietário de uma empresa de gravação de mapas que se tornaria bastante conhecida a partir de 1687. Produziu vários atlas especializados, como as plantas das cidades com fortificações em estilo Vauban. Produziu mais de 600 mapas e se notabilizou como cartógrafo oficial do reino da França. Suas principais obras foram: *Les Côtes de France*, 1690; *La France Triomphante Sous le Règne de Louis le Grand*, 1693; *Atlas Royal*, 1695, 1699 e 1702; *Petit et Nouveau Atlas*, 1697; *Atlas Curieux où le Monde représenté dans les cartes générales et particulières du Ciel et de la Terre*, 1700–1705 e 1717; e *Atlas ou recueil de cartes géographiques dressées sur les nouvelles observations*, 1709-1728 e 1746. Após sua morte, seus genros Jaques-François Bérnard e Guillaume Danet deram continuidade ao seu trabalho.

Fernandes, Mateus (séc. XVI/XVII)
Mateus Fernandes foi o arquiteto encarregado das obras de construção da fortaleza de Funchal no arquipélago da Madeira. É provável que tenha chegado à ilha no ano de 1567, onde permaneceu até 1607.

Fortes, Manuel de Azevedo (1660-1749)
Azevedo Fortes formou-se na Espanha, França e Itália, na área das ciências exatas. Foi nomeado engenheiro-mor do Reino, em 1719. Integrou-se, também, na Corrente das Luzes em Portugal, como autor do primeiro tratado sobre lógica, escrito em português, sob o título: *Lógica Racional Geométrica e Analítica,* publicado em Lisboa, em 1744. Outras principais obras editadas destacam-se: *Tratado do Modo mais fácil e exacto de fazer as Cartas Geográficas*, 1722, e *O Engenheiro Português*, obra em dois tomos, publicados em 1728 e 1729.

G

García de Nodal, Bartolomé (n. 1575)
Navegador espanhol que, junto com seu irmão, o também navegador Gonzalo, dirigiu uma expedição espanhola para a América do Sul em 1618. Em 1621, foi publicada a obra *Relacion del viaje qve por orden de Sv Mag.d.*, onde consta o mapa *Reconocimiento de los Estrechos de Magallanes y San Vicente*, elaborado pelos irmãos João Teixeira Albernaz I e Pedro T. Albernaz.

García de Nodal, Gonzalo (n. ca. 1569)
Ver referência em García de Nodal, Bartolomé.

Gendrón
De origem incerta (espanhol conforme Tooley, francês de Delfinado conforme Moreira), esteve associado a Joseph Reycends como livreiro em Portugal entre a década de 1740 e 1752. Após esse período, estabeleceu-se na França, onde publicou muitos mapas lusitanos. Algumas dessas cartas foram compiladas no atlas *Compendio Geographico del globo terrestre, dividido en impérios...*, publicados em 2 volumes, em 1756 e 1758. Entre seus trabalhos conhecidos, podemos citar *Mapa mundi o descripcion del globo terrestre*, 16--; *La Alemania*, 1755; e *Planta do Porto de Lisboa e das costas visinhas*, datada de 1757. Segundo referências historiográficas, as obras desse autor se assemelham, na forma e no estilo, aos mapas gravados pelo cartógrafo francês Robert de Vaugondy.

Gottfried, Johann Ludwig (séc. XVII)
Johann Ludwig Gottfried, pseudônimo de Johann Philipp Abelin, trabalhou com Matthäeus Merian em Frankfurt, e suas obras principais foram *Newe welt und Americanische Historien* e *Newe archontologia cosmica*.

Grandpré, C. (fl. 1729-1736)
Conhecido como Carlos ou Charles de Grandpré, fez parte do grupo de artistas estrangeiros burilistas, praticantes de técnica de gravação em metal, de influência francesa ou flamenga, no período de 1720 a 1755. Grandpré trabalhou a serviço da Academia Real da História, no reinado de d. João V. Ilustrou a obra *Geografia histórica...*, de d. Luís Caetano de Lima, com estampas abertas a buril entre 1729 e 1734, além de elaborar mapas manuscritos e impressos neste período.

H

Halma, François (1653-1722)
Nascido na Holanda, destacou-se como gravador, editor e impressor, além de ter atuado também como vendedor de livros nas cidades de Utrecht (1674-1698), Amsterdã (1699-1710) e Leeuwarden (1710-1722). Reimprimiu, em 1695, 1698 e 1704, a versão, de Gerhard Mercator, do mapa *Tabulae geographicae orbis terrarum*, de Cláudio Ptolomeu. Publicou ainda: *Description de tout l'univers...*, de Nicolas Sanson, de 1700; *Geographia sacra...*, em 1704; e *Algemeene Weereldbeschrying...*, em 1705. Seu filho deu continuidade aos seus trabalhos com a publicação de *Tooneel der Vereenigde Nederlanden*, em 1725.

Hogenberg, Franz (m. 1590?)
Nascido em Mechelen, na Bélgica, entre 1535 e 1540, faleceu na cidade alemã de Colônia, provavelmente no ano de 1590. Franz Hogenberg trabalhou na sua cidade natal, Londres e Colônia. Provavelmente era filho de Hans, editor de mapas em Mechelen. Gravou inúmeros mapas e vistas de cidades. Destacou-se quando da criação dos primeiros quatro volumes da obra *Civitates orbis Terrarum*, produzida em cooperação com Georg Braun entre 1572 e 1588. Os dois outros volumes ficaram a cargo de Simon van den Neuwel (Novellanus). Publicou ainda *Theatrum orbis Terrarum*, de Ortelius, 1570; *Itinerarium orbis Christiani*, 1579-1580; e vários outros trabalhos.

Hoogerbeets, Pieter (1542-1599)
Escreveu dístico nos mapas do *Itinerário* de Linschoten.

J

Jansson, Jan (1588-1664)
Gravador e editor holandês, herdeiro de seu pai Janssonius, progenitor de uma eminente família de impressores especializada em cartografia. Trabalhou inicialmente na cidade de Arnhem, Holanda, e, posteriormente, fundou sua empresa de confecção de mapas, atlas e globos terrestres em Amsterdã. Casou-se com a filha de Jodocus Hondius, notável gravador e fabricante de instrumentos matemáticos. Entre 1630 e 1638, deu continuidade à publicação do *Atlas* de Mercator-Hondius, adicionando novos mapas a cada uma das edições. A edição de 1638 ficou conhecida como *Atlas novus* e, por volta de 1640, foi publicado em 11 volumes, com o título de *Atlas maior*. Apesar de mais decorativos, os mapas de Jansson são semelhantes aos de Joan Blaeu. Publicou ainda em vida mapas da Itália e França, 1616; reimprimiu globos terrestres de Pieter van den Keere, 1620; elaborou a coleção *Accuratissima orbis antiqui delineatio*, 1652; e expandiu a obra de Braun e Hogenberg de 1657, sob o título *Theatrum urbium*. Após a sua morte, seus herdeiros deram continuidade a suas publicações no *Atlas Contractus* de 1666.

João José de Santa Teresa, frei (1658-ca. 1733)
Carmelita português serviu no convento de Nossa Senhora da Escada, na cidade de Roma, ordenando-se em 1680. Voltou a Portugal com a finalidade de buscar financiamento para sua obra *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, editada em Roma em 1698, da qual fazem parte os mapas desenhados por Andrea Antonio Orazi.

Jollain, Família
Família de editores e gravadores que atuou em Paris entre os séculos XVII e XVIII. A identificação exata dos membros desta família e as distinções de autoria são de difícil consolidação, uma vez que muitos deles assinavam apenas o sobrenome, Jollain ou Jolin.

Jollain, Gerard (1638-1722)
Editor de mapas e gravuras em Paris, reconhecido em seu tempo como vendedor estabelecido à *rue St. Jacques vis à vis de la rue de la Parchéminerie*. Compartilhou com seu pai, além do ofício, o mesmo nome, dupla coincidência que torna difícil diferenciá-los um do outro, já que os dois assinavam Jollain. Floresceu notadamente entre os anos de 1669 e 1691.

L

Langren, Arnold Florent van (1580-1644)
Filho de Jacob Floris van Langren, trabalhou com seu irmão Hendrik. Arnold foi aluno de Tycho Brahe, o conhecido astrônomo e professor de matemática

dinamarquês. A família se especializou na confecção de globos terrestres, o primeiro deles publicado em 1585. Gravou importantes impressos de diversos autores, como *Typus orbis Terrarum*, 1594; cinco mapas do *Itinerario*, de Linschoten, 1596; e *Globus caelestis*, 1630. Com a sua morte, seus filhos o sucederam na empresa de edição de documentos cartográficos.

Le Bas, Jacques-Philippe (1707-1783)
Desenhista, editor e gravador nas técnicas de água-forte e buril. Nasceu e morreu em Paris e ficou reconhecido por seus trabalhos temáticos, marcadamente pelas coleções ilustradas de imagens religiosas, de representações de mulheres e paisagens e de topografias.

Linschoten, Jan Huygen van (1563-1611)
Historiador e viajante holandês, renomado pela sua obra *Itinerario: Voyagie ofte schipvaert van Jan Huyghen van Linschoten*..., publicada em 1596. Em 1579, transferiu-se primeiramente para a cidade espanhola de Sevilha, mas acabou por se mudar para Lisboa, a fim de trabalhar em uma companhia de comércio. Foi secretário do arcebispado português em Goa, entre 1583 e 1588, e residiu ainda por cerca de dois anos na cidade de Angra, arquipélago dos Açores, quando do seu regresso à Holanda. Produziu outras duas obras conhecidas de caráter cartográfico: *Reysgheschrift van de Navigatien der Portugaloysers in Orienten inhoudende de Zeevaert*..., 1595; e *Voyagie ofte Schipvaert van Jan Huygen van Linschoten van by Noorden om langes Noorwegen*..., 1694-5.

L'Isle, Guillaume de (1675-1726)
Conhecido também como Guillaume Delisle, era filho do geógrafo e historiador Claude de L'Isle e foi discípulo de Dominique Cassini. Guillaume se tornou membro da Academia Real de Ciências da França, em 1702, e primeiro geógrafo do rei em 1718, tendo participado do florescimento da cartografia francesa. Seus mapas se caracterizam pela precisão da representação geográfica, escrúpulo científico que o levou, por vezes, a reeditar os mapas para atualizá-los. L'Isle teve um papel preponderante na questão de fronteiras entre os domínios português e espanhol na América do Sul. Mostrou que os portugueses cometiam erros de cálculos das longitudes nos mapas, desde o século XVI, colocando o rio da Prata no hemisfério português. Essa demonstração foi apresentada em seu trabalho *Determination géographique de la situation et de l'éntendue des différentes parties de la Terre*, na Academia Real de Ciências, em 1720. Entre suas inúmeras obras, podemos citar: *Atlas de Géographie*, 1700-1712; *L'Amerique Meridionale*, 1700; *Carte de Perse, dressée pour l'usage du Roy*, 1703; *Carte d'Amerique*, 1722; *Carte de la Terre Ferme du Perou, du Brésil et du Pays des Amazones*, 1703.

M

Merian, Matthaeus (1593-1650)
Gravador e editor suíço, progenitor de uma importante família de gravadores cujo legado foi levado adiante por seus filhos. Casou-se com a filha do famoso gravador flamengo Theodore de Bry e ficou conhecido pela publicação de plantas e vistas de cidades. Sua principal obra – *Theatrum Europaeum* – foi originalmente publicada em 1629, mas Matthaeus publicou diversos atlas de outros cartógrafos europeus de renome, como os mapas incluídos na obra *Les estats, empires, et principavtez du monde*, 1628, de D'Avity.

Michu, N.
Gravou o mapa *Royaume de Portugal* de Pierre Duval, em 1676.

N

Nolin, Jean Baptiste (1648-1708)
Geógrafo, cartógrafo, gravador e editor, Jean Baptiste Nolin tornou-se geógrafo da monarquia francesa em 1701. Seu trabalho abriu caminho para o florescimento de uma importante família de gravadores na França, tendo como seus principais sucessores o irmão, a esposa e o filho. Suas obras corresponderam à expansão da cartografia francesa em oposição ao declínio da cartografia holandesa. Produziu grande quantidade de documentos cartográficos que se distinguiram pela propriedade dos detalhes geográficos e pela ornamentação das ilustrações, características como do período barroco. Foi o editor na França dos mapas de Vicenzo Coronelli. Entre outras obras, publicou *Le théâtre du monde*, 1701; *L'Amerique Méridionale*, 1704; e *Le Royame de Portugal*, 1704. É sabido que Nolin plagiou mapas de Guillaume de L'Isle datados de 1705 e 1706.

Orazi, Andrea Antonio (1670-ca. 1749)
Artista romano que desenhou os mapas e vistas de *Istoria delle guerre del regno de Brasile...* de João José de Santa Teresa.

P

Paris (século XVIII)
Desenhou junto com Pedegache as estampas da obra *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto...*

Pedegache, Miguel Tibério (1730?-1794)
Viveu em Lisboa e foi oficial do exército português. Trabalhou também como poeta e tradutor. Desenhou junto com Paris as estampas da obra *Colleção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto...*

Plancius, Petrus (1552-1622)
Geógrafo, astrônomo e ministro da Igreja Reformada Holandesa em Flandres e Brabante, onde foi perseguido e forçado a ir para Amsterdã. Em 1602, foi nomeado cartógrafo da Companhia das Índias Ocidentais (VOC, de Vereenigde Oost-Indische Compagnie), produzindo mais de cem tiragens de mapas do mundo, inclusive mapas para ilustrar bíblias. Trabalhou, também, nos cálculos para longitude e produziu um mapa-múndi, que influenciou muitos cartógrafos mais tarde.

R

Robert de Vaugondy, Didier (1723-1786)
Didier Robert de Vaugondy, filho de Gilles, foi professor de matemática, real censor e fabricante de globos. Foi nomeado "geógrafo do rei" no reinado de Luís XV. Trabalhou junto com seu pai, de quem aprendeu o ofício, na produção e publicação de mapas e globos. Os Vaugondy empregavam padrões muito rígidos nos seus mapas e, muitas vezes, empregavam as leituras astronômicas provenientes das latitudes e longitudes. Em muitos casos, ele e seu pai não assinavam os nomes, somente o sobrenome, o que dificulta saber o real autor de seus mapas. Às vezes, aparece a palavra *fils* ou *filio*, que significa filho, de onde se conclui que a autoria é de Didier. De acordo com MapHist, Didier, na maior parte de suas cartas, assinava M. ou S. Robert de Vaugondy e seu pai, M. ou S. Robert, possibilitando assim a distinção.

Robert de Vaugondy, Gilles (1688-1766)

Gilles Robert de Vaugondy, pai de Didier, foi professor de matemática e "geógrafo do rei" em 1734. Em 1731, herdou as cartas, chapas, globos, manuscritos, trabalhos geográficos e a impressora de Pierre Moullart-Sanson, terceira geração dos Sanson, junto com Pe. J. S. Perrier e Jean Frémon. Gilles, mais tarde, adquiriu essas partes. Ele e seu filho, Didier, se associaram nos negócios e publicaram importante obra, intitulada *Atlas universel*, em 1557, considerada uma das conquistas do Iluminismo francês. Em muitos casos, Gilles e seu filho não assinavam os seus nomes nas cartas, somente os sobrenomes, o que dificulta conhecer o autor do mapa. Segundo Gilles MapHist, no entanto, na maior parte de suas cartas, assinava M. ou S. Robert, e seu filho, M. ou S. Robert de Vaugondy.

S

Sanches, Antônio (fl. 1623-1641)

Antônio Sanches pertencia provavelmente à mesma família de cartógrafos de que faziam parte Cipriano e Domingos Sanches. Conforme *Portugaliae monumenta cartographica*, pouco se conhece a respeito da vida desse cartógrafo português. Entre as suas obras, contam-se um mapa-múndi, de 1623; o mapa *Brazil*, ca. 1633; duas cartas do oceano Atlântico, de 1633; uma carta do oceano Atlântico com partes do Índico e do Pacífico; e sete cartas do oceano Pacífico, de 1641.

Sanson, Nicolas (1600-1667)

Conhecido como fundador da Escola Francesa de Cartografia, Nicolas Sanson foi um célebre cartógrafo do século XVII e patriarca de uma importante família de cartógrafos. Trabalhou inicialmente como engenheiro militar, quando, influenciado por Melchior Tavernier, intentou produzir um documento cartográfico. Nos primeiros tempos editava seus próprios mapas, trabalho posteriormente assumido por Pierre Mariette. Suas principais obras foram: *Galilee antiquae descriptio geographica*, 1627; *L'Empire Romain*, 1637; *La France*, 1644; *L'Asie*, 1652; *Les Estats de la Couronne d'Arragon en Espagne*, 1653; *L'Afrique*, 1656; e *Cartes générales de toutes les parties du monde*, 1658. Alguns de seus mapas foram novamente gravados por A. H. Jaillot e Pierre Duval. Faleceu em Paris, e seus filhos Nicolas, Adrien e Guillaume o sucederam na função de geógrafos da monarquia francesa.

Seco, Fernando Álvares (fl. 1561-1585)

Importante geógrafo e matemático português do século XVI, elaborou a primeira representação do reino de Portugal, conhecida como "edição Roma", de 1561. Esse mapa serviu para o trabalho de vários outros cartógrafos, como as edições de Ortelius, 1570; Mercator, 1600; Baptista van Doetichum e Jodocus Hondius, [1606]; e Blaeu [1635].

Seutter, Matthaeus (1678-1756)

Nascido em Augsburgo, região da Bavária, fundou uma tradição familiar de artistas e gravadores alemães. Matthaeus exerceu os ofícios de geógrafo, desenhista, gravador a buril e editor de arte. Foi aluno de Johann Baptist Homann na cidade de Nuremberg. Em 1731 recebeu o título de Geógrafo do Império de Carlos VI. Além de mapas, produziu também globos celestes. Tobias Conrad Lotter, seu genro, e Albrecht Seutter, seu filho, sucederam-lhe na empresa cartográfica. Suas principais obras foram *Atlas compendiosus sivi totus orbis Terrarum*, 1720; *Le plan de Paris*, 1720; Le Royaume de France, 1734; e *Atlas Minor*, 1740.

Somer, Jan

Pintor e gravador que exerceu o ofício principalmente em Paris, onde trabalhou para importantes cartógrafos e artistas, como Nicolas Sanson, Pierre Duval e Pierre Mariette. Gravou o mapa *Les estats de la couronne de Portugal en Espagne* de Sanson.

Sousa, Bartolomeu de
Bartolomeu foi arquiteto, que viveu no século XVII. Produziu a carta *Descripsão da provincia de Alemtejo*.

Starckman, P.
Gravador holandês nascido em Haia. Trabalhou durante o século XVIII para os cartógrafos Guillaume de L'Isle, Nicolas de Fer, Henri Michelot e Laurent Brèmond. Gravou *Les frontieres d'Espagne et de Portugal*, 1705, e *Le cours du Nil, suivant les auteurs modernes et les dernieres relations,* 1720, ambos de Nicolas de Fer; e, ainda, a *Carte de Perse, dressee pour l'usage du Roy*, de Guillaume D'Isle, datada de 1724.

Stoop, Dirck (ca. 1618-1686)
Filho de Willem Stoop, Dirck foi um famoso gravador e pintor holandês do século XVII. Nascido em Utrecht, pode ter vivido algum tempo na Itália entre os anos de 1635 e 1645. Ficou conhecido como desenhista de batalhas e cenas de cavalaria. Posteriormente, estabeleceu-se em Lisboa, encarregado pela Coroa britânica de integrar o séquito que acompanhou a princesa Catarina de Bragança em sua viagem à Inglaterra, onde se casou com o rei Carlos II, em 1662. Por essa ocasião, Stoop produziu sete gravuras panorâmicas da cidade de Lisboa, que formam ainda o também atlas factício *Le grand théâtre de l'Univers*. Ele também ilustrou uma edição das *Fábulas*, de Esopo. Morreu em Utrecht, em 1686.

V

Vincent, H. (Hubert) (fl. 1680-1730)
Natural de Lyon, viveu em Roma entre 1680 e 1730, onde gravou a obra *Istoria delle guerre del regno del Brasile*, publicada em 1698, de autoria do frei João José de Santa Teresa, com estampas desenhadas por Andrea Antonio Orazi.

W

Wolfe, John (m.1601)
Wolfe foi gravador da rainha Elizabeth e ficou conhecido por ter contestado os privilégios da empresa Stationers' Company. Publicou a edição inglesa da obra *Itinerario*, de Jan Huyghen van Linschoten, de 1598, juntamente com Robert Beckit. Publicou *Honorable City of London*, de 1596, e ainda a edição original de *A survey of London*, de 1598.

Bibliografia

ADONIAS, Isa. *A cartografia da Região Amazônica*: catálogo descritivo 1500-1961. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.

______. *Mapa*: imagens da formação territorial brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Odebrecht, 1993.

______. *Mapas e planos manuscritos relativos ao Brasil colonial.* Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1960.

BAGROW, Leo. *History of cartography*. London: C. A. Watts, 1964.

BÉNÉZIT, Emmanuel. *Dictionnaire critique et documentaire des peintres sculpteurs dessinateurs et graveurs*: de tous les temps et de les pays par un groupe d'ecrivains spécialistes français et étrangers. Nouvelle ed. entièrement refondue sous la direction dês héritters de E. Bénézit. Paris: Gründ, 1976. 10 v.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Exposição Coleção Barbosa Machado*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

______. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 1 e 2, 1876-1877; v. 3, 1877-1878; v. 56, 1934.

BLACK, Jeremy. *Maps and history*: constructing images of the past. Yale: Yale University Press, 1997.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *Colecionar, escrever a história*: a história de Portugal e de suas possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CARITA, Rui. *A Planta do Funchal de Mateus Fernandes* (c.1570). Coimbra: Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1983.

CARTOGRAFIA impressa dos séculos XVI e XVII: imagens de Portugal e Ilhas Atlânticas: exposição. Porto: Comissão Nacional para Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

CORTESÃO, Armando. *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*. Lisboa: Seara Nova, 1935.

______. & MOTA, Avelino Teixeira da. *Portugaliae monumenta cartographica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987. 6 v. + 1 atlas.

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos velhos mapas*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Instituto Rio Branco, 1957-1960. 2 v.

COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida. *Imagens cartográficas de Portugal na primeira metade do século XVIII*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Locais e Regionais), Universidade do Porto, Porto, 2007. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18491/2/tesemestimagenscartograficas000078479.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2012.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da. *A coleção de estampas*: Le Grand théâtre de l'univers, v. III, t. CII-CCXXV. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

DIAS, Maria Helena (Coord.). *Os mapas em Portugal*: da tradição aos novos rumos da Cartografia. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.

______. *Contributos para a história da cartografia militar portuguesa*. Lisboa: CEG, 2003. CD-ROM.

DICTIONARY of mapmakers. In: MAPHIST.COM: open information project for Map History. Disponível em: <http://www.maphist.com>. Acesso em: 30 set. 2015.

GARCIA, João Carlos. A configuração da fronteira luso-espanhola nos mapas dos séculos XV a XVIII. *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, Barcelona, v. 11, n. 41, p. 293-321, 1996.

GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1935-1960.

GUEDES, Max Justo. *Anônimo - Antônio Sanchez c. 1633*: atribuição da autoria de uma carta náutica original da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1970.

______. 500 anos de Brasil na Biblioteca Nacional: a cartografia. In: *Brasiliana da Biblioteca Nacional*: guia das fontes sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Fundação Biblioteca Nacional, 2001. cap. 13, p. 399-418.

HARLEY, John Brian & WOODWARD, David. *The History of cartography*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987-1998. 6 v. em 8.

KOEMAN'S Atlantes Neerlandic. New ed. - 't Goy-Houten, Netherlands: HES & De Graaf Publishers, c1997-2003. 3 v. em 4.

LIMA, Luís Caetano de. *Geografia histórica de todos os estados soberanos de Europa*. Lisboa Occidental: na Off. De Joseph antonio da sylva, 1734-[1736]. Disponível em: <http://purl.pt/403>. Acesso em: 1 out. 2015.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. Recortes de memória: reis e príncipes na coleção Barbosa Machado. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista & GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 127-154.

MOREIRA, Luís Miguel. *O Alto Minho na obra do engenheiro militar Custódio José Gomes de Villasboas*: cartografia, geografia e história das populações do final do século XVIII. [Lisboa]: Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 2011.

MOREIRA, Luís Miguel Alves de Bessa: *Cartografia, geografia e poder*: o processo de construção da imagem cartográfica de Portugal, na segunda metade do século XVIII. 2012. Tese. (Doutoramento em Geografia, Especialização em Geografia Humana)- Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24567>. Acesso em: 1 out. 2015.

MOREIRA, Rafael. Os grandes sistemas fortificados. In: *A arquitectura militar na expansão portuguesa.* [Lisboa]: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. p. 149-160.

______. Uma planta de Sesimbra de cerca de 1568-1570. In: *Sesimbra monumental e artística.* [Sesimbra]: Câmara Municipal, 1997. p. 189-196.

PEREIRA, Cecília Duprat de Britto. *Relatório final apresentado à direção da Biblioteca Nacional*. 1986. 10 p. datilog.

SCHILDER, Günter. *Monumenta cartographica Neerlandica*. Alphen aan den Rijn, Holland: Uitgevermaatschappij Canaletto, 1986-2003. 7 v.

SPINELLI JR, Jayme et al. Conservação de documentos planos: Coleção Diogo Barbosa, mappas do Reino de Portugal. In: *Associação Brasileira de Conservação e Restauração*. Congresso. 2000. Poster. Disponível em: http://www.bn.br/portal/arquivos/jpg/poster_ABRACOR_2000.jpg. Acesso em: 27 ago. 2010.

TEIXEIRA, Manuel C. (Coord.). *Arquivo Virtual de Cartografia Urbana Portuguesa*. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/cartografia_potuguesa/ textos/Indice.htm. Acesso em: 27 ago. 2010.

TEIXEIRA, Manuel C. & VALLA, Margarida. *O urbanismo português*: séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil. [Lisboa]: Livros Horizonte, 1999.

TOOLEY'S dictionary of mapmakers. Rev. ed. Tring, England: Map Collector Publications, 1999-2004. 4 v.

VITERBO, Sousa. *Dicionario historico e documental dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988. 3 v.